



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

LÚCIA DOS REIS GUERREIRO

Operação das opções: + √ × = ?
Ter ou Ser igual a incógnita

Contributo para a terceira Unidade Letiva do 9º ano “O Projeto de Vida”, do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Professora Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

Braga
2018

....

Não escolhemos quem nascemos, mas escolhemos quem crescemos

E no muito que nós somos há tanto que nós não vemos

Percebemos só quando não estamos sós

Que o que nós nunca nos vemos os outros vêm em nós.

...

Precisar que tu me ajudes a dar-te o melhor de mim.

...

Mas isto só faz sentido na estrada para ser feliz.

Anaquim, “A Estrada”, *Um dia destes*

AGRADECIMENTO

Pela compreensão sempre que falhei, pelas palavras amigas sempre que precisei, pelas atitudes de carinho sempre que pensei desistir...

A vocês mãe, pai, família. Os quilómetros que existem, mas não se impõem.

A ti, companheiro, amor. Este tempo, sempre fará parte da nossa história.

David, filho, és tudo. Muitas histórias, deste tempo, para contar-te.

A todos que alteraram o seu horário, para que eu tivesse horário, GNR de Arcos de Valdevez.

A quem deu o seu horário para cuidar de quem é meu horário...

A todos, a minha gratidão

RESUMO

Ter ou ser igual a incógnita, tema que incide no contributo à Unidade Letiva “O Projeto de Vida” do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), o qual se faz presente no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, do Mestrado em Ciências Religiosas.

Ter, reflete o conjunto que insere os objetos, a posse, o consumo; por outro lado, *ser* é o conjunto constituído por valores positivos que constroem a pessoa, a sua identidade e personalidade, conjunto que faz *ser* a pessoa com a qual a própria pessoa se identifica e por isso, se faz *ser* para o outro, assim, este *ser* caminha para o bem e também para Deus.

Nesta operação, o resultado, pretendido pelo humano ao longo da vida é a felicidade; mas, tal como a vida, o resultado é uma incógnita, esta evidenciada através do sinal de interrogação, porque na vida tudo pode acontecer.

Com a operação das opções, *ter* e *ser*, a opção fundamental é o amor, onde o resultado é a felicidade, quer para a própria pessoa como para o outro que também percorre a estrada da vida.

A estrada da vida onde em cada direção a seguir precisamos que o outro nos ajude a dar o melhor de nós; é na responsabilidade pelo outro que se reflete a opção fundamental, assim, o amor faz o bem, o bem que nos aproxima e nos dirige para Deus.

A construção do projeto de vida alicerça-se na decisão pela opção fundamental, onde *ter* e *ser* são tijolos da construção, neste sentido, torna-se importante orientar os alunos, adolescentes, para uma base que sustente os tijolos que querem, em liberdade, escolher para a construção, alicerçada, do seu projeto de vida.

A partir do enquadramento formulado, apresenta-se, na parte final do presente relatório, uma proposta de lecionação com o intuito de orientar os alunos para o discernimento sobre o tema da Unidade Letiva “O Projeto de Vida”.

PALAVRAS-CHAVE: Projeto, Ter, Ser, Opção, Construção, Identidade, Personalidade, Escolhas, Vida, Imprevisibilidade, Outro, Responsabilidade, Deus, Adolescência, Educação.

ABSTRACT

To have or to be equals uncertainty, theme that focuses on the contribution of the school unit “The Project of Life” of the syllabus of Catholic Religious and Moral Education, which is present in, the Practice of Supervised Education, of the Master’s degree in Religious Sciences.

To Have reflects the group which contains objects, possession, consumption, while on the other hand, *To Be* is the group constituted by positive values that builds the person’s identity and personality, this group leads the person to be the one whom he or she identifies with and for this reason, becomes a being to others, therefore this being walks towards goodness and also towards God.

In this process, the result that is intended by the human being throughout life is happiness; however, as in life, the result is uncertain which is emphasized with the question mark, because in life anything can happen.

With the activity concerning the options *To have* or *To be*, the key option is love, where the result is happiness for the person involved and for the other who also walks the path of life.

Throughout the path of life, we will need the other to help us in the directions we follow so that we will give the best of ourselves. It is in the responsibility towards the other where the fundamental option resides, love leads to goodness, the goodness that leads us and brings us closer to God.

The edification of a life project is founded on the decision of the fundamental option between the building bricks, *To have* and *To be*, in this sense, it becomes important to guide the students or adolescents towards grounds that will support the bricks they freely want to choose in order to build a consolidated life project.

Based on the layout of this framework, an approach on how to guide students towards the insight of the unit “Project of Life” is presented in final part of this report.

KEY WORDS: Project. To have, To be, Option, Building, Identity, Personality, Choices, Life, Unpredictability, The other, Responsibility, God, Adolescence, Education.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I - PROJETO DE VIDA: TER OU SER EM CONSTRUÇÃO	9
1. Projeto(s) de vida, em construção	9
2. Ter, em construção	12
3. Ser, em construção	15
4. Opção fundamental: que ter me faz ser	21
CAPÍTULO II - EM CONSTRUÇÃO, A INCÓGNITA	26
1. A vida: imprevista, incompleta, provisória	26
2. Adolescência: idade da incerteza e das oportunidades	28
3. A relação interpessoal	32
4. O adolescente e a questão religiosa	36
CAPÍTULO III – PLANIFICAÇÃO E LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA “O PROJETO DE VIDA”, 9º ANO, DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA	42
1. A Unidade Letiva: questões fundamentais	42
2. A EMRC na construção do projeto de vida	43
3. Apresentação da unidade didática	46
3.1. <i>Contexto da prática letiva</i>	46
3.2. <i>Caraterização da turma</i>	48
3.3. <i>Planificação descritiva</i>	50
3.3.1. Aula 1 – Projeto ou projetos?	50
3.3.2. Aula 2 – Projeto de vida e vocação	55
3.3.3. Aula 3 – A felicidade como projeto.....	59
3.3.4. Aula 4 – Operação das opções. Ter ou Ser a projetar a felicidade	64
3.3.5. Aula 5 – A parábola dos talentos e a participação ativa na construção do bem comum.	68
3.3.6. Aula 6 – A fé como fonte de felicidade.....	74
3.4. <i>Avaliação da lecionação</i>	78
CONCLUSÃO	83
BIBLIOGRAFIA	86
ANEXOS	92

INTRODUÇÃO

O que queres ser? Pergunta que está presente na memória de todos, em algum momento da vida, alguém a fez. Crescemos com esta pergunta, seja porque em tenra idade demonstramos, de alguma maneira, um gosto; seja, porque numa fase posterior, evidenciamos uma tendência natural para uma área mais específica, a qual facilmente nos fazia feliz, talvez vocação poder-se-á pensar, que faz querer poder fazer toda a vida. Esta pergunta, muito é dirigida para que se pense no que se quer fazer no âmbito profissional, ocupação remunerada que sustente a nossa vida para *ter*. Somos chamados a projetar ao longo da vida para que pensemos como conquistar o *ter*; somar bens materiais, coisas, objetos e consumir.

Construir mentalmente o nosso projeto de vida, como de um sonho acordado se tratasse, ao qual cada sonho é elaborado e colocado a acontecer no momento certo, cheio de perfeição, no decurso, sonhado, para a própria vida. Só a felicidade é possível como resultado. O projeto de vida comparado ao sonho que acordado construo na mente, ou, como uma tela em branco. Na tela, em cada pincelada coloco o que quero para a minha vida, projetada no *ter* e no *ser*. A arte de viver, de quem pinta o percurso da vida. A cor escolhida, bem ou mal, constrói o desenho, a pessoa. Ter muitas cores não significa que o desenho seja belo porque é na ação de optar pelas cores certas no momento adequado da pincelada que constrói a beleza, do desenho, da pessoa.

O sinal de somar, operacionaliza a opção do *ter*; engloba a posse, o acumular objetos, o consumo, o querer adquirir para colmatar necessidades, também vaidades, fraquezas, vazios. Por outro lado, o sinal de multiplicar, na operação da opção é o *ser*, da pessoa, a personalidade identificadora do humano onde ele próprio se identifica e em equilíbrio e liberdade, as escolhas, as decisões são baseadas em valores onde o bem é primordial, onde a opção fundamental, o amor, recebe a multiplicação e o *ser* é também para o outro, para o bem, assim, para Deus que é a meta, o fim último.

Na operação das opções, o resultado, igual a, é um ponto de interrogação. Todo o significado do uso deste sinal de pontuação, pretende mostrar que no projeto de vida, no caminho que se percorre tudo pode acontecer. Trata-se da incógnita que caminha connosco, do imprevisto que está sempre presente, do incompleto, porque tudo pode sobrevir.

Na dicotomia, representada pelos sinais matemáticos da soma, *ter*; e da multiplicação, *ser*; são conjuntos distintos, onde na disjunção lógica, operador ou (\vee), acontece a união destes dois conjuntos, os quais representam o que contém o projeto de vida da pessoa.

A fórmula da operação das opções: $+ \vee \times = ?$ (*ter* ou *ser* igual a incógnita), é a proposta a trabalhar, contributo para a Unidade Letiva “O Projeto de Vida”, do nono ano de

escolaridade, de acordo com o Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES).

Pensar a vida como um projeto, numa idade de construção e desenvolvimento, marcada por profundas transformações, repleta de experiências e de oportunidades, a adolescência, fase da vida onde a busca de significado para a vida, o conhecimento de si mesmo, projeta-se no futuro. Torna-se importante dotar os adolescentes de chaves de referência que os possa ajudar a refletir sobre a vida como um projeto, como uma construção ou uma estrada que se percorre, onde não está sozinho, para além de ser confrontado com ele próprio, também é com o outro, e a questão religiosa se faz presente.

Em termos metodológicos, este trabalho está redigido em três capítulos. O primeiro capítulo retrata a fórmula da operação das opções, no projeto de vida, neste sentido, a pertinência de pensar a vida como um projeto, explorar o conceito de projeto; saber mais sobre *ter* e sobre *ser*, com a exploração conceptual sintetizar algum trabalho já realizado; no final deste capítulo, a opção fundamental que ao *ter*, o *ser* da pessoa é construído, torna-se identidade pessoal e assim, é *ser* para o outro.

No segundo capítulo, o destaque é para a incógnita, apresentada na operação das opções, primeiramente a vida como incógnita, porque imprevista, incompleta e provisória, justificado pelo motivo de tudo poder acontecer. Depois, a incógnita, própria da idade da fase da adolescência, onde a incerteza e as muitas oportunidades em aberto, mostram direções que o adolescente é chamado a escolher, a opção que decide percorrer na estrada da vida. No percurso de vida o adolescente, o humano, não vive isolado, outro faz o caminho, acontece a relação interpessoal, esta questão onde a coerência entre o que se é e faz, e a responsabilidade pelo outro, onde o bem nos aproxima de Deus. Aqui surge o transcendente, a questão religiosa que nasce connosco, faz parte da cultura e que acompanha a vida.

No último capítulo, o enquadramento e a abordagem pedagógica e didática da Unidade Letiva; as questões fundamentais que surgem ao pensar sobre o projeto de vida e a relação com a disciplina. De seguida a descrição, de forma sucinta, do contexto da prática letiva, a turma e a proposta de lecionação, de seis aulas, para abordar o tema, onde é dada prevalência ao método indutivo, porque o aluno é o centro do processo ensino/aprendizagem e com uma linguagem simples e objetiva, a tentativa de apresentar aulas motivadoras e repletas de conteúdo, onde estará presente as metas de aprendizagem, os objetivos a atingir, os conteúdos a desenvolver, as estratégias de ensino. No final, a avaliação da prática letiva, de cada aula, para realçar o decorrer das aulas, as estratégias usadas e os recursos escolhidos.

No que se refere à metodologia de referencial bibliográfico, é a Norma Chicago 16A, estabelecida nas normas para este trabalho.

CAPÍTULO I - PROJETO DE VIDA: TER OU SER EM CONSTRUÇÃO

Pensar “O Projeto de Vida”¹ é uma aventura a ousar fazer, que acontece quando alunos da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) chegam ao final do terceiro ciclo do Ensino Básico. São chamados a escolher um caminho, o qual os levará a fazer opções consoante a sua situação particular. Assim, a consciencialização e o conhecimento de si, do que os rodeia, levá-los-á para que cada opção seja reflexo dos próprios, onde o outro também está presente.

As escolhas, decisões e comportamentos definem como cada pessoa se deixa orientar e o ideal de realização pessoal que pretende concretizar, *ter* ou *ser*, é a operação de disjunção lógica que está relacionada com a união de dois conjuntos, este formado por tudo o que pertence a *ter* e a *ser*.

Neste capítulo trata-se da compreensão de *projeto(s)* de vida, de *ter* e de *ser*, em construção, ao encontro da formação da personalidade e identidade da pessoa. Mesmo com a dificuldade de chegar a uma definição que retrate de forma universal os conceitos, tenta-se com a exploração conceptual apresentada sintetizar algum trabalho já realizado ao longo dos tempos, mas onde o objetivo primeiro não é aprofundar os conceitos de forma única e em demasia no círculo filosófico.

1. *Projeto(s)* de vida, em construção

Na Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, Projeto² vai ao encontro do que um indivíduo decide fazer ou se propõe a fazer. “Como o sugere o étimo da palavra (*pro* + *jacere* = lançar, atirar para diante), todo o projeto enquanto antecipação intencional do futuro, supõe uma certa independência a respeito dos dados e circunstâncias atualmente presentes.”³ Com isto, para o autor deste verbete, Manuel da Costa Freitas, só o ser humano pode ser sujeito de *projeto*, é um ser espiritual e livre, com independência em relação às coisas que continuamente o procuram, fazendo com que consiga organizar, pelo pensamento, uma resposta interior de uma qualidade, esta diferente da simples reação animal. Ou seja, é pela faculdade de pensar que o ser humano se distingue dos demais seres da natureza e assim, ainda pode lançar sobre eles a rede dos seus projetos, com isto comunicando-lhes um sentido e uma finalidade que, de algum modo, os transcende. Pelo *projeto*, que vai traduzir-se na antecipação espiritual das

¹ UL do 9º ano de escolaridade, de EMRC, sobre a qual basear-se-á o presente Relatório da PES

² Manuel da Costa Freitas, “Projeto”, Em *Logos Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia* (Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 2000), 453.

³ *Ibidem*.

possibilidades oferecidas pela sua mesma natureza e pela realidade que o envolve, o ser humano encontra-se já, de algum modo, onde ainda se espera. O deste *já* e *ainda não* reside a consideração e o valor de todo o autêntico *projeto*, fazendo com que não seja, apenas, uma vontade banal.

“Obra do pensar, que pesa o que há a fazer, o *projeto* tende naturalmente para a realização futura e, nessa tendência, submete-se às coisas e nelas se apoia, fazendo-as servir aos seus desígnios e intenções. Viver é para o homem projetar; e projetar é inquirir e perguntar. E quem pergunta, projetando, confia na eficácia da sua pergunta e espera a obtenção de uma resposta por parte da realidade que pelo projeto é instada e perguntada. O *projeto* afirma-se, deste modo, como a forma mais originária e elementar de toda a expectativa humana. A este nível de instintiva confiança na realidade, todo o ato especificamente humano redundando num êxito ou sucesso na medida em que traz ao presente a realização ou malogro de um *projeto*. Podemos definir o homem como um ser de *projeto* porque em tudo e sobre tudo visa a realização de determinados fins. Mas o homem não tem apenas projetos particulares; ele mesmo se revela como *projeto* fundamental, pois que ao projetar ou realizar alguma coisa a si mesmo se projeta ou realiza.”⁴

O Manual de EMRC para o nono ano de escolaridade, onde consta a Unidade Letiva “O Projeto de Vida”, apresenta a definição de *projeto* como sendo uma palavra que “deriva do latim e significa lançar para a frente, sugerindo movimento, ação, uma trajetória que se visualiza no tempo e no espaço, com o ponto de partida e outro de chegada. Envolve também a construção de algo novo e a transformação da realidade presente, sugerido a ideia de futuro.”⁵

Com o exemplo de Abraão, podemos ver que, pela fé em Deus, confiou e na esperança decidiu viver o projeto de salvação fundado na relação com Deus único e pessoal. “O Senhor disse a Abrão: Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar.” (Gn 12,1) Abraão decidiu agir conforme Deus lhe falava para realizar os objetivos de quem lhe ocupava a sua existência. Transformar a sua realidade no projeto de Deus para a

⁴ *Ibidem*, 454.

⁵ Cristina Sá Carvalho, coord. *Quero ser! Manual do Aluno – EMRC – 9º ano do Ensino Básico*. (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015), 96.

humanidade, é o propósito de Abraão que se “mostra disposto a oferecer a Deus o dom total e irrevogável de si próprio, da sua família, do seu futuro, dos seus sonhos, das suas aspirações, dos seus projetos, dos seus interesses.”⁶ Abraão, crente exemplar, com ele o projeto de salvação de Deus, o desejo de futuro com um fim concreto, o da salvação do povo. Abraão, chamado a decidir, agir, realizar, transformar, para concretizar o projeto de Deus, Abraão assume e arrisca, para o construir e concretizar.

Mas trata-se de projeto ou de projetos? O referido Manual do Aluno levanta a questão, ou seja, haverá apenas um projeto que envolve a vida do ser humano, ou haverá vários projetos pensados, repensados, vividos com sucessos e fracassos, que contribuem para a maturidade pessoal, que transformam o ser humano no modo como vive? Questionamento a fazer, que coloca os alunos, os adolescentes, o humano, a refletir sobre a pertinência e a relevância do projeto de vida, este “que se concretiza nas diferentes fases do crescimento, cujo objetivo é a experiência da felicidade.”⁷

Envolto em tudo o que foi exposto, e tendo presente que se trata de um tema abordado com alunos adolescentes, importa referir que “a adolescência é uma fase do desenvolvimento humano marcada por mudanças biológicas, psicológicas e sociais”⁸, uma fase central na formação do indivíduo caracterizada por uma procura de identidade, onde a autonomia tem um papel preponderante, pois trata-se de “um processo que envolve componentes emocionais, cognitivas e comportamentais”⁹.

“O projeto pessoal de vida é um apelo constante a caminhar, a libertar-se da inércia e do comodismo que a nada conduzem, para percorrer itinerários com objetivos traçados, sendo o mais importante a realização pessoal.”¹⁰ A acrescentar a tudo isto, é importante ter em conta que “o ser humano é naturalmente insaciável.”¹¹ Assim, a procura por projetos que encham, talvez de forma progressiva, a vida, onde a dimensão afetiva e pessoal seja a primazia do projeto de vida, deve ser um ensinamento perentório, para que, posteriormente, a construção de uma sociedade onde todos sejam iguais, justa para todos e humanitária, se torne uma perspetiva alcançável e não somente utópica. Mas se “cada pessoa é original, única e irrepetível, também o seu projeto de vida assumirá esta grandeza e importância.”¹²

⁶ *Ibidem*, 113.

⁷ *Ibidem*, 95.

⁸ Antonio Roazzi e Suely M. Santana, “Os adolescentes e seus projetos de vida”, *Revista Portuguesa de Pedagogia* 2 (1995): 61

⁹ *Ibidem*, 63.

¹⁰ Cristina Sá Carvalho, coord. *Quero ser! Manual do Aluno – EMRC – 9º ano do Ensino Básico*. (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015), 95.

¹¹ Enrique Rojas, *Uma Teoria da Felicidade* (Coimbra: Tenacitas, 2004), 50.

¹² Cristina Sá Carvalho, coord. *Quero ser! Manual do Aluno – EMRC – 9º ano do Ensino Básico*. (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015), 97.

Não caminhamos sozinhos na construção e realização de cada projeto; outros vão no mesmo caminho, ou encontrar-se-ão conosco. É crucial termos consciência de que o exercício da liberdade, as decisões tomadas, devem dar sentido ao caminho que percorremos, que é a vida, e que só é realizável com o outro e para o outro.

2. *Ter*, em construção

Na Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, *ter*¹³ é o “termo que na filosofia contemporânea foi elevado a categoria metafísica,”¹⁴ particularmente por Gabriel Marcel¹⁵. No âmbito da metafísica do *ter*, o valor do ser humano não é pelo que é, mas vai ao encontro do objeto de uma posse, esta mais vasta. “Subordinada à categoria do *ter*, a realidade deixa de ser vida, mistério, transformando-se em voragem de objetos que absorve inexoravelmente a quem a quer possuir.”¹⁶ Assim, o ser humano fica sujeito a considerar todas as coisas, incluindo ele mesmo, sob o aspeto da posse, como se tratasse de um instrumento. Isto leva à tendência para se tornar escravo daquilo que se possui, absorvendo-se e excluindo o outro, por se tratar de um privilégio pessoal. O mesmo acontece no domínio das ideias; estas, tratadas como coisa que se tem, significa o alienar-se, submeter-se a uma parte de si mesmo à condição de objeto, como também o opor-se a outrem para que as suas ideias sejam isso mesmo, só suas, ou que sejam as suas ideias as que triunfam contra tudo e contra todos – princípio do fanatismo, atitude do ideólogo em resumo. Também em relação ao corpo, ao considerar-se distinto dele, caminha-se na admissão de que se manda nele e que se trata de um instrumento seu que se pode utilizar como entender, até abandoná-lo, por sua vontade, o que leva ao suicídio. “Certas atitudes humanas, todavia, só têm sentido na esfera da categoria do *ter*; assim acontece com o *ter desejo*, que visa sempre a posse e o seu correlato, a *ter angústia* de se perder tudo o que se tem e o *ter desespero* de não poder ter tudo. As técnicas também só possuem sentido na esfera do

¹³ Alexandre Fradique Morujão, “Ter”, Em *Logos – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia* (Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 2001), 122.

¹⁴ *Ibidem*, 122.

¹⁵ Gabriel Marcel começa a estudar Filosofia no ano escolar de 1905-1906, tendo-se depressa apaixonado pela “matéria”. Durante a guerra, e depois dela, escreve algumas notas em que desenvolve fortes tendências existencialistas. Já a 1932 Gabriel Marcel profere uma conferência na Sociedade de Filosofia de Marselha sob o título “*Positions et approches concrètes do mystère ontologique*”, considerado o seu trabalho mais significativo, pois nele distingue essencial e metodologicamente entre “problema” e “mistério”, entre “ter” e “ser”. Se o “problema” visa ser resolvido sem implicações de ordem subjetiva, o mesmo não se passa com o “mistério”, que diz justamente a implicação do sujeito no perguntar que está longe de ter uma solução definitiva e irrecusável. O mesmo se passa com o “ter” e o “ser”, enquanto dimensões irreduzíveis da realidade, sendo que a primeira pertence à dimensão problemática e a segunda à dimensão misteriosa. Na verdade, o homem é essencialmente um mistério. http://www.snpcultura.org/gabriel_marcel_existencia_como_misterio.html consultado em 20 de abril de 2018.

¹⁶ *Ibidem*, 123.

ter, visam a conquista do mundo e, se há um otimismo do progresso técnico, a técnica é incapaz de salvar o ser humano de si mesmo.”¹⁷

Erich Fromm¹⁸ dedicou o livro *To Have and to Be* (1976) às duas modalidades básicas da existência: a modalidade do *ter* e a modalidade do *ser*. Proclamando a modalidade do *ter*, verifica-se que a verdadeira essência do ser humano é o *ter*; ou seja, o indivíduo só é pelo que tem. Assim, o ser humano é o que tem e o que consome.

No livro de Erich Fromm, *Ter ou Ser?* apresenta mudanças idiomáticas, no que se refere à ênfase no *ter* e *ser*, ou seja, no crescente uso de substantivos e decrescente uso de verbos nas línguas ocidentais.

“O substantivo é a designação adequada para uma coisa. Posso dizer que *tenho* coisas: por exemplo, que tenho uma mesa, uma casa, um livro, um carro. A designação apropriada para uma atividade, um processo, é dada pelo verbo: por exemplo, eu sou, eu amo, eu desejo, eu odeio, etc. Contudo, cada vez mais frequentemente uma *atividade* é expressa em termos de *ter*, isto é, emprega-se um substantivo em vez de um verbo. Mas exprimir uma atividade mediante emprego de *ter*, relacionado com um substantivo, constitui emprego errôneo da língua, porque processos e atividades não podem ser possuídos; só podem ser vividos.”¹⁹

A expressão *ter*²⁰ evoluiu na relação com a propriedade privada, ou seja, posse ou uso. Este modo *ter*, denota a realidade da existência de quem ou do que é. Neste sentido, o modo *ter* tem duas diferentes orientações para com o eu e o mundo e também duas diferentes estruturas

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ Erich Fromm (1900-1980) foi um psicanalista, sociólogo e pensador alemão. A sua trilogia é composta pelos livros “O Medo à Liberdade”, “A Análise do Homem” e “Psicanálise da Sociedade Contemporânea”, o autor tornou-se um importante tratado para a psicanálise no século XX. Fromm foi um destacado ativista em favor da paz e a sua postura política o levou a afastar-se do socialismo soviético, mas sempre mantendo uma dura crítica ao capitalismo. Segundo a “Teoria Humanista” de Fromm o homem é potencialmente bom e só se torna uma pessoa má diante de condições adversas. A “Psicanálise Humanista” de Fromm envolve tanto o tipo de caráter e suas influências, como também questiona acerca das bases da sociedade moderna, anti-humanista e mercantil. Erich Fromm produziu uma extensa obra, na qual aborda diversos temas, como inconsciente social, sonhos, religião, humanismo normativo e a modelagem do indivíduo pela sociedade, as necessidades básicas da alma humana etc. https://www.ebiografia.com/erich_fromm/, consultado em 20 de abril de 2018.

¹⁹ Erich Fromm, *Ter ou Ser?* (Rio de Janeiro: Guanabara, 1987), 39.

²⁰ Cf. *Ibidem*, 42. A evolução da palavra *ter*: “Em hebraico ‘eu tenho’ expresso pela forma indireta *jesh li* (‘é para mim’). Na realidade, predominam as línguas que exprimem posse dessa maneira, em vez de ‘eu tenho’. É interessante observar que na evolução das línguas a expressão ‘é para mim’ é seguida posteriormente pela expressão ‘eu tenho’ mas como Emile Benveniste observou, a evolução não ocorre no sentido contrário. Esse fato sugere que a expressão *ter* evolui em relação com a evolução da propriedade privada, enquanto esteja ausente em sociedades em que há propriedade predominantemente funcional, isto é, posse para uso. Estudos sociolinguísticos mais aprofundados poderão mostrar se e até que ponto esta hipótese é válida.”

de caráter em que as respectivas predominâncias determinam a totalidade do pensar, sentir e agir de uma pessoa. Erich Fromm, após pesquisa preliminar do significado de *ter* e *ser*, sobre *ter* diz que “no modo ter de existência, o meu relacionamento com o mundo é de pertença e posse, em que quero que tudo e todos, inclusive eu mesmo, sejam minha propriedade.”²¹ Aqui, coisas ou indivíduos são admitidos como objeto.

Outra vertente, o “*ter existencial* porque está enraizada na existência humana”²², está relacionada com o que é necessário para a existência humana, para mantermo-nos vivos, porque exige que tenhamos, conservemos, cuidemos e utilizemos certas coisas, para satisfazer as necessidades básicas. Aqui, o que importa não são os vários objetos do *ter*, mas toda a atitude humana. Qualquer coisa pode ser objeto de procura, desde propriedades a boas ações ou conhecimento, desde que não interfiram com a liberdade humana e sejam, assim, obstáculos à autorrealização.

Faço presente a imagem do quadro “*Operação das opções*”²³, o qual mostra a soma de objetos e situações que vão ao encontro do *ter*, como: muito dinheiro, 5 telemóveis, 1 computador, 1 tablet, amigos, roupa cool, consumos, festas, esta soma que retrata o *ter* como posse, objeto. O resultado desta maneira de operacionalizar as opções tem um ponto de interrogação na felicidade. Questiona sobre se este resultado de felicidade é conseguido pelas opções feitas, se são verdadeiramente opções para a felicidade, para a realização pessoal, como opção para viver, de *ser* na existência humana.

Neste seguimento, faço nota sobre o que é consumir, trata-se de uma forma de *ter*, apresenta-se com qualidades ambíguas, quer dizer: “alivia ansiedade, porque o que se tem não pode ser tirado; mas exige que se consuma cada vez mais, porque o consumo anterior logo perde a sua característica de satisfazer. Os consumidores modernos podem identificar-se pela fórmula: *eu sou = o que tenho e o que consumo.*”²⁴ Muito porque a sociedade de hoje vive na base do adquirir, onde o lucro também está presente, o modo *ter de existência* torna-se o natural, o mais aceitável de se viver.

O *eu* congrega o mais importante objeto do nosso sentimento de propriedade, é um misto de qualidades concretas, tudo o que construímos em torno do núcleo de realidade. O essencial não é tanto o que é o conteúdo do *eu*, mas sim que o *eu* seja sentido como uma *coisa* que cada um possui, e que esta *coisa* seja a base do sentido de identidade.

²¹ Erich Fromm, *Ter ou Ser?* (Rio de Janeiro: Guanabara, 1987), 43.

²² *Ibidem*, 95.

²³ Cristina Sá Carvalho, coord. *Quero ser! Manual do Aluno – EMRC – 9º ano do Ensino Básico*. (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015), 107.

²⁴ Erich Fromm, *Ter ou Ser?* (Rio de Janeiro: Guanabara, 1987), 45.

A aquisição leva à posse e ao uso transitório, dando depois lugar a uma nova aquisição, constituindo um círculo vicioso do comprador/consumidor. Está patente a emoção da aquisição e o ato de tomar posse. Neste sentido, quanto mais frequentemente acontece, mais frequente é a emoção que se sente. Também a questão da obtenção de lucro, como a necessidade de experimentar novos estímulos, ou, a mudança no estatuto social, acontece por causa do *ter*.

Este modo *ter de existência* até aqui abordado, de forma negativista, tem um elemento compensador que está no modo de agir contemporâneo: “padrões de consumo que não constituem formas ocultas de aquisição e posse, mas expressões de verdadeira alegria ao fazerem o que lhes agrada sem esperar nada de durável em troca.”²⁵ Hoje, o querer *ser* está mais presente, o interesse numa recompensa ou em qualquer coisa que se possa guardar, não é o mais importante. Embora, os mais jovens apresentem a dificuldade em conhecerem a si mesmo, ou a algo que lhes sirva de orientação para a própria vida. Procuram, de várias formas, conhecerem-se, sendo isto, mais importante e que os ocupa muito mais, que propriamente, preocuparem-se em *ter* e em consumir. Mas este elemento positivo tem reservas, os jovens na procura de si mesmo, não têm um propósito de vida, uma meta a atingir. O modo de viver é o dia a dia vivido com a liberdade que é entendida, na individualidade, sem restrições ou dependências a algo ou a alguém. O que faz com que não desenvolvam a maturidade para a tomada de decisões, de opções concretas. Isto, trata-se de inércia e não de vida.

Nesta dicotomia *ter ou ser* salienta-se o exemplo de Abraão, a sua decisão de fazer conforme o que Deus lhe pedia, “O Senhor disse a Abrão: Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar” (Gn 12,1), a sua atitude e o seu sentido de *ter*, porque “para Abraão, nada mais conta quando estão em jogo os planos de Deus; nem o apego à sua terra de origem, nem o dinheiro, nem o poder, nem o reconhecimento social, nem o sucesso.”²⁶ Este sentido que Abraão deposita no *ter*, não é de posse, nem de uso, nem de procura por estatuto ou condição social, trata-se sim, de fé, de a *ter* para decidir cumprir o pedido de Deus e assim viver de acordo com o que Deus quer para a humanidade.

3. *Ser*, em construção

Na Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, pode ler-se que *ser*²⁷ exerce a dupla função de verbo absoluto e de verbo copulativo. Isto, pela primeira, o significado recai na ação

²⁵ *Ibidem*, 85.

²⁶ Cristina Sá Carvalho, coord. *Quero ser! Manual do Aluno – EMRC – 9º ano do Ensino Básico*. (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015), 113.

²⁷ J. Enes, “Ser”, Em *Logos - Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, (Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 2000), 1045.

ou no estado que é o conteúdo da sua definição lexical. Nesta aceção, diz-se que *ser* é um verbo de existência. Pela segunda, trata-se do morfema da enunciação, ou seja, é uma noção gramatical. Em ambas as aceções, *ser* tem sido um tema dominante da filosofia contemporânea, muito devido à denúncia heideggeriana²⁸ do esquecimento do *ser* quanto ao seu sentido absoluto; mas também quanto à função copulativa. Com isto, a teorização filosófica sobre o *ser* parte da interpretação linguística, mas a esta também regressa, para receber a cientificidade dos apuramentos.

Muitos étimos tentam expressar a estrutura experiencial na sua totalidade, sem conseguir, muitos continuam a ser formados, tanto na fala do quotidiano como nas linguagens literárias, científicas e filosóficas.

“Assim, a denominação *verbo de existência* não abrange os diversos significados que *ser* assume nos seus empregos de verbo absoluto. Paralelamente, a aceção copulativa não se esgota na noção gramatical, mas é empregada também em vários usos lógicos e metafísicos. Algumas das aceções e dos seus respetivos sentidos do verbo *ser*, através dos quais a experiencialidade humana se exprime, só têm sido explicitados por alguns discursos filosóficos. Ora, toda a expressividade de *ser* assenta sobre o seu significado originário que se formula na definição lexical. É a partir dele que os seus sentidos e funções são configurados tanto pelo discurso natural e elocutório, que elabora e constrói os sistemas linguísticos e as linguagens da quotidianidade, como pelo discurso reflexo da cientificação dos vários domínios da existência humana.”²⁹

A experiência da realidade, a do estado de vigília, é a única em que o ser humano tem o poder e a liberdade de julgar entre o que é mera imagem ou representação. Por este motivo, tem o domínio dos seus atos e por conseguinte responsabilidade moral dos mesmos que fundamenta

²⁸ Martin Heidegger (1889-1976) foi um filósofo alemão da corrente existencialista, um dos maiores filósofos do século XX. Foi professor e escritor, exercendo grande influência em intelectuais como Jean-Paul Sartre. A partir da influência que adquiriu do professor Husserl, tornou-se seu herdeiro na liderança da fenomenologia – sistema filosófico que estuda o conjunto de fenômenos e estruturas da experiência consciente e como eles se manifestam através do tempo e do espaço. A filosofia de Heidegger baseia-se na ideia de que o ser humano é um ser que procura aquilo que não é. Ou seja, o projeto de vida pode ser eliminado pelas pressões da vida e pelo quotidiano, o que leva o ser humano a isolar-se de si mesmo. Heidegger também trabalhou o conceito de angústia, a partir do qual o ser humano transcende as suas dificuldades ou deixa-se dominar por elas. Assim, o ser humano seria um projeto inacabado. https://www.ebiografia.com/martin_heidegger/ consultado em 20 de abril de 2018.

²⁹ J. Enes, “Ser”, Em *Logos - Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, (Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 2000), 1046.

e comanda o comportamento humano. Por consequência, a constituição dos sistemas linguísticos e as linguagens do seu uso, sendo que há hábitos discursivos que podem inviabilizar ou afetar a sua integridade, levando ao sucesso ou ao insucesso das doutrinas ou teorias sobre o *ser*.

“O que a significação do indicativo presente diz, é que o exercício de ser está em ação e que este estar em ação é o próprio exercício de ser.”³⁰ Acontece que, não há um estar em ação sem que haja algo que esteja a exercê-la. Na experiência vígil, o propósito, tanto do lado do sentir, que é o da coisa e do mundo, como do lado do que é o sujeito, como princípio e dono da consciência. Significa que a percepção do eu determina a concepção do ser. “A nossa mente por si mesma a si mesma conhece enquanto conhece que é (existe): pois ao perceber que age, percebe que é (existe).”³¹ O que vai ao encontro da consciência, esta que é a percepção que a mente tem da emanção acional dos atos cônecios, com esta emanção, a mente vive e é.

Outro ponto a mencionar é o da *essência* em relação ao *ser* e do *ser* em relação à *essência*, esta é uma potência de *ser*, seguindo como, a essência é um *ato imanente*, ou seja, *ato* que dá à *essência* a energia substancial da natureza, assim o *ser* é a atuação da *essência*. Dando continuidade, “a *essência determina o ser*, define-o, configura-o, limita-o, segundo o modo por que o ato é determinado pela potência.”³² O que significa que o *ser* atua e põe a *essência* em ação. Com isto, Tomás de Aquino³³ demonstra a sua concepção ontológica dizendo que ao que chama *ser* é, entre tudo, o mais perfeito, ou seja, “o ato é sempre mais perfeito do que a potência”. *Ser* entende-se sempre como ser ato.”³⁴ Põe-se em “confronto três modos de existir”³⁵. Saliento o terceiro, que fala sobre o *existir em ato*. Este em ato é o núcleo do sentido do *ser*, o que configura existir no próprio *ser*, porque só se é propriamente *ser* ao estar em ato.

³⁰ *Ibidem*, 1053.

³¹ *Ibidem*.

³² *Ibidem*, 1054.

³³ Tomás de Aquino (1225-1274) foi um frei católico, filósofo e teólogo italiano da Idade Média, da Ordem Dominicana. É o autor da “Suma Teológica” onde faz uma clara exposição dos princípios do catolicismo, foi considerado doutor da igreja católica e príncipe da escolástica. Tomás de Aquino tem importância fundamental para o pensamento filosófico e teológico do ocidente. Em sua obra principal, a “Suma Teológica”, expôs através de questões os assuntos mais relevantes sobre a fé e o conhecimento filosófico. Na obra, mostra a relação entre o cristianismo e a filosofia clássica grega, tendo as ideias de Aristóteles como fundamento. O conjunto de livros é uma das obras centrais da literatura ocidental, além de ser o sustentáculo do Tomismo - corrente filosófica que tem as teorias de Tomás de Aquino como substrato. Não estudou diretamente os temas sociológicos, mas ao tratar da sociedade como elemento necessário ao aperfeiçoamento da personalidade humana, examinou detidamente a sua origem e finalidade, suas características, suas formas principais, suas relações com os indivíduos etc. Tomás de Aquino faleceu na Itália, no dia 7 de março de 1274. Foi santificado pelo Papa João XXII, em 1323. https://www.ebiografia.com/tomas_de_aquino/, consultado em 20 de abril de 2018.

³⁴ J. Enes, “Ser”, Em *Logos - Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, (Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 2000), 1055.

³⁵ Cf. *Ibidem*, 1055. “Três modos de existir. O primeiro é o *em potência*, passiva, como a essência humana de um indivíduo que está na potencialidade da matéria (no sentido aristotélico); ou ativa, como na potencia genésica dos progenitores. O segundo é o *do objeto* do conhecimento enquanto está a ser conhecido. O terceiro é o *existir em ato*.”

O ser é também efeito próprio de Deus, “*Solus Deus dat esse*”³⁶, quer dizer, “só Deus dá o ser”³⁷. Trata-se da conceção sobre a ideia da criação e a da conservação das criaturas no ser, onde o *ser* é o que há de mais íntimo e profundo em tudo, o que resulta que Deus esteja em tudo, de forma íntima. “Por Deus ter o *ser* como essência, ele é o supremo bem e o princípio agente que aos outros entes comunica o *ser* e, neste, a força de agir, e agir outra coisa não é senão *causar ser*.”³⁸

O filósofo alemão, Martin Heidegger, fala da experiência ontológica na perspectiva histórica da ontologia, ou seja, “descobriu a natureza antepredicativa e a-concetuual da experiência do *ser* e usou a fenomenologia hermenêutica como método de revelação discursiva daquela experiência. A *experiência ontológica* é constitutiva dos núcleos comportamentais mais profundos e principais da existência humana enquanto tal.”³⁹ Assim, a experiência ontológica está submetida às decisões do comportamento humano e a tudo o que isto engloba, desde a cultura, ética, direito, religião, ciência, filosofia, e demais, porque “o método ontológico só responderá às exigências conjunturais se, interpretando os discursos elaborados e a fala da quotidianidade, conseguir alcançar o momento experiencial donde parte e está sempre a partir a elaboração dos discursos e dos sistemas. Nesse momento vige intacta a experiência do *ser*.”⁴⁰

Para Gabriel Marcel, “o *ser* apreende-se, não no registo lógico, mas com o esclarecimento de certos atos propriamente espirituais, como a fidelidade, o amor, a esperança, a promessa, numa reflexão recuperadora do *ser*, que nos leva ao outro.”⁴¹ O outro, “no domínio do *ser* é um sujeito livre, um *tu*, a quem me dirijo e é capaz de me responder, capaz de estar inteiramente comigo quando tiver necessidade dele. A coexistência, a comunhão de ser de dois existentes é o *nós*, traduzindo uma intimidade espiritual original.”⁴²

Atos propriamente espirituais que, numa reflexão recuperadora do *ser*, nos leva ao outro, onde *o amor faz o bem*, evidenciado no Manual do Aluno para dizer o ato de agir, de *ser*, o que é próprio de quem tem fé, como na Carta de S. Paulo aos Romanos:

“Que o vosso amor seja sincero. Detestai o mal e apegai-vos ao bem. Sede afetuosos uns para com os outros no amor fraterno; adiantai-vos uns aos outros na estima mútua. Não sejais preguiçosos

³⁶ *Ibidem*, 1057.

³⁷ *Ibidem*, conforme tradução apresentada.

³⁸ *Ibidem*, 1058.

³⁹ *Ibidem*, 1087.

⁴⁰ *Ibidem*.

⁴¹ Alexandre Fradique Morujão, “Ter”, Em *Logos – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia* (Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 2001), 123.

⁴² *Ibidem*, 124.

na vossa dedicação; deixai-vos inflamar pelo Espírito; entregai-vos ao serviço do Senhor. Sede alegres na esperança, pacientes na tribulação, perseverantes na oração. Partilhai com os santos que passam necessidade; aproveitai todas as ocasiões para serdes hospitaleiros.

Bendizei os que vos perseguem; bendizei, não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que alegram, chorai com os que choram. Preocupai-vos em andar de acordo uns com os outros; não vos preocupeis com as grandezas, mas entregai-vos ao que é humilde; não vos julgueis sábios por vós próprios. Não pagueis a ninguém o mal com o mal; interessai-vos pelo que é bom diante de todos os homens. Tanto quanto for possível e de vós dependa, vivei em paz com todos os homens.” (Rm 12,9-18)

Erich Fromm dedicou o livro *To Have and to Be* (1976) às duas modalidades básicas da existência: a modalidade do *ter* e a modalidade do *ser*. Na modalidade do *ser* da existência individual e social, o retratado é o ser humano ser muito e não ter muito. “A característica fundamental desta modalidade consiste em ser ativo (não no sentido de atividade exterior, de agitação, mas sim no sentido de uma atividade interior que utiliza de modo produtivo as faculdades e talentos que cada ser humano possui em graus diversos).”⁴³ O *ser* que é indicado vai ao encontro de um ser humano que não possui o desejo de *ter*, de possuir, de controlar o mundo, que vive para os seus próprios interesses, mas, pelo contrário, trata-se de um ser humano solidário com o que o rodeia, com o mundo, sentindo amor e respeito pela vida em todas as manifestações.

Com o mencionado pelo pensamento destes dois últimos autores, faço presente a “*Operação das opções*”⁴⁴ que consta no Manual do Aluno, onde o *ser* é apresentado através de valores positivos, como a solidariedade, a amizade, o altruísmo, entre outros; valores onde a multiplicação é no amor, opção fundamental. O resultado desta operação é a felicidade sem qualquer interrogação, quer dizer, que a felicidade é conseguida, sentida, sem qualquer dúvida. Significa que não será desconhecido o resultado, felicidade, quando as escolhas são por valores positivos, estes vão repercutir-se na própria pessoa e para com o outro. A opção pelo amor retira qualquer incógnita que possa surgir na escolha feita.

⁴³ Alexandre Fradique Morujão, “Ter”, Em *Logos – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia* (Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 2001), 124.

⁴⁴ Cristina Sá Carvalho, coord. *Quero ser! Manual do Aluno – EMRC – 9º ano do Ensino Básico*. (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015), 107.

O ser humano é responsável pela vida que escolhe viver e neste caminho o *ser* constrói-se pelo que é feito, pelo que tem importância real na existência humana, os valores que bons se põem em ação, na estrada da vida para se ser feliz, onde o outro percorre conosco e em cada dia, o *ser* só o é com o olhar na responsabilidade de tornar a vida de alguém mais feliz, isto consegue-se a *ser*.

Mestre Eckhart⁴⁵ usa *ser* de dois modos diferentes, mas relacionados: um mais estrito e psicológico, onde *ser* mostra as reais motivações que impelem o humano a agir e a pensar. Isto é, não é no *ser* bons pelo número ou espécie de coisas a fazer, mas sim nos fundamentos que sustentam o que é feito. “Nosso ser é a conduta; em contraste, os feitos ou opiniões que estão separados de nosso núcleo dinâmico não têm realidade alguma.”⁴⁶ O outro modo de *ser*, é mais amplo e fundamental: diz que *ser* é vida, atividade, nascimento, renovação, entre outros. Nesta linha de pensamento, *ser* vai ao encontro do estar atuante, em si mesmo e além de si mesmo, é como que aumentasse à medida que se enche, mas que nunca está cheio.

Uma questão aguda, como “assinalou Georg Simmel⁴⁷, a ideia de que *ser* implica mudança, isto é, *ser* é transformar-se,”⁴⁸ conceito de Heráclito⁴⁹ e de Friedrich Hegel⁵⁰ de vida

⁴⁵ Johann Eckhart, o Mestre Eckhart, Professor e teólogo alemão dominicano (1260 – 1327), defendeu uma filosofia das mais originais, considerado o maior místico especulativo alemão. Com ensinamentos centrados na união da alma individual com Deus, resultante da fusão de elementos gregos, neoplatônicos, árabes e escolásticos, partia da afirmação de que: *o homem e o mundo nada são sem Deus*. Produziu uma obra caracterizada por uma busca da justificação da fé, esta que não conta com o suporte da razão. Autor de “Opus tripartitum, Quaestiones”, “Pregações e Tratados”, estes dois últimos em alemão. Entre os seus tratados, destacam-se o “Livro da divina consolação”, “Do homem nobre e Do desapareço”. <http://biografias.netsaber.com.br/biografia-1935/biografia-de-johannes-eckhart--o-mestre-eckhart>, consultado em 20 de abril de 2018.

⁴⁶ Erich Fromm, *Ter ou Ser?* (Rio de Janeiro: Guanabara, 1987), 77.

⁴⁷ Georg Simmel, (1858-1918) foi um sociólogo e filósofo alemão, considerado o fundador da Sociologia Formal ou Sociologia das Formas Sociais. A investigação em torno da correspondência funcional na sociedade constituiu o tema central do trabalho de Simmel, e por meio dela procurou desenvolver uma sistemática incondicionada do social, ou seja, atemporalmente válida e independente dos fatores históricos. https://www.ebiografia.com/georg_simmel/, consultado em 20 de abril de 2018.

⁴⁸ Erich Fromm, *Ter ou Ser?* (Rio de Janeiro: Guanabara, 1987), 43.

⁴⁹ Heráclito (540 a.C. – 470 a.C.) foi um filósofo pré-socrático da Ásia Menor. Escreveu com extrema complexidade a respeito da ciência, da teologia e das relações humanas. Foi considerado o precursor da dialética e um dos fundadores da metafísica. Como os outros filósofos, Heráclito tentava encontrar o “*physis*” – o princípio gerador e regulador de todas as coisas da natureza. Considerava a natureza em constante “*devenir*” (transformação), e o fogo como substância original, ou seja, o primeiro elemento na composição da matéria. Enquanto alguns negavam o movimento, Heráclito afirmava ser tudo movimento. Ao contrário da maioria dos filósofos antigos, Heráclito é visto como um autodidata, ou seja, era um pensador independente de escolas e movimentos. Em meados de 490 a.C. Heráclito escreveu “Sobre a Natureza”, obra que se divide em mais de cem fragmentos, complexa e enigmática, que rendeu ao filósofo o codinome de “Obscuro”. <https://www.ebiografia.com/heraclito/>, consultado em 20 de abril de 2018.

⁵⁰ Friedrich Hegel (1770-1831) foi um filósofo alemão. Um dos criadores do sistema filosófico chamado idealismo absoluto. Foi precursor da filosofia continental e do marxismo. O sistema desenvolvido por Hegel, o idealismo absoluto, abrangeu várias áreas do conhecimento como a política, a psicologia, a arte, a filosofia e a religião. A teoria do filósofo baseia-se na ideia de que as contradições e dialéticas são resolvidas para a criação de um modelo, que tanto pode refletir-se no espírito - sentido de alma e aspirações ideais, como no Estado político. O seu livro “Fenomenologia do Espírito” (1807) foi a sua obra maior. O livro refletia as etapas da consciência que apreende o mundo e encontra a si mesmo para chegar finalmente à totalidade e ao absoluto. O pensamento hegeliano foi crucial para o desenvolvimento das teorias de Karl Marx, embora este usasse o método dialético de

como um processo, e não como uma substância, ou seja, *ser* consegue-se pela experiência de existir, pelo crescimento, que implica mudança, transformação, é um processo inerente ao ser humano.

Também *ser* visualiza-se no exemplo de Abraão, que manifesta com a sua atitude de cumprir sem hesitar o que Deus lhe pede: “O Senhor disse a Abrão: Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar.” (Gn 12,1) Abraão na decisão e no agir, demonstra o seu *ser* na “relação com Deus, manifesta respeito, humildade, disponibilidade, obediência, confiança, amor e fé – atitudes que o definem como crente ideal e modelo para os crentes de todas as épocas.”⁵¹

4. Opção fundamental: que ter me faz *ser*

O ser humano, em liberdade, constrói-se através das escolhas que decide tomar. Essas escolhas, fruto do discernimento, irão resultar no bem ou no mal. Assim, a pessoa tem em si mesma o seu próprio projeto, que procura concretizar na sua existência e que ao concretizá-lo, realiza-se no seu *ser*. A experiência concreta, em cada situação, exige orientação na própria existência, ou seja, uma decisão livre, e é aqui que o ser humano experimenta a sua condição de ser livre e condicionado, assim, um indivíduo em projeto e em concreto.

Neste sentido, o humano é sujeito da opção, em desenvolvimento, porque pela opção se autodetermina e constrói ética, na sua própria forma de raciocinar e de encontrar estratégias de ação. Porque através de opções, vai estabelecer um objetivo final, um sentido de agir de determinada forma, porque se coloca em direção a determinada finalidade, este fim revela o agir consistente e com sentido, revela a sua identidade e assume a sua postura em relação ao que o rodeia, porque em cada momento existem fatores da realidade que se impõem, sendo a opção sempre opção em liberdade condicionada.

É o indivíduo que tem de decidir sobre o sentido último e definitivo que quer dar à sua vida. Advém daqui um determinado agir, um determinado comportamento habitual e característico, ou seja, um modo de vida próprio e específico, um perfil único, que em liberdade vai seguir um sentido fundamental que retrata e atinge o seu *ser*. Esta liberdade será reflexo de uma responsabilidade consciente e comprometida a todos os níveis da existência, onde as repercussões do agir vão estar presentes. Isto demonstra o sujeito ético a descobrir um sentido

Hegel em bases materialistas e econômicas. <https://www.ebiografia.com/hegel/>, consultado em 20 de abril de 2018.

⁵¹ Cristina Sá Carvalho, coord. *Quero ser! Manual do Aluno – EMRC – 9º ano do Ensino Básico*. (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015), 113.

para o seu percurso, que projeta um caminho que o motive a viver e a agir, uma orientação de vida de que se sinta responsável e pela qual possa alcançar a autonomia e a autenticidade do seu comportamento.

Neste contexto, é preciso a opção fundamental, a decisão, aquela pela qual o ser humano se realiza. Por esta decisão o ser humano é capaz de decidir livremente e em consciência ao longo da história. A opção, a qual é consciência de si mesmo, capaz de assumir-se, de apreender-se, para poder tomar decisões que constroem a sua vida. A opção fundamental está para além do ato ou atos, ou seja, da dimensão categorial. O plano do agir concreto é mais do que a soma dos atos realizados: trata-se da pessoa em ato, enquanto *ser* que é, que a compromete como pessoa, ou seja, a dimensão transcendental, plano do sentido enquanto significação e orientação, assim é a opção fundamental, é a opção primordial, a mais profunda, original e originária do ser humano.

A opção fundamental é a expressão da responsabilidade moral, que demonstra a intenção unificante que acompanha o comportamento, que está na base de um processo de crescimento e desenvolvimento, que se inscreve na dinâmica da pessoa, e que delinea a sua identidade. Dentro das coordenadas do tempo e do espaço, o humano situa-se como face da transcendência, que se autodescobre como ser livre ao conhecer e ao decidir. Nisto se constrói, se faz *ser*, a sua existência, a si mesmo, pela construção consciente e livre do decidir, na contínua conquista do seu próprio *ser*. Trata-se de um processo ontológico, porque é o sujeito que decide o que ele é, ou seja, um *ser* que constrói a si mesmo através das suas decisões.

A registrar é o facto de que não se vive isolado; neste sentido, a situação concreta não é único critério para a decisão, e na sua realização existe o dinamismo da evolução na constante interação consigo, com o outro. Para a realização, deve correr o risco da aventura humana, do erro, mas também deixar-se iluminar na busca, com tudo o que o rodeia. Nesta procura de sentido para o seu agir, com cuidadosa responsabilidade, vai encontrar em si mesmo o fundamento da sua ação, e descobre os caminhos mais adequados para a sua realização. Porque o ser humano é dotado de inteligência, de capacidade para dar sentido à sua própria existência, de projetar o seu futuro em direção a um objetivo que estabelece, também é capaz de orientar as suas opções para um fim último que é Deus.

Importa mencionar algumas perspetivas, primeiramente, a de Tomás de Aquino, onde a opção fundamental é “*ato primeiro* (racional e livre), que é a primeira escolha pelo Bem como tal”⁵², o bem que na concretização orienta o sujeito para Deus. Na perspetiva psicológica, a opção fundamental “representa a orientação e a direção de toda a vida para um fim, que só é válida quando mostra a dinâmica que impregna e transforma todas as atitudes e

⁵² Marco Gomes, “A opção fundamental”, *Communio - Revista Internacional Católica* 1 (1997): 73.

comportamentos da pessoa.”⁵³ A perspectiva transcendental entende a opção fundamental ligada à liberdade humana. Com liberdade, o humano deseja realizar-se, para isso, a opção fundamental vai preceder todas as opções com que o humano se vai autoconstruir. O ato originário da vontade humana que constitui a orientação da personalidade, como condição transcendental de toda a escolha e orientação do ser humano, com a qual se compromete e assim a própria existência age em conformidade com o fim, este que é o bem, que é Deus.

O fundamento teológico da decisão vai ao encontro da consciência pessoal, não entregue a reações espontâneas. Não é simplesmente o lugar da opção pessoal do indivíduo no aqui e agora, mas, é a possibilidade de elaborar o passado e preparar o futuro. O fundamento teológico da decisão encontra-se na opção feita de acordo consigo mesmo, o ser humano assemelha-se cada vez mais a Deus. Com isto, J. B. Libânio⁵⁴ diz:

“Na vida intratrinitária, há em Deus uma unidade essencial, eterna, entre seu querer, sua vontade, seu amor e seu conhecer. Deus quer, opta eternamente pelo que eternamente conhece de si mesmo. Nesta perfeita fidelidade a si mesmo, acontece sua eterna decisão. A verdade e autenticidade coincidem totalmente.”⁵⁵

Na fidelidade acontece a decisão, e a verdade e a autenticidade coincidem totalmente. Faz-se presente a consequência, baseada no ser humano como ser autêntico, no sentido de querer ser fiel a si mesmo, mas que ao optar contra a própria natureza, resultarão consequências devido ao seu erro. Assim, na medida em que o humano opta coerente e verdadeiramente conforme a sua própria natureza, mais se assemelha à vida trinitária. Com isto, frisa-se que a coerência que o ser humano coloca nas suas decisões, tornam-no mais próximo de Deus, mais semelhante à fonte do seu *ser*.

Na existência humana, o ser humano não pode não tomar decisões, para que os acontecimentos façam com que o indivíduo assuma em liberdade certas posições, certas opções, se autodetermine, ou, por outro lado, encontra-se perante decisões já acontecidas,

⁵³ *Ibidem*, 74.

⁵⁴ Padre jesuíta João Batista Libânio, foi professor de Teologia e seus estudos de Teologia Sistemática foram concluídos na Hochschule Sankt Georgen, em Frankfurt, Alemanha, onde também estudou com os maiores nomes da Teologia europeia. Era mestre e doutor (1968) em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Também foi vigário da paróquia Nossa Senhora de Lourdes, em Vespasiano. É autor de cerca de 125 livros, dos quais 36 de autoria própria e os demais em colaboração com outros autores, alguns editados em outras línguas. Além disso, possui mais de 40 artigos publicados em periódicos especializados, e inúmeros artigos em jornais e revistas. <http://www.ihu.unisinos.br/170-noticias/noticias-2014/527799-morre-aos-81-anos-o-padre-joao-batista-libanio>, consultado em 23 de abril de 2018.

⁵⁵ J. B. Libânio, *Pecado e Opção fundamental* (Petrópolis: Vozes, 1976), 46.

impostas pelos próprios acontecimentos. Com isto, a indecisão é uma maneira de decidir, porque não decidir é deixar-se decidir pelos acontecimentos intransigentes, não assumidos em liberdade, para a tomada de decisão.

A indecisão acarreta um problema grave; trata-se da resistência diante de decisões definitivas, o medo da responsabilidade inibe as decisões, o que faz com que a indecisão se manifeste na transferência das decisões para outros ou para outras circunstâncias, o que leva ao vazio, este da indecisão, que se supera pela atitude de optar. Viver na indecisão ou deixar que os acontecimentos decidam sobre nós, faz com que deixemos de ser sujeitos para nos tornarmos em objetos. A indecisão é despersonalizante, faz com que não sejamos criadores da realidade, como devemos sê-lo, ou seja, decisor consciente como sujeito. É importante que na racionalidade das decisões arrisquemos o nosso *ser*.

Para o cristão, quando a indecisão se impõe, é proposta para viver na angústia; a dimensão da esperança, para o cristão, está presente na tomada de decisão, que enriquece a sua existência, que constrói o seu *ser*, o *ser* que conduz o humano para Deus. “Cristo ressuscitado é nossa única esperança. Ele é para nós a promessa viva, o resultado final de todo este processo de decisões, de opções históricas, vividos na dura incerteza da existência terrestre.”⁵⁶

As decisões passadas transportam-se para o presente, porque carregamos em cada momento toda a nossa existência. Todo o passado está presente no momento da decisão atual. A decisão é definitiva enquanto marca na pessoa, porque permanece para sempre, pois a decisão constrói um *ser* que sempre será. “Mas é também provisória, reformável, enquanto este mesmo ser é corpóreo, concupiscente, situado dentro das coordenadas de tempo e de espaço.”⁵⁷

Um aspeto a salientar é o da intenção, a intenção fundamental, como força permanente que dá informação às decisões, sendo a própria intenção resultante da decisão fundamental. A intenção explica a influência da opção fundamental sobre as outras decisões; as decisões recebem o valor da decisão fundamental, e neste sentido o juízo da intensão faz-se somente levando em consideração a decisão fundamental. A continuidade só é possível por causa da intensão fundamental, que faz permanecer nas ações seguintes a presença da opção fundamental, o que vai gerar uma orientação de vida. Trata-se assim de uma força que conduz a vontade livre e o conhecimento intuitivo do concreto, imediato, da ação moral até a raiz de todo o bem, Deus.

O resultado da intenção e por sua vez da opção fundamental é uma orientação de toda a vida, que manifesta a opção em atos concretos. O que significa uma relação profunda entre opção e orientação de vida. “A opção, continuada pela intensão fundamental, marca a

⁵⁶ *Ibidem*, 50.

⁵⁷ *Ibidem*, 51.

orientação da vida.”⁵⁸ A orientação, a vida que se manifesta, mostra a opção fundamental, não que seja assumido como certo e veemente certo, mas é decorrente, é manifestação do *ser* do indivíduo. Resultado das decisões ao longo da existência de alguém, é a orientação da vida desse alguém.

Como referi anteriormente, no quadro “*Operação das opções*”⁵⁹, é possível ver um conjunto de opções a fazer, como: verdade, altruísmo, justiça, amigos, solidariedade, esforço, persistência, humildade, que são multiplicados ao amor, onde o resultado é a felicidade, sem dúvidas ou questões, incógnitas a desvelar. Porque o amor, traduz a caridade, *charitas forma omnium virtutum*⁶⁰, significa “a caridade é a forma de todas as virtudes”⁶¹, a caridade está presente em todas as virtudes, a intensão fundamental, enquanto continuação da opção fundamental, amor, que se faz presente em todas as virtudes, dando-lhes forma, consistência.

Como resumo, no livro *Pecado e Opção fundamental*, J. B. Libânio, distingue três elementos fundamentais para o “conceito de opção fundamental: a. nasce do nível profundo da pessoa, do núcleo de seu ser pessoal; b. tem como campo de escolha toda a existência; c. apresenta uma alternativa como possibilidade.”⁶² A opção fundamental é a escolha que o ser humano faz em relação ao seu último fim, é o ato que faz tudo acontecer, o ato que faz o ser humano *ser*, toda a sua vida. “A sua existência recebe pela opção fundamental uma orientação pela qual todo o homem se torna bom ou mau.”⁶³ O ser humano coloca-se na totalidade do seu *ser* nesta decisão, com coração não dividido no que respeita à intencionalidade, ainda que dividido pela concupiscência, procura *ser* aquilo por que se decide. Tal decisão é fundamento sustentador de toda a sua vida, do seu *ser*.

⁵⁸ *Ibidem*, 54.

⁵⁹ Cristina Sá Carvalho, coord. *Quero ser! Manual do Aluno – EMRC – 9º ano do Ensino Básico*. (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015), 107.

⁶⁰ J. B. Libânio, *Pecado e Opção fundamental* (Petrópolis: Vozes, 1976), 53.

⁶¹ *Ibidem*.

⁶² *Ibidem*, 56.

⁶³ *Ibidem*, 54.

CAPÍTULO II - EM CONSTRUÇÃO, A INCÓGNITA

Na continuação da operação, *ter* ou *ser*, o resultado na construção do projeto de vida resulta na incógnita, porque tudo, ao longo da vida, pode acontecer.

Dizer a incógnita no resultado da construção do projeto de vida é esperar a constante imprevisibilidade da vida. A adolescência é uma fase de incertezas, mas, também de oportunidades, porque tudo está em aberto, todas as opções estão ao dispor, consoante o projeto de vida que se quer construir.

Com isto, também a relação interpessoal está no caminho da estrada que se percorre, na construção do projeto de vida. Esta relação terá presente a opção feita, *ter* ou *ser*, formada e constituída pela relação interpessoal coesa, esclarecida, no decurso da vida, através das opções tomadas. Onde o outro é parte integrante da estrada que se percorre.

Outro elemento da construção do projeto de vida é Deus, o transcendente. A questão religiosa, ainda que não seja pensada e compreendida por muitos adolescentes, ela faz parte da incógnita, pois é parte integrante da cultura e tradições, daquilo que somos e acreditamos.

1. A vida: imprevista, incompleta, provisória

Na opção que se decide tomar, mesmo com todas as interrogações, constrói-se a vida humana, esta individual. A individualidade de cada pessoa, que engloba a vertente do que é exterior, superficial, que é pública, é aquilo que se procura apresentar, mostrar aos outros e que se pode observar da nossa conduta. Também, a vida privada, interior, profunda; é a menos acessível, direta. Talvez por isto desperte curiosidade numa espécie de tentativa de encontrar uma fórmula para determinada personalidade, para a sua estrutura, para o modo de construção das relações com, e cheias de sentido.

Hoje, a vida acontece demasiado depressa, sempre com o objetivo da vida humana, a felicidade. Mas a vida faz-se ao longo de um percurso, onde atingir a meta, o fim intencional, no futuro, torna necessário e importante fazer presente um programa, um projeto, para a imprevisibilidade do próprio decurso da vida.

A vida, incompleta e provisória, com o sentido que nela pode acontecer qualquer coisa, leva o ser humano a interrogar-se continuamente acerca de si próprio. Por isso converte a sua vida num continuo movimento, que exige mudanças inesperadas, imprevisíveis; em algo sempre sujeito à sorte, às voltas e reviravoltas, à sua condição de imprevisível.

Duas características fenomenológicas, que se podem atribuir à vida humana, passam por: “ser aberta e incompleta e provisória, o que significa que nunca está concluída”⁶⁴; também, “ser programática, isto é, deve responder a um plano prévio, a um sistema de projetos e objetivos, esboçado num esquema operativo que aponta para o futuro e que deve responder a questões que tenham chamado especialmente a atenção. A isto se chama projeto pessoal.”⁶⁵ O projeto de vida que se articula no curso que seguiu, nas dificuldades encontradas, nos atalhos escolhidos, porque caso assim não seja, quando a pessoa vive sem direção, sem expectativas, vive incompleta, vazia.

A importância da vida, vivida de forma concreta, com perspectivas de futuro, sustentada numa vocação pessoal, com opções consistentes, consiste em a pessoa ser coerente consigo mesma, com os próprios critérios e planos previamente formados, que segue um comportamento delineado, orientando-se segundo uma direção ajustada a um plano. Sabe o que quer e como quer. Mas, saber não significa que tenha alcançado, ainda mais sem sobressaltos, dificuldades, obstáculos. Saber, significa, primeiramente, ter as ideias claras sobre si mesmo, conhecer-se, ter um programa de vida e empenhar todos os esforços para que se torne realidade.

A pessoa vai necessitar de alguns pilares; estes traduzem-se na fidelidade e coerência consigo mesmo. A fidelidade, no sentido do alinhamento das próprias convicções; a coerência, que abrange a conformidade entre o que se pensa, diz e faz. Significa estar de acordo consigo mesmo, de tal modo que se tenha um conjunto unitário de vida com o menor número de contradições possível, “o tecido que une as ideias e as ações forma um todo de conexões coordenadas.”⁶⁶

Os pilares, fidelidade e coerência, constituem a personalidade da pessoa, que é formada, construída e com a qual a pessoa se identifica. A pessoa sente-se bem, em equilíbrio entre a sua personalidade, a inteligência e a afetividade. Estes aspetos fazem com que a pessoa se sinta com identidade adequada, que a torna sujeito pessoal, individualizado, concreto. Base assente e reconhecida pelo próprio indivíduo.

Nas mudanças e imprevistos, a pessoa consegue ser o que quer ser, com escolhas adequadas, opções concretas. “Ser-se a si mesmo é ter coerência e fidelidade, sintonia recíproca entre a teoria e a prática, por um lado, e prevalência e ideais, por outro”⁶⁷

Ao olhar para trás, para a estrada da vida percorrida, conseguimos distinguir felicidades falhadas, infelicidades provocadas, com isto, facilmente criticamos o que fizemos, a nós mesmos. Exageros, no sentido que, o percurso da vida não é unicamente obra nossa. Diz,

⁶⁴ Enrique Rojas, *Uma Teoria da Felicidade* (Coimbra: Tenacitas, 2004), 319.

⁶⁵ *Ibidem*.

⁶⁶ *Ibidem*, 320.

⁶⁷ *Ibidem*, 321.

Arthur Schopenhauer⁶⁸, que está relacionado com “o produto de dois fatores, a saber, a série dos acontecimentos e a série das nossas decisões que sem cessar se engrenam e se modificam reciprocamente.”⁶⁹

O horizonte que o indivíduo tem em relação aos dois fatores mencionados, é sempre limitado, pelo motivo que não é possível prever o que vem de futuro e o que nos encoraja fazer no futuro, ainda menos, prever os acontecimentos envoltos no futuro. Na certeza, só conhecemos os do momento. Motivo que, caso estejamos afastados do objetivo que se pretende alcançar, não temos qualquer direito sobre ele. Quanto muito, pode, o objetivo, ser guia, mas muito temos a vacilar. Tudo o que está ao nosso alcance, que temos poder para o conseguir, é tomarmos decisões nas circunstâncias presentes. Decisões com o foco na tentativa de ficar próximo do objetivo pretendido.

Os acontecimentos e o que pretendemos, objetivos e intenções, podem dar-se em direções diferentes, o resultado representa o percurso da vida do indivíduo. Para entender melhor, segundo Schopenhauer, “as coisas passam-se na vida como no jogo de xadrez: combinamos um plano, mas, na partida de xadrez, este fica subordinado àquilo que o adversário, na vida o destino, quiser fazer.”⁷⁰ A imprevisibilidade do que pode acontecer é retratada no destino não controlado, onde o plano, o projeto delineado, fica sujeito ao imprevisto.

2. Adolescência: idade da incerteza e das oportunidades

A adolescência é uma fase da vida humana, na qual, se verificam as maiores alterações de carácter biológico, cognitivo e social da pessoa. Estas alterações irão condicionar a

⁶⁸ Arthur Schopenhauer (1788-1860) foi um filósofo alemão, e fez parte de um grupo de filósofos considerados pessimistas. Em 1813 ficou dominado pelo entusiasmo do filósofo Fichte por uma guerra de libertação contra Napoleão. Pensou em se apresentar como voluntário, mas em vez de partir para guerra se dedicou a escrever sua tese de doutorado de Filosofia. “A Quádrupla Razão do Princípio de Razão Suficiente”. Após sua dissertação dedicou todo o seu tempo ao livro que seria sua obra-prima “O Mundo Como Vontade e Representação” (1818), a grande antologia do infortúnio. O livro quase não atraiu atenção, o mundo estava desinteressado para ler o que se dizia sobre pobreza e exaustão. Em 1822 foi convidado para lecionar na Universidade de Berlim. Escolheu para suas conferências o mesmo horário em que Hegel dava suas aulas. Viu-se diante de cadeiras vazias. Pediu então demissão. Em 1831 espalhou-se em Berlim uma epidemia de cólera. Hegel apanhou a infeção e morreu em poucos dias. Schopenhauer fugiu para Frankfurt, onde passou o restante de seus anos de vida. Escreveu “Da Vontade na Natureza” (1836), “O Livre Arbítrio” (1839) e “Os Dois Problemas Básicos de Ética” (1841). O reconhecimento da obra de Schopenhauer veio lentamente. Uma Europa desiludida com os ideais e esforços de 1848, voltou-se para essa filosofia, que interpretava o desespero de 1815. Em 1850 escreveu “As Dores do Mundo”. O ataque da ciência à teologia, a denúncia socialista da pobreza e da guerra, a tensão biológica pela sobrevivência, contribuíram para que o filósofo conquistasse finalmente a fama. https://www.ebiografia.com/arthur_schopenhauer/, consultado em 16 de maio de 2018.

⁶⁹ Arthur Schopenhauer, *A arte de viver* (Porto: Rés-Editora, 2003), 152.

⁷⁰ *Ibidem*, 153.

descoberta da identidade e da maturidade humana. É uma etapa que vai para além do que se vai transformar ao nível físico, no aspeto exterior dos adolescentes.

Sendo, a adolescência, uma fase de muitas mudanças, contribui de forma definitiva para a construção da personalidade da pessoa. Conhecer e descobrir os aspetos que envolvem a personalidade, as qualidades e defeitos, as dificuldades e as possibilidades da adolescência, é uma tarefa difícil.

A adolescência é uma etapa de transição do desenvolvimento humano, entre a infância e a fase adulta, na qual ocorrem grandes transformações fisiológicas, psicológicas, pulsionais, afetivas, intelectuais e sociais. Inserido num contexto vivencial, o indivíduo procura atingir os objetivos que a sociedade e a cultura lhe apresentam.

Sobre a duração do período da adolescência, esta é em função de fatores, tais como: o meio, a raça e o contexto social, os quais ativam as diferentes transformações que são características desta idade. O adolescente deverá ser estudado no meio que o integra, para podermos entender qual a posição social que ocupa, não esquecendo a sua evolução histórica e ainda os diversos tipos de sociedades.

Sabendo que o adolescente se desenvolve tendo como referência o meio envolvente, o período da adolescência é variável em função dos fatores referidos e da interação que a pessoa tem com o meio. Esta duplicidade, a ação do meio sobre a pessoa e a interação da pessoa com o meio, provocam desfasamentos cronológicos nas etapas de crescimento. Atualmente, a adolescência é prolongada e muitas vezes parece não terminar, muito devido ao contexto da sociedade onde se está inserido.

Tratar a adolescência como uma fase que está ligada às acentuadas modificações corporais e que “poderá constituir um estágio real do desenvolvimento humano, ou representar um conjunto de respostas situacionais dadas pelos indivíduos numa fase de transição para a vida adulta, numa dada sociedade ou cultura.”⁷¹ É um conceito que depende de cada cultura particular.

É importante que esta fase da vida seja estudada e compreendida tendo em conta aspetos psicológicos, cognitivos, afetivos e socioculturais. Por conseguinte, a adolescência é um período da vida que exige da pessoa competências para se adaptar às imposições da sociedade, num momento em que está a passar por um processo de transformações biológicas e psicológicas. Se na fase da adolescência, a pessoa não se dotar de capacidade de adaptação, não desenvolver capacidade para suportar contrariedades e tensões, não se preparar para a vida adulta, pode acontecer viver esta fase com revolta, angústia, sem orientação sobre si, na vida.

⁷¹ Norman A. Sprinthall e W. Andrew Collins, *Psicologia do adolescente. Uma abordagem Desenvolvimentista*, 3ª Edição (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003), 5.

A adolescência é um tempo em que os jovens através de momentos de maturação diversificados fazem um trabalho de reintegração do seu passado e das suas ligações infantis, numa nova unidade. Os adolescentes entram numa nova fase existencial, novas pulsões, novas sensibilidades, novas capacidades cognitivas, novas dificuldades nos seus pontos de referência. Toda esta reelaboração deverá dar capacidades para optar por valores, fazer escolhas concretas para o que pretende, integrar-se socialmente.

Olhar para a fase da adolescência, como uma vivência de oportunidades, é crucial mesmo com a incerteza que a idade sugere. As oportunidades devem ser aproveitadas, pois, através delas, o adolescente encontrará limites para os seus desejos contraditórios, confrontar-se-á com o “não”, com regras e normas contratadas e definidas em conjunto.

A adolescência é considerada uma fase propícia para a formação da identidade. Norman A. Sprinthall e W. Andrew Collins debruçam-se sobre o tema e abordam alguns autores. Neste contexto, um autor quase mundialmente conhecido é Erik Erikson⁷², que tem sido referido como “o homem que deu à adolescência uma crise de identidade!”⁷³ A teoria de Erikson relaciona-se com o conceito de *epigénese*⁷⁴. Que traduz “o crescimento psicológico ocorrer através de estádios e fases”⁷⁵. Não que seja automático, o desenvolvimento resulta da interação entre a pessoa e o ambiente. “Por isso, cada estádio é considerado um potencial ponto de viragem, o qual determina um desenvolvimento saudável por oposição a um desenvolvimento patológico.”⁷⁶

Em cada estádio psicossocial, a pessoa é confrontada com desafios singulares ou crises; a resolução bem conseguida dessas crises prepara-o para encarar as tarefas seguintes ligadas ao processo de desenvolvimento. Na adolescência, o desafio, que constitui a formação da identidade adulta, resulta da maturação, das expectativas culturais e das pressões sociais. Se o confronto com este desafio ocorrer de forma positiva, dá origem à capacidade para atingir a “fidelidade”⁷⁷, ou para assumir um compromisso com um conjunto de valores e prioridades, que beneficia tanto a própria pessoa como os outros indivíduos.

⁷² Erik Homburger Erikson, foi um psicólogo do desenvolvimento e psicanalista conhecido pela sua teoria sobre o desenvolvimento psicossocial dos seres humanos. Ficou famoso por cunhar o termo *crise de identidade*. O desenvolvimento da identidade parece ter sido uma das maiores preocupações de Erikson em sua própria vida, bem como em sua teoria. Quando adulto, escreveu sobre a sua adolescência e a sua “confusão de identidade”. <http://psicoativo.com/2016/10/biografia-de-erik-erikson-vida-pessoal-profissional-e-psicanalise.html>, consultado em 16 de maio de 2018.

⁷³ Norman A. Sprinthall e W. Andrew Collins, *Psicologia do adolescente. Uma abordagem Desenvolvimentista*, 3ª Edição (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003), 192.

⁷⁴ *Ibidem*, 195.

⁷⁵ *Ibidem*.

⁷⁶ *Ibidem*, 197.

⁷⁷ *Ibidem*, 198.

A adolescência é vista como uma “descontinuidade no processo de crescimento”⁷⁸, pelo motivo da “resolução da crise da identidade pessoal, como principal tarefa deste estágio.”⁷⁹ A maneira como nos percebemos e a forma como somos vistos pelos outros, constitui o alicerce da personalidade adulta. Se essa base for coesa, dela resultará uma identidade pessoal sólida. Se isso não acontecer, ou seja, um fracasso na formação de uma consciência do eu, forte e coerente, durante a adolescência, resultará, como consequência, aquilo a que Erikson chama de “identidade difusa”⁸⁰, que tenta definir uma busca constante, uma peregrinação à procura do eu. As personalidades difusas não têm raízes, sentem-se alheadas, sem um espaço ao qual sintam que pertencem. Esta sensação de alienação pessoal impede o estabelecimento de um núcleo estável da personalidade.

A sociedade ocidental muito tem contribuído para que este período, em que a identidade pessoal deve ter um sentido forte e enraizado, se tenha tornado difícil e hostil para os adolescentes de hoje. Profundamente dependentes dos adultos, quer pelo aumento da escolaridade, quer pelo sentido de proteção, os adolescentes não são chamados a responsabilidades, o que nada abona para um crescimento saudável da sua identidade.

“O aumento do controle dos pais sobre os adolescentes e a diminuição da independência dos jovens são as mudanças mais marcantes que a industrialização vai realizar na família (Elder, 1980).”⁸¹

Segundo a perspectiva de Erikson, “o adolescente é apanhado entre dois sistemas principais, que estão em constante mudança. Ele tem de lidar com as suas transformações internas, cognitivas e glandulares, ao mesmo tempo que se debate com uma série de regras externas, que são incoerentes e estão em permanente mudança.”⁸²

Devido a estas transformações, em que o adolescente se vê envolvido, entrar nesta fase é como entrar num mundo desconhecido, em que o jovem não possui um guia de orientação, ou um roteiro que o conduza. Fruto de uma sociedade em permanente mudança, torna-se complexo dar resposta aos problemas da vida diária e do desenvolvimento pessoal, neste contexto difuso e mutável.

⁷⁸ *Ibidem*, 199.

⁷⁹ *Ibidem*.

⁸⁰ *Ibidem*, 200.

⁸¹ Michel Claes, *Os problemas da adolescência* (Lisboa: Verbo, 1985), 15.

⁸² Norman A. Sprinthall e W. Andrew Collins, *Psicologia do adolescente. Uma abordagem Desenvolvimentista*, 3ª Edição (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003), 200.

“Erikson defende a ideia de que a adolescência consiste no processo de formação da identidade.”⁸³ Processo que resulta da integração das transformações pessoais, das exigências sociais e das expectativas em relação ao futuro. Quando este processo funciona, é positivo e recíproco, ou seja, há uma unidade entre aquilo que o jovem sente e o reconhecimento dos adultos. “Depois do indivíduo ter alcançado a identidade, ele não só evita a difusão como também chega à resolução de *fidelidade*.”⁸⁴ Este conceito é visto como uma capacidade superior, uma vez que o adolescente consegue confiar nos outros, em si próprio e até numa causa, como um compromisso de cuidar dos outros. Sem a resolução desta etapa que denomina de fidelidade, o início da vida adulta será marcado pela incapacidade de acreditar em si e nos outros, quer pela adesão a ideologias claramente opostas aos princípios éticos e morais universalmente aceites.

3. A relação interpessoal

A identidade pessoal é fundamental para o ser humano, para o conhecimento de si mesmo, como alguém detentor de identidade, e isto repercutir-se-á na sua realização como pessoa. A identidade é formada pelo sentimento que temos de nós, “sentimo-nos sendo, e sentimo-nos sendo nós mesmos, seres pessoais distintos de outros e com uma identidade própria.”⁸⁵

A questão do sentir, do autor João Duque, que pode ler-se sob o título: *Do sentimento de si ao sentimento do Outro*, existe a consciência de um sentimento, que compromete a relação na totalidade da existência, porque é a perceção de nós mesmos com uma identidade distinta. Nesta consciência de uma identidade, há o *eu* que sente, “base da consciência e não seu resultado”⁸⁶, e aquele que é sentido, o *si* ou o *mim*, de uma identidade própria, isto porque eu sinto-me a mim. O *sentir-se* pressupõe uma alteridade, ou seja, este *mim* é já um outro em relação ao *eu*. Dado que a atividade do sentimento é aberta, o *eu* é afetado pelo exterior, porque vive num mundo em que as coisas produzem um sentido para si.

No entanto, “a presença de uma alteridade na constituição do sentimento de mim é sobretudo notória na relação aos outros humanos.”⁸⁷ Embora saibamos, relativamente ao conhecimento, que a relação entre mim e o outro é cíclica, isto é, aquilo que eu conheço de mim depende daquilo que conheço do outro, e o que conheço do outro depende daquilo que

⁸³ *Ibidem*, 201.

⁸⁴ *Ibidem*, 202.

⁸⁵ João Duque, “Do sentimento de si ao sentimento do Outro”, *THEOLOGICA*, 2ª Série, 46, 1 (2011): 17.

⁸⁶ *Ibidem*, 19.

⁸⁷ *Ibidem*, 22.

conheço de mim, existe uma altura em que o outro se sobrepõe no conhecimento que tenho de mim, isto acontece no nível ético. Ou seja, a minha identidade ética afere-se pela forma como respondo à presença do outro. A presença do outro é decisiva no sentimento por nós mesmos.

O sentimento de mim, a minha identidade, eu mesmo, é uma resposta a um apelo do Outro primordial, que encerra em si já uma resposta aos apelos dos outros, que comigo fazem parte da história da humanidade. A isto, é chamado vocação. “O processo vocacional é complexo porque, de facto, a voz que nos chama a sermos nós mesmos é, ao mesmo tempo, uma voz exterior a nós e presente no mais íntimo de nós”⁸⁸. Neste sentido, eu sou quem sou, na forma como respondo continuamente a vários aspetos de uma vocação perseverante.

A relação eu-outro, segundo Emmanuel Levinas⁸⁹, não é uma relação de conhecimento, porque o outro não é objeto de pensamento. O outro está fora do meu domínio, está para além da minha inteligência. “Outrem não pode ser contido por mim, seja qual for a extensão dos meus pensamentos que assim nada limita: ele é impensável, é infinito e reconhecido como tal. Esse reconhecimento não se traduz de novo como pensamento, mas como moralidade.”⁹⁰ A relação eu-outro não aparece como conhecimento, mas aparece como ética na minha consciência moral. “Outrem não pode apresentar-se como Outrem e o seu rosto exprime a minha impossibilidade moral de reduzir ao nada.”⁹¹

Esta assunção do outro, que escapa ao domínio do meu poder, impele-me à responsabilidade, faz de mim um ser responsável. Ser eu, é ser responsável diante do outro, e essa relação, em *Totalidade e Infinito* é designada de “desejo metafísico”⁹², que faz do eu um escolhido, um ser ímpar, não porque pode dominar ou governar, mas porque nele versa a missão de “servir o pobre, o estrangeiro, a viúva e o órfão. Só assim, pela moralidade, no universo, se produzem Eu e os Outros”⁹³. Nesta relação eu-outro, o eu não consegue ficar alheio, tem de responder, é responsável. Esta responsabilidade que o eu tem pelo outro é que

⁸⁸ *Ibidem*, 23.

⁸⁹ Emmanuel Levinas, a sua vida intelectual começa quando se torna seguidor da filosofia do processo de Henry Bérson, seguido pela escola da fenomenologia de Edmund Husserl, ali estudo de 1928 a 1929, quando encontra Martin Heidegger. Porém, o filósofo segue para França a fim de completar sua primeira obra, a *Teoria da Intuição na fenomenologia de Husserl*, onde retém os princípios do método fenomenológico, que são, eminentemente primeiro, uma descrição dos atos do espírito, de sua intencionalidade e de suas afeições (de sua sensibilidade); segundo, uma reflexão a partir do indivíduo. é a partir dessas posições que emerge uma concepção particular de ética, compreendida como o permanente reconhecimento do outro. Conhece o existencialismo religioso de Gabriel Marcel. Surge no meio político o movimento socialista nacional, fato que o deixa transtornado, mas o fato que o entristece é o apoio ideológico que Martin Heidegger deu ao partido nazista. Neste momento, Lévinas publica seu primeiro artigo, *Reflexões sobre a Filosofia do Hitlerismo* na Revista *Esprit* (Paris, 1934). Escreveu *Existente e Existentes*, onde elabora a liberdade do existente sobre o existir. Constrói o seu pensamento a partir de uma ideia de que consciência precisa das coisas para conceber-se, e as coisas precisam da consciência para ter sentido. Dedicou-se ao estudo intensivo do Talmude que resultou num escrito volumoso sobre Judeidade. Em 1961 apresenta sua obra *Totalidade e Infinito*.

⁹⁰ Emmanuel Levinas, *Totalidade e Infinito* (Lisboa: Edições 70, 1980), 209.

⁹¹ *Ibidem*, 211.

⁹² *Ibidem*, 21.

⁹³ *Ibidem*, 223.

faz do eu uma subjetividade, é uma responsabilidade infinita, indeclinável porque ninguém o pode fazer em lugar do eu. Ser eu é ser responsável. Diante do outro, o eu está vocacionado, desde sempre, a esta responsabilidade. Nesta lógica da responsabilidade, também sou responsável pelo sofrimento do outro, ou seja, “o sofrimento do outro tem sempre algo a ver comigo, na medida em que sou responsável por ele.”⁹⁴

Há uma responsabilização até por aquilo de que não temos culpa. Segundo Levinas, “sou responsável de uma responsabilidade total, que responde por todos os outros e por tudo o que é dos outros, mesmo pela sua responsabilidade a mais do que todos os outros”.⁹⁵

A responsabilidade que afirma a identidade do eu humano foi descuidada a frisar o abandono, visível nas sociedades contemporâneas. Hoje, comunicação e tecnologia, ao contrário do que se pensava, acabaram por criar um estado de solidão e de abandono em relação ao outro.

“O mundo virtual criou um novo habitat para o ser humano, caracterizado pelo encapsulamento sobre si mesmo e pela falta do toque, do tato e do contacto humano. Essa anti realidade afeta a vida humana naquilo que ela possui de mais fundamental: o cuidado e a compaixão.”⁹⁶

Neste seguimento, é mencionado por Leonardo Boff⁹⁷ que “no cuidado identificamos os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida um bem-viver e das ações um reto agir.”⁹⁸

Este pensamento, conduz à expressão, usada por Isabel Varanda, *iliteracia emocional*⁹⁹ que designa o défice de educação emocional presente na sociedade atual, muito porque hoje é

⁹⁴ João Duque, “Do sentimento de si ao sentimento do Outro”, *THEOLOGICA*, 2ª Série, 46, 1 (2011): 28.

⁹⁵ Emmanuel Levinas, *Ética e Infinito* (Lisboa: Edições 70, 1982), 91.

⁹⁶ Leonardo Boff, *Saber Cuidar: Ética do humano - compaixão pela terra* (Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999), 1. <http://www.profdoni.pro.br/home/images/sampled/2015/livros/sabercuidar.pdf>, consultado em 4 de maio de 2018.

⁹⁷ Leonardo Boff (1938) é um teólogo, escritor e professor brasileiro, um dos maiores representantes da Teologia da Libertação, corrente progressista da Igreja Católica. Em 1982, Leonardo Boff publicou o livro “Igreja: Carisma e Poder”, onde explica os princípios da Teologia da Libertação na própria Igreja, procurando mostrar que a libertação não vale só para a sociedade, mas também para a Igreja e suas relações internas. Que é papel da Igreja pregar a libertação na sociedade e se comprometer com os oprimidos para que eles se organizem e busquem sua libertação. Sustenta a tese de que a Igreja Católica Romana pode e deve mudar. Em 1985, como castigo, foi proibido pelo Vaticano a um ano de silêncio. Em 1992, fez parte da comissão da redação da Carta da Terra, uma declaração dos princípios éticos fundamentais para a construção do século XXI. Sofreu nova condenação e renunciou às atividades religiosas. É autor de vários livros, entre eles, “O Evangelho do Cristo Cósmico” (1971), “O Destino do Homem e do Mundo” (1974), “O Caminhar da Igreja Com os Oprimidos” (1980), “Ecologia-Grito de Guerra, Grito dos Pobres” (1995). https://www.ebiografia.com/leonardo_boff/, consultado a 4 de maio de 2018.

⁹⁸ Leonardo Boff, *Saber Cuidar: Ética do humano - compaixão pela terra* (Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999), 1, disponível em <http://www.profdoni.pro.br/home/images/sampled/2015/livros/sabercuidar.pdf>, consultado em 4 de maio de 2018.

⁹⁹ Isabel Varanda, “Iliteracia emocional no Ocidente”, *Memória* 10 (2003): 17.

dada preferência à inteligência cognitiva. A sociedade, materialista e racionalista, cada vez mais evidência a desvalorização do afeto, da sensibilidade, do sentimento, do cuidado, tudo o que é essencial perante o outro, que irrompe do humano e para o humano, sempre que a crise acontece sobre a humanidade. É assim, necessário e importante despertar para uma ética em que o outro é visível, para uma ética da hospitalidade.

A ética da hospitalidade apresenta-se, segundo Jacques Derrida¹⁰⁰, como uma ética da contrariedade, uma ética eminentemente paradoxal, ou aporética¹⁰¹, porque é vista quase como impossível de se praticar. Esta conceção de Derrida apresenta a hospitalidade como incondicional relativamente ao outro, ou seja, não é uma simples aceitação, ou uma certa tolerância, mas sim uma concordância desprendida, em que há risco, porque o que acolher torna-se vulnerável, e expõe-se radicalmente ao outro. É paradoxal porque sem este risco, inerente à experiência do encontro com o outro, não é possível uma relação ética de hospitalidade.

Assim, a exposição e abertura ao outro, que está diante de nós, determina o primeiro sentido de acolhimento à alteridade como acontecimento ético. Uma abertura ao outro é aceitá-lo na sua integridade, não como um ser abstrato, mas reconhecendo-o como alguém. No pensamento de Levinas, a hospitalidade ao outro, só é concebível numa relação de proximidade, face a face, “uma relação não-simétrica”¹⁰² ou intersubjetiva, porque se tornou “responsável por outrem sem esperar a recíproca”.¹⁰³

Também na Parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37), é possível decifrar a ética da hospitalidade. A parábola inspira uma nova forma de conduta humana, também como ética da alteridade, baseada na vocação ao próximo, aquele que eu acolho, a quem eu respondo porque ouvi o seu apelo e respondo livremente com espontaneidade e gratuidade.

Acerca do não acolhimento e do dever sagrado da hospitalidade, importa refletir sobre estas palavras de Dom António Couto, que nos fazem pensar sobre o mundo em que vivemos,

¹⁰⁰ Jacques Derrida, fortemente influenciado por Sigmund Freud e Martin Heidegger, foi um dos mais importantes filósofos do pós-estruturalismo e pós-modernismo. Foi precursor de uma reflexão crítica sobre a filosofia e seu ensino. A psicanálise tinha uma importância central em sua obra. Para Derrida, a ideia freudiana do inconsciente revolucionara a filosofia e costumava citar o conceito freudiano de "posterioridade". Segundo Freud, há a possibilidade de transformação do passado ao se dar um novo significado às recordações. Ao questionar os conceitos de verdade e de memória, Jacques entendia que Freud propunha um problema filosófico de magnitude inédita. Foi o criador do método chamado de desconstrução. Essa metodologia de análise centra-se apenas nos textos. Em seguida, criou outros dois conceitos: a indecidibilidade, que mostra a impossibilidade de determinar aquilo que é forma no texto ou fundo ideológico; e o conceito de "diferença", que parte da análise semântica dos dois sentidos do infinito latino *differre* (*diferir*): o primeiro, remete para o futuro (tempo), o segundo para a distinção de algo criado pelo confronto. <https://educacao.uol.com.br/biografias/jacques-derrida.htm>, consultado a 4 de maio de 2018.

¹⁰¹ Anne Dufourmantelle e Jacques Derrida, *Da Hospitalidade* (Viseu: Palimage Editores, 2003), 57.

¹⁰² Emmanuel Levinas, *Ética e Infinito* (Lisboa: Edições 70, 1982), 90.

¹⁰³ *Ibidem*.

sobre a sociedade que estamos a fabricar, onde o próximo não é visto como outro, mas como coisa e que, inevitavelmente, traz consequências funestas para a humanidade.

“Um mundo em que as pessoas são tratadas como objetos não é um mundo humanizado pela doçura da palavra tenra, terna e frágil. É um mundo escravizado, objetivado, sodomizado. É um mundo em que as pessoas são objetos, e contam só como objetos, que posso comprar, possuir, usar, deitar fora. É o mundo da solidão. De facto, quando eu reduzo os outros a objetos, fico só no meio de objetos. Não há comunicação, não há acolhimento, não há receção, não há a palavra que vai e que vem. Não há a graça do outro que me dá a vida. Há posse e violência. É aquele estado de solidão que, segundo a advertência enfática de Deus em Gn 2,18, não é mesmo nada bom (lo’ tób), porque leva à morte a curto prazo.”¹⁰⁴

4. O adolescente e a questão religiosa

A forma como os adolescentes se relacionam com o sagrado e o transcendente, com a religião e o modo de viver e expressar a abertura à transcendência, é afetado pelas alterações do mundo, dos seus modos de organização, pelas práticas sociais, pelos valores, pelos condicionalismos dominantes, pelos equilíbrios tensos e pelas roturas que atravessam as sociedades.

A cultura juvenil de hoje integra adolescentes e jovens de uma sociedade contemporânea onde, com tantas alterações, são afetados, em virtude dos processos de socialização a que estão intensamente submetidos, muito durante os anos da sua formação académica, e estão particularmente abertos a este fluxo cultural do religioso.

Também, as convicções religiosas costumam mudar quando a criança entra na adolescência, porque o pensamento, nesta fase, se torna mais abstrato, possibilitando que discorde de questões que antes eram uma realidade absoluta. Na realidade, a dúvida vem quase sempre acompanhada de ansiedade ou depressão e pode se tornar muito perturbadora para alguns.

As causas da dúvida espiritual são difíceis de serem identificadas, contudo existem fatores que contribuem para ela, a começar pelo próprio crescimento: o amadurecimento

¹⁰⁴ António Couto, “De graça recebestes, de graça dai”, *DIDASKALIA XXXVII* (2007) I: 94.

espiritual não segue uma linha reta, ele ocorre num processo cíclico composto de certezas, questionamentos e, finalmente, descobertas. Ainda assim, ao encontrar uma verdade é comum que cada adolescente, em algum momento, duvide da mesma.

Alguns psicólogos, psiquiatras e teólogos, inclusive, entendem a dúvida como um auxiliar da fé e não como algo que se opõe a ela, na perspectiva de que não se alcançará a fé fugindo das perguntas, e sem lidar com a dúvida.

Hoje em dia, não se define só a adolescência como fase difícil, rebelde, inquieta e problemática, mas como uma fase, segundo a psicóloga Sílvia V. Finzi, de silêncio, característica que incide na acomodação, em não questionar, quer o estipulado pela tradição, como também o que é transmitido por quem é referência para o adolescente.

Jean Piaget¹⁰⁵ dizia que existem duas formas de processar a informação, ou seja, por assimilação: o indivíduo procura unir uma nova informação às convicções já existentes; e acomodação: ocorre quando as novas informações forçam uma mudança de pensamento a respeito de alguma coisa. Um exemplo disso são as dúvidas sobre Deus. Quando a nova informação não combina com as concepções anteriores do sujeito, podem ser geradas dúvidas espirituais.

Dando continuidade a causas da dúvida espiritual, também a falta de exemplos: o adolescente necessita de modelos de espiritualidade em que possa confiar e respeitar. Necessita ver claramente a fé ser praticada por colegas e por adultos. Outra causa é o idealismo, verificável na adolescência, porque são frequentes as decepções e desilusões com a Igreja. A referenciar, também, as experiências desagradáveis, no âmbito da Igreja, o que para o adolescente mais emotivo que racional, são mais facilmente lembrados os sentimentos do que os factos, o que faz com que as dúvidas espirituais surjam se o adolescente não tiver sentimentos positivos perante a Igreja.

Mesmo que para muitos a questão de Deus possa ser insignificante ou indiferente, a sociedade pós-moderna fez renascer a questão religiosa, muito devido à crise de valores

¹⁰⁵ Jean Piaget (1896-1980) foi um psicólogo suíço e importante estudioso da pedagogia infantil. Revolucionou os conceitos de inteligência e desenvolvimento cognitivo. Em 1919, Piaget foi para Paris, onde trabalhou com o psicólogo infantil Alfred Binet, responsável pelo desenvolvimento da avaliação da inteligência, que posteriormente serviriam de base para a criação dos testes de QI. Jean Piaget descobriu através de avaliações, que as crianças da mesma faixa etária cometiam os mesmos erros, o que o levou a acreditar que o pensamento lógico se desenvolvia gradativamente. Começou então, a estudar o desenvolvimento das habilidades cognitivas das crianças. Em 1923, publicou “A Linguagem e o Pensamento da Criança”. Nesse mesmo ano casa-se com Valentine Châtenay, com quem teve três filhas, que foram importantes para o desenvolvimento de suas pesquisas. Em 1924, publicou “O Juízo e o Raciocínio da Criança”. Em 1936, recebeu o título de “Doutor Honoris Causa” pela Universidade de Harvard. Lecionou em diversas universidades da Europa, entre elas a Universidade de Sorbonne, em Paris. Em 1955, fundou o Centro Internacional para Epistemologia Genética. Escreveu cerca de 100 livros e mais de 500 artigos científicos. A metodologia educacional criada por Jean Piaget passou a servir de modelo para diversas escolas em grande parte do mundo. https://www.ebiografia.com/jean_piaget/ consultado em 16 maio de 2018.

positivos, aos fundamentalismos religiosos ou porque Deus, a existência de Algo ou Alguém, dá sentido ao que rodeia o humano, à vida daquele que crê e também daquele que não crê.

A questão de Deus aparece porque o ser humano sempre procurou e tentou desvelar o sentido do mistério, como algo fundamental para a sua vida. A pessoa, caminhante por natureza, procura incessantemente respostas para questões existenciais, respostas que deem sentido à vida.

Em 2003, na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Europa*, o papa João Paulo II, alertava que na viragem do milénio, a falta de esperança e a crise que se apoderava da Europa, era referente à falta de Deus e de Jesus na vida das pessoas.

“No continente europeu, certamente não faltam prestigiosos símbolos da presença cristã, mas, com a afirmação lenta e progressiva do secularismo, correm o risco de reduzirem-se a meros vestígios do passado. Muitos já não conseguem integrar a mensagem evangélica na experiência diária; aumenta a dificuldade de viver a própria fé em Jesus num contexto social e cultural onde é continuamente desafiado e ameaçado o projeto de vida cristã; em vários sectores públicos, é mais fácil definir-se agnóstico do que crente; dá a impressão de que o normal é não crer, enquanto o acreditar teria necessidade de uma legitimação social não óbvia nem automática.”¹⁰⁶

Atualmente, o que se verifica, é que a forma como as pessoas se relacionam com o sagrado, o modo como vivem e expressam a abertura ao transcendente, também como encaram a vida e a morte; sofreu uma profunda transformação, que, inevitavelmente, condicionou as dinâmicas sociais no que respeita ao modo de crer.

Neste sentido, a noção de espiritualidade, adquire na cultura atual, uma nova configuração na experiência religiosa. É a centralidade da autonomia do indivíduo nos seus processos de escolha e busca de sentido. A modernidade trouxe consigo a viragem para o sujeito, para os seus processos de consciência, emoção e discernimento, para a sua autonomia de pensamento e de escolha. Aquilo que dantes era recebido da autoridade de outrem, agora tem de passar pelo crivo da experiência subjetiva e pessoal da pessoa.

¹⁰⁶ Papa João Paulo II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Europa*, 7 (28 de junho de 2003), disponível em http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20030628_ecclesia-in-europa.html, consultado em 4 de maio de 2018.

Ligada à centralidade da pessoa, está também a pluralidade de sistemas, ofertas, opiniões, crenças, religiões, que produzem uma multiplicidade de opções possíveis, nem sempre fáceis, no que toca à decisão da crença. Além disso, o excesso de comunicação e informação criam instabilidade e imprevisibilidade nos sistemas que nos rodeiam. Também a globalização impõe regras e padrões que nem sempre são os mais saudáveis para a nossa maneira de agir particular.

Um outro aspeto fundamental sobressai da sociedade atual: a dinâmica da secularização que não corresponde a uma perda do interesse por Deus, pela transcendência, pelo sagrado, mas a uma deslocação do quadro de referência onde se realiza a busca e vivência desse sagrado. Não há propriamente uma rejeição total do instituído, da estrutura histórica de referência, mas o transcendente é muitas vezes vivido de uma forma profana. Esta transformação do sentido do sagrado tem consequências no processo do crer, uma vez que os valores morais e éticos transmitidos pela tradição religiosa são pervertidos aos interesses individuais, criteriosamente escolhidos e personalizados. O modo de crer é fabricado pelo indivíduo, que escolhe aquilo que lhe interessa. Trata-se de um relativismo religioso.

Todas estas características atuais de crer, trazem consigo um ressurgimento da abertura à religiosidade. Esta nova maneira não implica uma perda da sensibilidade ao transcendente, ao religioso, a uma relação com Deus, mas antes se transforma e altera. A espiritualidade ganha, neste contexto, uma polissemia ambígua e difícil de definir. Ela está em toda a parte, porque o sujeito tem consciência que a sua aspiração ao transcendente está em si e na sua busca pelo sentido da vida.

Apesar da prática religiosa ter diminuído, fruto da sociedade secularizada, o interesse pelo fenómeno religioso é mais elevado do que aquilo que se pensa, conforme o autor Eduardo Duque, com o estudo *Os Jovens e a religião na sociedade atual*, onde diz:

“a nova geração mostra-se mais interessada no fenómeno religioso do que os seus irmãos mais velhos e seus pais. A ideia de que há um desinteresse crescente dos jovens pelas respostas religiosas não corresponde à realidade, pois, como já fomos referenciando o fenómeno religioso tem que ser interpretado na sua interação com o desenvolvimento social e pessoal.”¹⁰⁷

¹⁰⁷ Eduardo Duque, *Os jovens e a religião na sociedade atual. Comportamentos, Crenças, Atitudes e Valores no Distrito de Braga* (Braga: Council of Europe, Secretaria de Estado da Juventude, 2007), 53, disponível em <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/15077/1/Os%20Jovens%20e%20a%20Religi%C3%A3o%20na%20sociedade%20atual.pdf>, consultado a 3 de maio de 2018.

A relação íntima, profunda, pessoal e afetiva com Deus, que se perdeu nesta sociedade plural, segundo Isabel Varanda, é fruto da *iliteracia emocional*¹⁰⁸, nos nossos dias, com a falta de tempo e paciência, mesmo em família, perdeu-se um património oral, que se transmitia através da palavra, e que gerava amor, emoção e comoção. “Os nossos pais e os pais dos nossos pais dos nossos pais, sábios, mas analfabetos, não precisavam de um quociente de inteligência elevado para fazer das suas vidas um espaço hospitaleiro onde Deus montava a sua tenda.”¹⁰⁹

Além deste défice amoroso e emotivo, que se vê “na progressiva diluição e perda da dimensão afetiva da relação com Deus”¹¹⁰, neste contexto, ocorre uma nova visão da religiosidade chamada de *disseminação do crer*¹¹¹, há também pouca reflexão sobre a importância de Deus e do próximo. Neste sentido, e porque é no âmbito escolar que nos inserimos, importa refletir sobre a relevância do ensino escolar da religião, uma vez que:

“a escola enquadra a reflexão da fé no contexto dos outros saberes – no contexto civil, se quisermos - impulsionando um claro e equilibrado relacionamento entre religião e ciência (sem ruturas e sem confusões). A escola, até pela presença plural de crentes, não crentes e crentes de outros credos, pode tornar-se num palco privilegiado de debate sobre as razões de crer e sobre as identidades das diferentes tradições religiosas.”¹¹²

A educação religiosa no âmbito do ensino escolar proporciona uma informação cultural e histórica, imprescindíveis para compreender a cultura em que se move o mundo e na qual vive o aluno.

Não há dúvida de que o religioso faz parte da cultura, todas as civilizações têm conteúdos de carácter religioso e é imprescindível conhecê-los para compreender a própria cultura e a dos outros. Por outro lado, os conteúdos do ensino escolar da religião dão maior capacidade crítica e liberdade para acertar ou rejeitar outras opções. Permite interpretar e entender as civilizações e culturas e opinar com conhecimento. Além disso, aporta um marco de referência para formar a própria escala de valores e assim julgar as ideologias. Dentro da singularidade de cada um, o religioso é o mais próprio do indivíduo. A educação religiosa

¹⁰⁸ Isabel Varanda, “Iliteracia emocional no Ocidente”, *Memória* 10 (2003): 17.

¹⁰⁹ Isabel Varanda, “Iliteracia Emocional e perda do património oral”, *Memória* 10 (2003): 67.

¹¹⁰ *Ibidem*.

¹¹¹ João Duque, “O acesso a Jesus num contexto de disseminação do crer”, *DIDASKALIA* XXXVI (2006) 2: 154.

¹¹² João Duque, “Religião na Educação”, *THEOLOGICA*, 2ª Série, 37, 1 (2002): 75.

conduz ao respeito e ao entendimento do outro como criatura e filho de Deus, único e irrepetível.

A verdadeira educação religiosa potenciará a autonomia das pessoas, e a educação religiosa fomenta a verdadeira liberdade dos indivíduos. Por conseguinte, a formação religiosa facilita a abertura à realidade natural e à transcendência e educa para o espírito comunitário.

CAPÍTULO III – PLANIFICAÇÃO E LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA “O PROJETO DE VIDA”, 9º ANO, DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

Este capítulo pretende dar consistência aos conteúdos abordados anteriormente através da elaboração de uma proposta de planificação da Unidade Letiva “O Projeto de Vida”.

O aprofundamento do nosso conhecimento sobre o tema a trabalhar com os alunos é, apenas o primeiro passo na preparação da lecionação. Muitos passos a dar no percurso a fazer; a planificação requer execução, apropriação; de materiais, recursos, estratégias.

Demonstrar, com o conhecimento adquirido, agora, no contexto educativo; perceber que alunos temos diante de nós, para que lhes possamos transmitir adequadamente aquilo que é pretendido, fazendo com que consigamos, também, cumprir metas e objetivos.

Colocar em prática a planificação, saber previamente, o que se quer fazer nas aulas a lecionar, o contexto em que a prática letiva decorrerá, quais os recursos materiais disponíveis e, principalmente, como é o grupo de alunos que se terá diante de nós.

Apresenta-se, num primeiro momento, questões e assuntos relacionados com a Unidade Letiva e com a fase da vida dos alunos; na adolescência e quando são chamados, para muitos pela primeira vez, a tomar decisões. Seguidamente, a disciplina, o seu contributo para o tema a abordar com os alunos. Outro momento, aquele que expõe a apresentação da unidade didática, operacionalizando as metas, objetivos, conteúdos; explorando atividades e recursos pedagógicos. Será apresentado o balanço das interações, em forma de síntese, no final, a avaliação da lecionação, no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES).

1. A Unidade Letiva: questões fundamentais

A adolescência é uma fase importante para a formação da identidade. A caracterização psicológica dos alunos, quanto às dimensões pedagógicas que estão referenciadas no Programa de EMRC, diz que existe um “sentimento consciente de ser um indivíduo separado e único.”¹¹³ Com isto, torna-se crucial fomentar o questionamento para inquietar e fazer com que a procura de respostas seja considerada como parte integrante da pessoa que querem construir, como também, para o que consideram que devem consolidar para a própria afirmação.

¹¹³ Cristina Sá Carvalho, coord. *Quero ser! Manual do Aluno – EMRC – 9º ano do Ensino Básico*. (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015), 167.

A integração do adolescente na sociedade faz com que este tenha de posicionar-se criticamente sobre si e sobre o outro. Neste sentido, é pertinente abordar a questão do *projeto de vida* uma vez que este pode ajudar a delinear uma trajetória mais consistente, alertando-os para os problemas com os quais se irão deparar, mas também para a responsabilidade que cada um tem na construção da sociedade.

A Unidade Letiva “O Projeto de Vida”, apresenta-se numa fase de mudanças, na vida do aluno. O adolescente, que se encontra numa altura de transição, ou seja, numa altura em que é chamado a fazer escolhas académicas, deverá ter algum discernimento para perceber que algumas escolhas poderão, posteriormente, condicionar a sua vida. Assim, questionar, passa primeiramente por os alunos refletirem sobre si: conhecerem quem são, quais os valores que querem presentes nas suas vidas, o que gostam, o que sentem, o que os faz felizes. Posteriormente, o seu papel na construção da sociedade, ou seja, a sua participação para o bem comum, onde a sua responsabilidade está presente, também diante do outro. Por fim, reflectir sobre os comportamentos, o que cada um julga segundo o conjunto de valores que assumiu no seu *projeto de vida* e como os hierarquiza, e a opção que condiciona as escolhas, decisões e comportamentos, porque define o ideal de realização pessoal a que aspira.

Neste contexto, a personalidade vai-se estruturando e definindo por meio das escolhas, tomadas em liberdade. Somos responsáveis pela vida que escolhemos viver com as consequências que estão implícitas nas opções tomadas, sabendo assumi-las perante nós próprios e os outros.

2. A EMRC na construção do projeto de vida

O contributo da disciplina na formação da pessoa, trata-se de uma proposta formativa que vai ao encontro da totalidade do indivíduo, não apenas para uma orientação vocacional, mas sim, para fomentar a autonomia moral, para o conhecimento e juízo crítico, para a capacidade de instruir-se responsabilmente na vida social, escolhendo o bem. “a EMRC tem em vista a formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto de vida”.¹¹⁴

Ainda que a orientação vocacional e profissional seja oferecida pela escola, através do serviço de psicologia, que acontece na maior parte das vezes no mesmo período que a leção desta Unidade Letiva, a orientação vocacional e profissional ajuda a escolher o

¹¹⁴ Conferência Episcopal Portuguesa, “Educação Moral e Religiosa Católica – um valioso contributo para a formação da personalidade”, 11. <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>, consultado em 1 de março de 2018.

curso a seguir, seja no ensino secundário como no ensino profissional, no entanto, nenhuma disciplina contempla esta temática, como questionamento, onde o aluno é levado a refletir sobre si, o seu papel na construção da sociedade, a sua responsabilidade diante do outro, e sobre a fé.

Faço presente aspetos relacionados com o contributo da disciplina através do documento da Conferência Episcopal Portuguesa, onde pode ler-se que a disciplina de EMRC contribui para o “desenvolvimento das crianças, dos adolescentes e dos jovens”¹¹⁵, que “ajuda a amadurecer as interrogações sobre o sentido da vida.”¹¹⁶ A vivência dos alunos, na escola, muito se faz presente no desenvolvimento da pessoa que se está a formar, não se trata apenas da escolarização, mas também da personalidade, com os valores da justiça, da solidariedade, o uso do bem através da própria liberdade. “Não podemos ser livres independentemente da posição que tomamos a respeito da nossa própria liberdade.”¹¹⁷ “Mas, a partir destas escolhas sucessivas, surge uma linha geral de conduta que dá à nossa vida uma orientação original.”¹¹⁸

Neste sentido, a disciplina vai ao encontro de uma educação ligada à significação do mundo e da pessoa, onde se é chamado a refletir sobre as interrogações mais profundas da existência, onde os alunos são dotados de forma moral. Com isto:

“à disciplina de EMRC foi pedido que acompanhasse o processo de desenvolvimento do aluno não apenas no domínio intelectual, mas também das atitudes e comportamentos, proporcionando o encontro entre cultura e fé, abordando questões da vida, os fundamentos da ética, proporcionando aos educandos a capacidade de solucionarem as suas próprias interrogações e propondo-lhes um sentido para a vida.”¹¹⁹

Através da educação, processo contínuo e ambivalente, contribui-se para a construção da identidade, “educar é sempre um processo de ajudar o outro na construção da sua identidade, isto é, na construção da sua forma de estar no mundo: de ver o mundo e de atuar nesse mundo.”¹²⁰ Neste sentido, o processo educacional é um processo criador de identidade pessoal, como refere o autor João Duque, no artigo intitulado *Religião na educação* quando apresenta

¹¹⁵ *Ibidem*, 6.

¹¹⁶ *Ibidem*, 4.

¹¹⁷ Bernard Sesboué, *Pensar e viver a Fé no Terceiro Milénio: Convite aos homens e mulheres do nosso tempo* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999): 33.

¹¹⁸ *Ibidem*.

¹¹⁹ Albertino Silva, “A educação religiosa escolar, debates no Portugal democrático”. *Communio – Revista Internacional Católica* 4 (2006): 460.

¹²⁰ João Duque, “Religião na educação”, *THEOLOGICA* 37, 1 (2002): 63.

três paradigmas educacionais¹²¹ que marcaram a sociedade ocidental: o paradigma patriarcal, o matriarcal e o fratriarcal ou da alteridade, este último seria o modelo que melhor serviria a cultura contemporânea, porque assenta a relação educativa na ética, onde a construção da identidade pessoal é marcada pela solidariedade e pela alteridade. Onde a educação é orientada para a formação de pessoas humanas, cuja identidade se construa na responsabilidade por si mesmo e pelos outros.

Com isto, a escola, a educação, a disciplina de EMRC e a construção de projeto de vida convergem para a vivência humana, onde os alunos são chamados a questionar-se sobre a sua existência e sobre a dimensão do religioso. Por conseguinte, este questionamento sobre a transcendência, tão presente na disciplina de EMRC, ajudará os alunos a perceber várias perspectivas, que os tornará mais responsáveis e felizes. “Para tornar felizes os nossos jovens não bastam os bens materiais e os conhecimentos. São indispensáveis também, a cultura, a ética, a sã convivência, a esperança e o amor”.¹²²

Assim, “podem conceber-se os *valores espirituais* como aqueles valores que dão *sentido* à existência e à atividade humana e que, portanto, contribuem para a construção da *identidade* da pessoa e são fonte da definição concreta da sua moralidade.”¹²³ Com isto, a proposta da disciplina de EMRC, justificando o objetivo da presença nos currículos escolares, como, a importância da Unidade Letiva no Programa da disciplina e a relevância dos alunos integrarem nas suas aprendizagens, em ambiente escolar. A Carta Pastoral sobre a Educação, é exemplo e aponta a proposta importante da EMRC:

“propõe aos educandos uma interpretação integral da existência pessoal e do compromisso social e orienta-os na definição de um projeto de vida enriquecido pelos valores humanizantes do Evangelho que dão conteúdo à liberdade e fundamento à dignidade e à

¹²¹ Cf. *Ibidem*, 64. Em resumo: o paradigma patriarcal é marcado pela tensão entre o educando e alguém que se constitui como uma autoridade, onde a construção da identidade se sedimenta pela contraposição e negação, ou pela subjugação. Este modelo cria filhos que raramente questionam a autoridade, assimilando a identidade do educador, os seus valores e normas, não havendo espaço para uma individualização da identidade. A versão mais moderna deste paradigma, liberta o educando do peso tradicional da autoridade, deixando-o construir livremente a sua identidade, mas sem lhe transmitir limites críticos. Nestas duas formas do paradigma patriarcal, está uma tirania: a da tradição e a do individualismo. O paradigma matriarcal é aquele em que os jovens pertencem a um sistema como se este fosse uma mãe. Os educandos aprendem a viver neste sistema a fim de contribuírem para a sua sobrevivência. Trata-se de um paradigma que subjuga cada pessoa ao sistema, não permitindo que a educação se realize no sentido da humanidade de cada pessoa.

¹²² Comissão Episcopal da Educação Cristã, “Nota Pastoral sobre a EMRC: EMRC, contributo para um novo humanismo”, *Pastoral Catequética* 2 (2005): 9.

¹²³ Pedro d’Orey da Cunha, “A formação moral no ensino público, (evolução de uma ideia)”, *Brotéria – Revista de Cultura e Informação* 138 (1994): 65.

responsabilidade pessoais. [...] é uma disciplina de grande importância para aprender a viver juntos e para aprender a ser”.¹²⁴

3. Apresentação da unidade didática

A unidade didática abordada no âmbito da Prática Letiva Supervisionada tem por base o Programa de Educação Moral e Religiosa Católica em vigor, e respeitou as finalidades, metas, objetivos e conteúdos da disciplina.

A salientar que as Metas Curriculares definidas, sugerem os Objetivos Programáticos necessários à aquisição dos conteúdos em causa. Assim, a definição das Metas e dos Objetivos visam a aquisição de competências/capacidades diversas, estruturadas pelos Domínios definidos: de natureza essencialmente intelectual (Domínios da RELIGIÃO E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA e da CULTURA CRISTÃ E VISÃO CRISTÃ DA VIDA) e centrados no desenvolvimento social e moral, isto é, na aquisição de competências que facilitem e permitam um maduro agir moral (Domínio da ÉTICA E MORAL)¹²⁵.

A planificação elaborada é uma proposta baseada em ideias sugeridas e transmitidas pelo manual da disciplina, mas contou também com recursos pesquisados e elaborados pela docente, considerando o contexto e a turma, que previamente foram conhecidos.

3.1. Contexto da prática letiva

Conforme informação disponibilizada no projeto educativo¹²⁶ em vigor, o Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches é uma unidade organizacional que integra uma escola com 2.º e 3.º ciclos, um estabelecimento com pré-escolar e cinco escolas com 1.º ciclo, das quais três possuem também educação pré-escolar, todas situadas na zona urbana de Braga.

Estas unidades educativas localizam-se na área de influência de duas freguesias com grande densidade populacional, onde se identificam bairros sociais e uma zona comercial de grande dimensão. Integram-se, neste território considerado de intervenção educativa prioritária (TEIP), zonas muito antigas da cidade, caracterizadas por habitações de um ou dois pisos, em

¹²⁴ “Carta Pastoral sobre a Educação: *«Direito e Dever – Missão Nobre ao Serviço de Todos».*” <http://www.educris.com/v2/101-conferencia-episcopal-portuguesa/893-carta-pastoral-sobre-a-educacao-direito-e-dever---missao-nobre-ao-servico-de-todos>. consultado em 1 de março de 2018.

¹²⁵ Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014), 11.

¹²⁶ Cf. Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches. *Projeto Educativo 2013-2017*. http://www.aefranciscosanches.pt/2016_147_projeto_educativo_2013-17.pdf, consultado a 15 de março de 2018.

mau estado de conservação, e bairros sociais onde a degradação patrimonial está presente. Encontram-se ainda zonas de construção recente, prédios com vários andares, rodeados de comércio diversificado. A esta população com diferentes estatutos sociais, culturais e económicos, acresce uma forte incidência de população flutuante de imigrantes provenientes de origens diversas, alguns com língua materna diferente do Português. Estas características configuram a heterogeneidade dos alunos que frequentam o agrupamento.

A Escola Básica de 2.º e 3.º ciclos Dr. Francisco Sanches, local onde decorreu a Prática Letiva Supervisionada, foi alvo de uma requalificação, a partir do ano letivo de 2014 e neste momento, possui as condições desejadas para os projetos delineados pela escola.

Relativamente ao contexto económico, verifica-se que a maior parte das famílias dos alunos deste agrupamento tem uma situação frágil. Um dos indicadores desta realidade é visível na percentagem de alunos que beneficia do apoio da Ação Social Escolar (ASE), quer pela cedência de alimentação gratuita, quer pelo acesso aos recursos essenciais para o processo de aprendizagem. Os dados recolhidos pelo agrupamento estimam que mais de metade dos alunos tem carências económicas. Esta realidade implica uma gestão estratégica que permita o cuidado com cada aluno relativamente às condições que apresenta para aceder a manuais, material escolar e mesmo ao almoço e lanches.

Na análise referente às profissões dos pais e mães dos alunos do agrupamento inserem-se na área do operariado e das profissões não diferenciadas. O desemprego tem sido um dado a acrescentar sistematicamente à caracterização do agrupamento, o que leva ao reforço das medidas do cuidado colocadas em prática nas escolas.

No contexto cultural, observa-se que uma parte significativa dos alunos é oriunda de famílias que vivem nos bairros sociais, situando-se, do ponto de vista socioeconómico, num estrato de baixos recursos e com fraco acesso a bens culturais. Algumas dessas famílias revelam graves debilidades ao nível da sua estruturação com problemas que vão do desemprego, à toxicodependência, ao alcoolismo, à baixa escolarização, entre outros.

Embora haja alguma heterogeneidade nas características sociológicas dos núcleos populacionais em que os estabelecimentos se inserem, são recorrentes as referências relativas à baixa escolarização dos agregados familiares, associadas ao desemprego ou a situações de precariedade social e económica. Nos bairros sociais do Território do Agrupamento de Escolas Francisco Sanches são identificáveis nichos de residentes com características culturais que os definem como grupos minoritários dentro da escola e para os quais é necessário definir estratégias de integração. Estes grupos constituem-se, em parte, como população flutuante, voltando aos seus países de origem depois de alguns anos em Portugal, ou continuando o seu périplo pelo mundo, alguns deles regressando mais tarde à escola.

Um outro indicador que permite caracterizar o agrupamento prende-se com o número de alunos que foram sujeitos a avaliação cognitiva e cujos resultados estiveram no domínio do “inferior” e “muito inferior”. Através dos dados existentes no agrupamento, constata-se que cerca de onze por cento dos alunos pertencem a este grupo e que apresentam dificuldades de aprendizagem resultantes do seu desenvolvimento cognitivo e da complexidade curricular. Outro indicativo prende-se com o número de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) que existem no Agrupamento. Estes alunos encontram-se distribuídos em todos os ciclos de escolaridade, existindo apenas um aluno no pré-escolar e apresentando-se o maior número no 3.º ciclo. Também o número de alunos que é acompanhado pelo Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família (GAAF), no âmbito da psicologia e do serviço social, ajudam a caracterizar esta realidade. Este gabinete ajuda as famílias dos alunos que apresentam indícios de carência económica grave e que corresponde a dezoito por cento dos alunos do Agrupamento.

Dadas as características do contexto em que o Agrupamento se integra, o ideal perseguido é o do desenvolvimento de uma cultura de abertura e de exigência, responsabilidade e cooperação, para que seja considerado como um dos núcleos centrais da expansão da cultura e da educação, não só nos bairros onde vivem os seus alunos, mas também irradiando para a cidade. A missão deste Agrupamento é, de acordo com as características do contexto educativo, fomentar o sucesso escolar de todas as crianças e jovens da comunidade educativa, desde o pré-escolar até ao final das oportunidades oferecidas pelo agrupamento, aumentando progressivamente o leque de ofertas e a sua adequabilidade às necessidades sociais, económicas e culturais da comunidade, potenciado a relação Escola-Comunidade, no intuito de formar cidadãos na vertente pessoal, social e científica de modo a prepará-los para os desafios do presente e do futuro.

O Agrupamento tem como finalidade construir uma escola de qualidade e ser uma escola para a cidadania¹²⁷. Implica acompanhar o percurso escolar de cada um dos alunos a fim de assegurar a realização de aprendizagens e o desenvolvimento de atitudes e valores, que se traduzem no seu desenvolvimento integral e harmonioso. Conta com toda a comunidade, a do interior da escola e que a envolve, na colaboração da construção deste ideal.

3.2. Caraterização da turma

A Prática Letiva Supervisionada ocorre numa turma do nono ano de escolaridade, constituída por 23 alunos, sendo que um aluno não está matriculado na disciplina. Assim, dos

¹²⁷ Cf. *Ibidem*, 10.

vinte e dois alunos a frequentar a disciplina, oito são raparigas e catorze são rapazes. No que se refere às idades, estas estão compreendidas entre catorze e dezasseis anos. Deste grupo turma, um aluno tem NEE ao abrigo do Decreto Lei nº3/2008 de 7 de janeiro¹²⁸, beneficiando de medidas educativas de acordo com as suas dificuldades. Estas estão circunscritas a algumas disciplinas, pelo que não houve necessidade de adaptar materiais ou adequar estratégias.

Dos dados disponibilizados de alguns alunos, verifica-se que manifestam dificuldades nas matérias lecionadas, desconcentração e desinteresse em cumprir com o que lhes é solicitado. Em contrapartida, a turma conta com alunos interessados e que cumprem com facilidade o que lhes é pedido, demonstrando sentido de responsabilidade. No geral a turma tem um bom comportamento. Todos os alunos provenientes de outros países, que chegam a qualquer altura do ano letivo, são integrados e contam com todos os apoios disponíveis na escola.

Das oito turmas de nono ano que existem na escola, esta turma é a que apresenta melhores resultados académicos, sendo também a turma que mais participa nas atividades da vida escolar.

Relativamente aos dados socioeconómicos, esta turma é bastante heterogénea, havendo onze alunos com Apoio Social Escolar (ASE).

No que concerne à disciplina de EMRC, o aluno que não frequenta a disciplina é por motivos da crença e prática religiosa e dos alunos que frequentam, alguns alunos não são batizados e um grupo de alunos afirmam-se ateus. Manifestam interesse por esta aula, devido à possibilidade de debate, questionamento, por visualizarem vídeos e filmes, como também refletirem sobre o que visualizam, assim como músicas ou notícias. Na maior parte das aulas, contam com temas que não são abordados nas demais disciplinas da vida académica, que consideram relevantes, como também com a possibilidade de abordar assuntos da atualidade. Os alunos desta turma frequentam a disciplina desde o quarto ano de escolaridade, e fizeram, ao longo destes anos, um caminho de relação próxima com a disciplina e com o professor de EMRC, alicerçando a confiança e os laços estabelecidos. Esta empatia, construída ao longo de tantos, reverteu-se numa manifesta dificuldade em partilhar assuntos que consideram particulares com outro professor que não faz parte dos laços que consideram de confiança. Esta particularidade foi evidenciada pelos alunos na aula prévia à leção, como também, a dificuldade em perceber a importância de pensar na vida como um projeto. Esta informação foi importante para conceber trabalhos, usar estratégias e atividades mais ajustadas à turma de acordo com o tema, para os levar a pensar sobre o tema e o que o envolve nas suas vidas.

¹²⁸ Legislação disponível em <http://www.dge.mec.pt/legislacao-2>, consultado em 16 de março de 2018.

Com a informação conseguida na aula prévia, e porque falamos de adolescentes, em todas as aulas foram privilegiados recursos audiovisuais, por ser algo que os alunos têm interesse e que também contribui para uma melhor aprendizagem. Todos os recursos, materiais, estratégias, dinâmicas ou tarefas foram pensadas para motivar os alunos e assim potenciar a aprendizagem, para desenvolver o trabalho colaborativo através de regras e da individualidade de cada aluno, sempre com o intuito de fomentar o espírito crítico.

3.3. *Planificação descritiva*

Atentando o contexto e a caracterização da turma, a planificação proposta para lecionação, da Unidade Letiva 3 do 9º ano de escolaridade, “O Projeto de Vida”, programaram-se seis aulas, a lecionar no início do segundo período letivo.

Em todas as aulas é considerado momentos para questões, esclarecimentos e para fortalecer e fundamentar conteúdos, espaço para a reflexão e para uma avaliação contínua. As propostas de planificação contam com vários recursos e estratégias, privilegiam-se recursos audiovisuais, porque suscitam o interesse dos alunos, mas também porque contribuem para uma melhor aprendizagem, fomentando a participação e aumentando o rendimento dos alunos.

Segundo especialista em comunicação, José Manuel Moran, a linguagem audiovisual é atrativa, desperta o interesse e a curiosidade. É uma linguagem motivadora e dinâmica. Afirma que “os vídeos facilitam a motivação e o interesse por assuntos novos. Os vídeos são dinâmicos, contam histórias, mostram e impactam”¹²⁹, mais assegura que a linguagem audiovisual responde à sensibilidade dos jovens porque se dirige mais à afetividade do que à razão, assim declara que “as crianças e os jovens leem o que podem visualizar, precisam ver para compreender”.¹³⁰

3.3.1. Aula 1 – Projeto ou projetos?

Primeiramente faço presente que a planificação relativa à primeira aula foi o início da lecionação da Unidade Letiva, isto porque numa aula prévia aconteceu a apresentação dos alunos e da professora estagiária.

¹²⁹ José Manuel Moran, “Vídeos são instrumentos de comunicação e de produção”, Entrevista publicada no Portal do Professor do MEC a 06.03.2009, por Renata Chamarelli e Fátima Schenini. <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/noticias.html?idEdicao=16&idCategoria=8>, consultado em 1 de março de 2018

¹³⁰ *Ibidem*.

A primeira aula deu-se no primeiro dia de aulas após a interrupção letiva do primeiro período. Assim, o acolhimento foi a base para a abordagem de introdução do tema; sem o desvendar, a docente e os alunos partilharam tradições de passagem de ano, do seu conhecimento e a forma como a própria passagem de ano tinha sido vivida. Em seguida, a professora distribuiu pelos alunos um documento onde constam várias tradições de passagem de ano¹³¹, em diversos países. Com a passagem de ano vivida recentemente, a lecionação prosseguiu com o recurso aos desejos pedidos. Os alunos são convidados a falar dos seus desejos, sonhos, objetivos que têm, ou seja, a interação oral para que os alunos descobrissem o tema da Unidade Letiva a trabalhar.

Com a descoberta do tema, a professora convida os alunos a pensarem sobre ideias, palavras que o tema sugere, as quais numa chuva de ideias, a professora regista no quadro; e após os alunos chegarem ao pretendido, procedeu-se à entrega de um documento resumo com o significado e a definição de projeto¹³². Realço alguns aspetos que constam no documento, como a ideia de um projeto fazer-se na perspetiva de lançar para a frente com a ação presente e uma trajetória que se avalia, no sentido de uma transformação e sugerindo a ideia de futuro. Assim, a definição de projeto assenta num conjunto de verbos e substantivos relacionados com objetivos a atingir, estratégias, decisões, que visam o fim que se pretende, na perspetiva da realização pessoal.



Conjunto de verbos e substantivos que visam o objetivo a atingir, na definição de projeto.

A professora alerta para os projetos que fazemos, que queremos e desejamos concretizar. Neste sentido, a felicidade é um aspeto que os alunos salientam. Falam também da família e dos bens materiais que os deixam alegres, da saúde e da amizade verdadeira, fatores necessários, que dão sentido à vida. Nesta tarefa de se pensar o projeto, é necessário ter presente que também se deve avaliar as decisões e as escolhas tomadas ao longo da vida.

¹³¹ Cf. Anexos, Documento 1 – Tradições de Passagem de Ano

¹³² Cf. Anexos, Documento 2 – A palavra Projeto

Com tudo o que foi abordado, a professora alerta para a imprevisibilidade da vida, e faz presente uma participação de um aluno sobre o não controlarmos o que pode acontecer no futuro. Após breve diálogo, sobre a incerteza, reflete-se sobre as escolhas e os caminhos que a vida segue, alertando para as voltas que um projeto de vida pode levar.

Com isto, a professora recorre às imagens da *Apple* e de um *iPhone* e questiona os alunos sobre a personalidade que está por detrás da marca e de um equipamento desenvolvido. Os alunos identificam com grande facilidade e, em seguida, propõe aos alunos a visualização de um vídeo com o testemunho do próprio Steve Jobs, onde discursa sobre as voltas e reviravoltas que a vida tem, neste caso da sua própria vida.



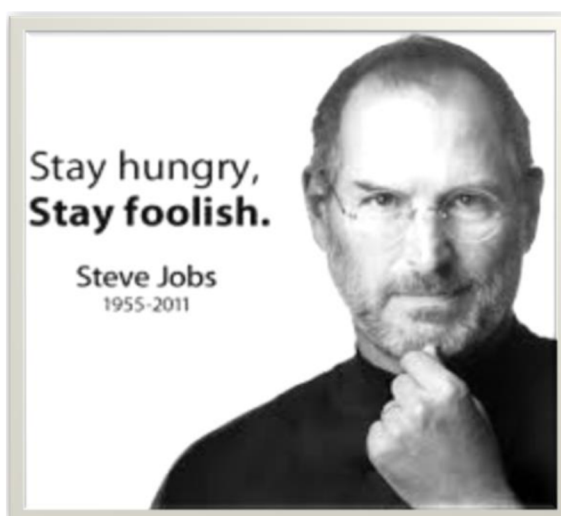
Stuck on Apple Logo

Logotipo da Apple.



iPhone desenvolvido pela Apple.

Após a visualização, a professora abre o diálogo sobre a personalidade – Steve Jobs, com isto pretende que os alunos reflitam sobre a direção, não controlada, que a vida leva e assim as alterações ao projeto. A reflexão final incidiu na frase que Steve Jobs menciona no seu discurso: “*Stay hungry, stay foolish*”, frase que a professora salienta e sugere aos alunos uma tradução da mesma: mantenham-se famintos por coisas novas, mantenham-se certos da sua ignorância. Continuem ávidos por aprender, continuem ingênuos e humildes para procurar. Tenham fome de vida, sede de descobrir.



Steve Jobs, com a sua frase, esta usada como exemplo na aula.

Com o exemplo da personalidade, a professora aborda a questão: *projeto ou projetos?* Esta questão, que ficou bem patente no discurso visualizado e proferido a jovens em determinado ponto do seu percurso de vida, ajuda os alunos a refletir que todos são chamados a pensar no projeto de vida, este que se constrói com escolhas feitas, na tomada de decisão, onde em cada passo se delinea o projeto de vida pessoal e concreto, em liberdade consoante a situação particular.

Com isto, e para finalizar, a professora propõe que os alunos, recorrendo ao documento já entregue sobre a palavra *projeto*, registem em forma de síntese o que foi abordado na aula. No mesmo documento, um espaço reservado e identificado, para que os alunos possam registar o sumário da aula.

Nesta primeira aula não foi possível registar o sumário no tempo previsto. Por este motivo a professora apenas procedeu à explicação sobre como os alunos vão proceder ao registo do sumário. Assim, a professora diz que ao longo das aulas vai entregar vários documentos, com a intenção de se construir um caderno que expõe o lecionado nas aulas, para assim, os alunos a qualquer momento poderem relembrar aspetos a considerar para o planeamento de um projeto de vida. Com isto, a docente despede-se dos alunos e faz votos de uma boa semana, fica o registo do sumário para a próxima aula, que será considerado na planificação da próxima aula.

O objetivo desta primeira aula é a introdução à Unidade Letiva “O Projeto de Vida”, o qual, primeiramente, tem o seu centro na distinção entre projeto e projetos de vida, no que concerne ao pessoal, à situação particular de cada pessoa, bem como aos intervenientes da construção do próprio projeto. Por se tratar de um caminho que se percorre, as implicações que o mesmo tem, na sua imprevisibilidade, e a forma de nos posicionarmos perante o que acontece no percurso da vida, as escolhas feitas, em liberdade, em cada projeto, vão delinear o projeto de vida pessoal e concreto.

Planificação de Aula

Unidade Letiva: 3 – O Projeto de Vida

Aula n.º 1/6

Ano: 9º | Turma: 5

Data: 04/01/2018 – 15h10m

Tempo previsto: 45m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: Introdução à unidade letiva 3 “O Projeto de Vida”. Projeto ou projetos?			Acolhimento		2m	
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	1. Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal.	- Definição de projeto; - Projeto e/ou projetos?	- Introdução ao tema, através da abordagem às tradições de passagem de ano.	- Anexo 1 - Tradições de Passagem de Ano. - Quadro; - Giz; - A palavra “projeto”, significado e definição. - Vídeo do discurso de Steve Jobs. (disponível em https://www.youtube.com/watch?v=s9E6XfJPA MM , com duração de 14m41s) - Computador; - Projetor; - Colunas; - Anexo 2 - Significado e definição da palavra “Projeto”.	5m	
			- Depois da partilha de conhecimentos, os alunos são convidados a falar dos seus desejos da passagem de ano.		7m	- Observação direta;
			- Após interação oral, a professora, através de questões orientadas tenta que os alunos descubram o tema da Unidade Letiva. Com isto, a docente convida os alunos a pensarem sobre ideias, palavras que o tema sugere. Para consolidação, a professora distribui o significado e definição da palavra “Projeto”.		6m	- Cumprimento e respeito das regras da sala de aula;
			- Em seguida a professora apresenta imagem da <i>Apple</i> e do <i>iPhone</i> para aferir que os alunos conhecem Steve Jobs, de seguida propõe aos alunos a visualização do vídeo do discurso de Steve Jobs, na universidade de Stanford, Estados Unidos, a 12 de junho de 2005.		15m	- Atenção e respeito na participação por parte dos elementos da turma;
			- Após a visualização, a professora abre o diálogo sobre a personalidade – Steve Jobs, com isto pretende que os alunos reflitam sobre o rumo, não controlado, que a vida leva e assim as alterações dos projetos.		5m	- Participação; - Interesse e motivação;
			- Registo do sumário, em forma de síntese sobre o que foi abordado na aula.		6m	- Cumprimento e empenho das tarefas propostas.

3.3.2. Aula 2 – Projeto de vida e vocação

A segunda aula começa com o acolhimento, onde a professora questiona os alunos sobre a semana que viveram. Posto isto, propõe que façam eles mesmos uma revisão do que foi abordado na primeira aula. Após alguns aspetos realçados pelos alunos, a professora mostra o resumo¹³³ da aula, projetando para a turma, e solicita que seja feita a leitura do mesmo por parte de alguns alunos, estes escolhidos pela professora. De seguida, propõe que procedam ao registo do sumário, em local identificado, conforme explicação dada na aula anterior e que será exemplo a seguir nas aulas seguintes. O sumário é projetado para que toda a turma consiga visualizar.

Com o recurso do resumo da aula anterior, a professora orienta a turma para a participação, para que os alunos falem sobre o que acreditam, de forma particular, sobre o que é importante no projeto de vida. As principais ideias veiculadas são: conseguir uma profissão, constituir família, que nada lhes falte do essencial, principalmente saúde, a realização pessoal, para que se sintam felizes com a vida que têm diariamente, entre outras. Com tudo isto, a docente solicita que os alunos visualizem o vídeo¹³⁴, que fala sobre vocação.

Após visualização do vídeo que pretende definir *vocação*, a professora solicita a participação da turma sobre o tema visualizado, orienta os alunos na participação sobre o tema e se este está presente no projeto de vida. Os alunos participaram dizendo alguns aspetos que vão ao encontro do ainda desconhecido por muitos, no que respeita ao pessoal, ou seja, a vocação profissional, pois não reconhecem outro tipo de vocação; outros falam não saber o que os realiza ou os faz feliz, ou seja, muitas dúvidas e questões que não sabem como ou onde vão encontrar respostas.



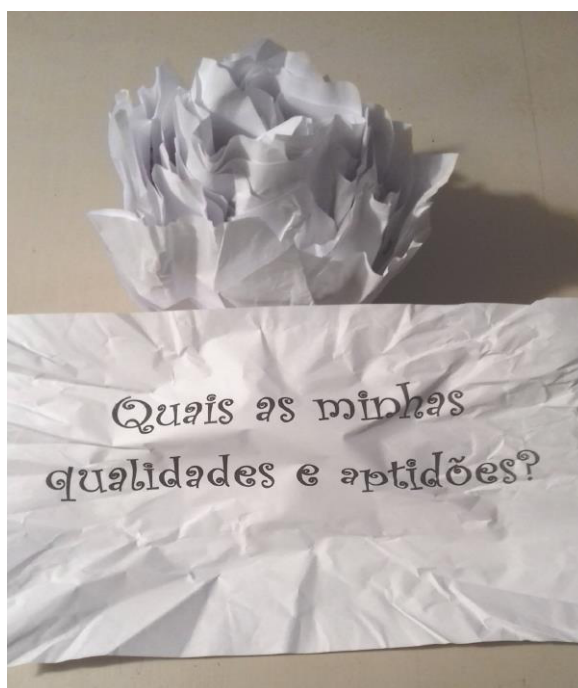
Vídeo sobre a definição de *vocação*.

¹³³ Cf. Anexos, Documento 3 - Diapositivos utilizados para a revisão da Aula 1

¹³⁴ "Vocation 101 What is Vocation [Legendado - Português]", Youtube, acedido a 21 de dezembro, 2017, <https://www.youtube.com/watch?v=N0wOEJoyO-I>.

Com as incertezas, dúvidas e anseios, a professora diz para a turma que existem perguntas às quais cada um deve conseguir responder para conseguir delinear alguns traços para a construção do seu projeto de vida. Após algumas intervenções, a professora aborda a turma dizendo que tem um teste para responderem. Com isto arrumam a caneta e os documentos, estes em forma de projeto em construção, que a professora lhes providenciou antecipadamente.

Os alunos preparam-se para responder ao teste, chamado pela docente de “*Teste do Repolho*”. Trata-se de perguntas que se dispõem em forma de repolho, onde folha a folha, esta retirada por um aluno, é respondida a pergunta que se apresenta ao aluno qua a retirou. Assim, cada aluno viu-se perante questões que são o primeiro passo para a definição de um projeto de vida, isto porque o conhecimento de nós mesmos nos torna aptos para traçar um projeto adequado à nossa situação concreta, onde as escolhas estão patentes e constroem a pessoa, consoante a direção da estrada que se escolhe percorrer.



“Teste do Repolho”

O tempo de aula chega ao fim, mas toda a turma decide finalizar as respostas ao “*Teste do Repolho*”, a turma demonstrou motivação, interesse e empenho na tarefa proposta, onde o entusiasmo e a perplexão perante as perguntas estiveram presentes.

A planificação não foi cumprida na sua totalidade, ficando o documento - Eu, Projeto - onde constam as perguntas feitas no teste, por entregar. Também o sumário da aula ficou por registar, pelo que a planificação da aula seguinte terá isto em consideração.

O objetivo da aula é primeiramente levar os alunos a questionarem-se sobre a sua vocação; para que se comessem a consciencializar do que os faz feliz, do que os caracteriza na sua personalidade, naquilo que os realiza pessoalmente e na sociedade que fazem parte. Respostas que, no momento, muitos não estão preparados a dar. Neste sentido, o questionamento para o autoconhecimento ajuda e encaminha na construção do projeto de vida pessoal onde considerar o outro também está presente.

Planificação de Aula

Unidade Letiva: 3 - Projeto de Vida

Aula n.º 2/6

Ano: 9º | Turma: 5

Data: 11/01/2018 – 15h10m

Tempo previsto: 45m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: Projeto de vida e vocação.			Acolhimento		2m	
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	1. Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal.	<ul style="list-style-type: none"> - Objetivos e metas pessoais; - Vocação e profissão. 	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução ao tema com a revisão da aula anterior e registo do sumário. 		6m	<ul style="list-style-type: none"> - Capacidade de recordar os conteúdos da aula anterior;
			<ul style="list-style-type: none"> - A professora propõe a visualização do vídeo, que fala sobre <i>vocação</i>. Trata-se de definir <i>vocação</i>, o que engloba, sugere. Com isto questionar os alunos sobre a própria <i>vocação</i> e o que pretendem fazer com o que consideram que se trata de <i>vocação</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> - Projetor; - Computador; - Colunas; - Vídeo com o tema <i>vocação</i>, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N0wOEJoyO-I, 	8m	<ul style="list-style-type: none"> - Cumprimento e respeito das regras da sala de aula;
			<ul style="list-style-type: none"> - Depois de uma abordagem orientada para o autoconhecimento e consciencialização própria da personalidade e o que os identifica como pessoas em desenvolvimento, este também para com o próprio projeto de vida. A professora propõe a realização do "<i>Teste do Repolho</i>". 	<ul style="list-style-type: none"> com os direitos reservados à "The Fund for Theological Education", com duração de 2m20s. - "<i>Teste do Repolho</i>", questões. 	23m	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção e respeito na participação por parte dos elementos da turma; - Participação oportuna e organizada;
			<ul style="list-style-type: none"> - Depois da finalização do referido teste, a professora distribui pelos alunos as perguntas que surgiram no "<i>Teste do Repolho</i>", diz-lhes que se trata de um documento que podem sempre recorrer para os ajudar a pensar no projeto de vida que querem construir, neste sentido as respostas a dar devem ser na perspetiva do "Eu, projeto". 	<ul style="list-style-type: none"> - Documento: "Eu, Projeto". Neste documento consta as questões do "<i>Teste do Repolho</i>". - Caneta; 	4m	<ul style="list-style-type: none"> - Interesse e motivação;
			<ul style="list-style-type: none"> - Para finalizar a aula os alunos fazem o registo do sumário. 		2m	<ul style="list-style-type: none"> - Cumprimento e empenho das tarefas propostas.

3.3.3. Aula 3 – A felicidade como projeto

A terceira aula começa com o acolhimento, a professora dialoga com os alunos sobre a semana que tinham vivido desde da última aula. Após estabelecer a interação pergunta sobre a aula anterior e rapidamente os alunos falam do “*Teste do Repolho*”, sobre as perguntas difíceis de responder, porque no momento não sabem bem o que pretendem escolher, seguir, o que querem para a vida.

Com isto, a professora orienta os alunos para que falem sobre o que retiveram do vídeo sobre *vocação*, ou seja, se as opções e os valores que estão implicadas nas vocações e se também considerarmos as perguntas do “*Teste do Repolho*”, pode ser um princípio para as respostas no que queremos projetar na própria vida. Com a participação dos alunos, a professora solicita a leitura do resumo¹³⁵, projetado para toda a turma, para que todos consigam visualizar.

A professora faz presente, a vocação como chamamento, e que cada um, de forma livre, dá a sua resposta. Esta resposta passa por estar patente no projeto de vida pessoal, assim como a descoberta das suas qualidades e aptidões, aquilo que os faz sentir feliz e os mobiliza para se construírem quotidianamente na sua vida e na vida dos outros.

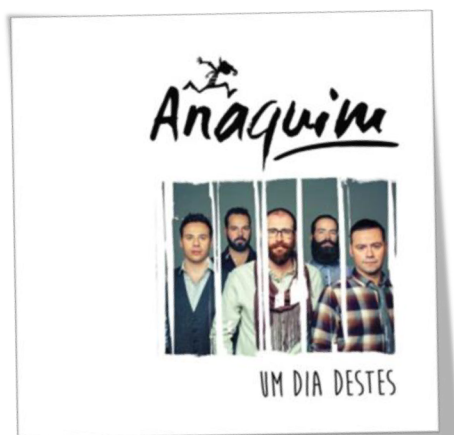
Após esta reflexão, a professora aborda os alunos sobre as questões do “*Teste do Repolho*” e sobre a dificuldade em responder. Desta forma, procura transmitir que as perguntas feitas exigem respostas verdadeiras e conscientes para que cada um realize o seu projeto de vida. É preciso ter algum conhecimento de nós próprios, só assim estaremos aptos e com coragem para traçar um projeto adequado à nossa situação concreta. As respostas são o ponto de partida para o que queremos delinear no nosso projeto de vida, mas também remetem para uma multiplicidade de projetos de vida alternativos, porque nos abrem a um conjunto de escolhas. Estas escolhas, se corretas e em tempo oportuno vão proporcionar maior ou menor autorrealização e felicidade.

A professora entrega o documento onde constam as perguntas do “*Teste do Repolho*”, na perspetiva do “Eu, Projeto”¹³⁶, com a intensão de que as mesmas podem ser lembradas e respondidas a qualquer momento das suas vidas. Neste mesmo documento consta o espaço, identificado, para que os alunos possam proceder ao registo do sumário. Assim, os alunos fazem o registo do sumário da aula anterior, que é projetado para que toda a turma possa visualizar.

¹³⁵ Cf. Anexos, Documento 4 - Diapositivo utilizado para a revisão da Aula 2

¹³⁶ Cf. Anexos, Documento 5 – Eu, Projeto

De seguida, a professora propõe aos alunos a audição da música “*A Estrada*”¹³⁷ e entrega documento com a letra¹³⁸ para que os alunos possam acompanhar as ideias que a letra da música transmite. Após a audição da música, a docente sugere aos alunos a partilha de alguma frase da letra da música que os tenha tocado especialmente. Após a partilha, a professora incentiva, com questões orientadas, uma conclusão, que vai ao encontro do sentido que cada um dá à sua vida, com as escolhas que vamos optando por fazer, isto projetado na estrada que percorremos, que é a vida, que é o caminho para a felicidade.



Anaquim, *Um dia destes*, “A Estrada”

A professora estimula os alunos a pensar sobre o que os faz sentir felizes, após algumas participações, alerta os alunos, para que reflitam se ser feliz é algo momentâneo ou pelo contrário, se a felicidade só o é se duradoura. Com isto, a professora distribui a cada aluno um balão e começa por perguntar, em forma de reflexão, como um balão pode retratar a felicidade. Alguns alunos, manifestam-se a dizer que o balão é símbolo de felicidade.

A professora solicita à turma que acompanhe a reflexão e que sempre que acharem conveniente que questionem, intervenham. Na sequência, fala de momentos de felicidade, onde o balão pode ser um símbolo do momento, da alegria que se sente por determinado acontecimento, por isso o balão se enche. Outra perspetiva, a felicidade que permanece na pessoa, retrata-se no balão cheio e visível a todos. Ainda, a felicidade que caracteriza a pessoa, que lhe dá identidade, isto traduz-se no balão, porque para além de cheio e visível, é levado, serve de brincadeira, contagia com o seu divertimento, com a beleza da alegria. Numa outra vertente, a felicidade fugaz, mas que marca a pessoa, como tatuagem, por isso a pessoa a recorda; isto pode ser visto através do balão que rasga por algum motivo, mas é guardado com

¹³⁷ Anaquim, *Um dia destes*, “A Estrada”, Youtube, acessado a 4 de janeiro, 2018, <https://www.youtube.com/watch?v=1oVMuG9NnS8>.

¹³⁸ Cf. Anexos, Documento 6 – Letra da música “A Estrada”

carinho para que possa ser recordado. Ou, o balão que ao rasgar, se esvazia no ar, perde-se o balão, mas fica presente o motivo pelo qual o balão se encheu, isto porque a felicidade, o balão, é feito de um material que não se degrada/desaparece facilmente, como a felicidade, quando verdadeiramente sentida permanece em nós, mesmo que somente em recordação.

Após a reflexão, a professora incentiva os alunos a pensarem sobre um adjetivo, palavra que usariam para dizer a sua própria felicidade como projeto. Propõe que os alunos escrevam no seu balão essa palavra. Enquanto os alunos realizam a atividade proposta, a professora distribui um documento com essa mesma proposta¹³⁹, onde mostra algumas palavras que dizem a felicidade como projeto de vida pessoal. Os alunos realizam o proposto, e a professora em forma de paralelismo demonstra que ao encher o balão, o que se escreveu cresce, como analogia ao que acontece com a felicidade sentida e bem sustentada, que cresce para o próprio e torna-se visível para com o outro.



E no teu balão! Qual a palavra que diz a tua felicidade como projeto?

O tempo de aula finalizou e o registo do sumário fica para a próxima aula, assim constará na planificação da aula seguinte.

O objetivo da aula, num primeiro momento, assenta na consolidação dos aspetos focados no que concerne à importância do discernimento para o conhecimento de si mesmo,

¹³⁹ Cf. Anexos, Documento 7 – A felicidade como projeto. E no teu balão!

este também refletido nas vocações que cada um reconhece, e que por sua vez refletem-se na felicidade, para a própria pessoa e para os outros. Num segundo momento, refletir para que questões e respectivas respostas sejam colocadas como opções, estas que vão espelhar, com o discernimento ponderado, uma escolha, desejada conforme cada um quer para si mesmo, e de si mesmo para com o outro. O balão, objeto para refletir sobre a felicidade e adjetivar a sua sustentação, na procura da percepção da felicidade, apoiada nas escolhas acertadas e em tempo oportuno, serviu para mostrar o sentido que se pode escolher, na estrada da vida, para se ser feliz.

Planificação de Aula

Unidade Letiva: 3 - Projeto de Vida

Aula n.º 3/6

Ano: 9º | Turma: 5

Data: 18/01/2018 – 15h10m

Tempo previsto: 45m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: A felicidade como projeto.			Acolhimento		2m	
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	2. Reconhecer os valores necessários à concretização de projetos de vida verdadeiramente humanos.	<ul style="list-style-type: none"> - A felicidade própria e alheia - A felicidade como projeto - A felicidade como uma construção pessoal que conta com a ajuda dos outros; - As atitudes e valores a ter em conta para a concretização de projetos de vida cuja meta é ser feliz 	- Revisão da aula anterior.		4m	
			- Entrega do documento com as perguntas relativas ao “Teste do Repolho”, na perspetiva do <i>Eu, Projeto</i> . Diálogo e esclarecimento. Registo do sumário.	- Documento com as perguntas do “Teste do Repolho”, na perspetiva do <i>Eu, Projeto</i> ;	4m	- Capacidade de recordar os conteúdos da aula anterior;
			- A professora propõe aos alunos a audição da música “A Estrada”, da banda <i>Anaquim</i> . Entrega da letra para que possam acompanhar as ideias que a letra da música transmite.	- Projetor;	6m	- Cumprimento e respeito das regras da sala de aula;
			- Após a audição da música, a professora propõe aos alunos a partilha de alguma frase da letra da música que os tenha chamado a atenção. Por fim, a professora incentiva à conclusão: o sentido da vida, projetada na estrada, é ser feliz.	- Computador;	11m	- Observação direta: atenção à música, capacidade de análise da mensagem da letra da música;
			- A professora distribui a cada aluno um balão, para em reflexão exemplificar, através do balão, a felicidade. Por fim, propõe aos alunos que escrevam no balão uma palavra que demonstre a atitude, opção, para que a felicidade esteja presente no projeto de vida pessoal.	- Colunas;	16m	- Participação oportuna e organizada;
			- Para finalizar a aula os alunos fazem o registo do sumário, será a síntese dos conteúdos da aula.	- Documento com a letra da música “A Estrada”, da banda <i>Anaquim</i> , disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1oVMuG9NnS8 com duração de 3m37s.	2m	- Atenção e respeito na participação por parte dos elementos da turma;
				- Caneta;		- Interesse e motivação;
				- Balão;		- Cumprimento e empenho das tarefas propostas;
				- Documento: <i>A felicidade como projeto. E no teu balão!</i>		

3.3.4. Aula 4 – Operação das opções. Ter ou Ser a projetar a felicidade

A quarta aula começa com o acolhimento, de seguida a professora apresenta o resumo¹⁴⁰ da aula anterior, solicita a leitura para a turma, por parte de alguns alunos. Após leitura, a professora realça que a estrada da vida para ser feliz depende muito das escolhas que tivermos decidido fazer e é nas escolhas que “jogamos” a felicidade que procuramos. A professora, como síntese, realça o sumário da aula anterior – a felicidade como projeto – e solicita aos alunos o registo do mesmo no documento entregue, no espaço para essa finalidade.

As escolhas e a felicidade estão presentes na estrada que percorremos conforme as direções que escolhemos, que são as opções que tomamos, assim, a docente propõe aos alunos a visualização do vídeo “My Shoes”¹⁴¹. Após visualização, a professora fomenta o diálogo através de perguntas orientadas, estas sobre os assuntos que os alunos consideram ser abordados no vídeo. Após participação, a professora pergunta qual a mensagem que retiram do que viram, ao qual os alunos respondem que se trata de *ter* e que o *ser* foi esquecido no desejo de *ter*.



Vídeo “My Shoes”

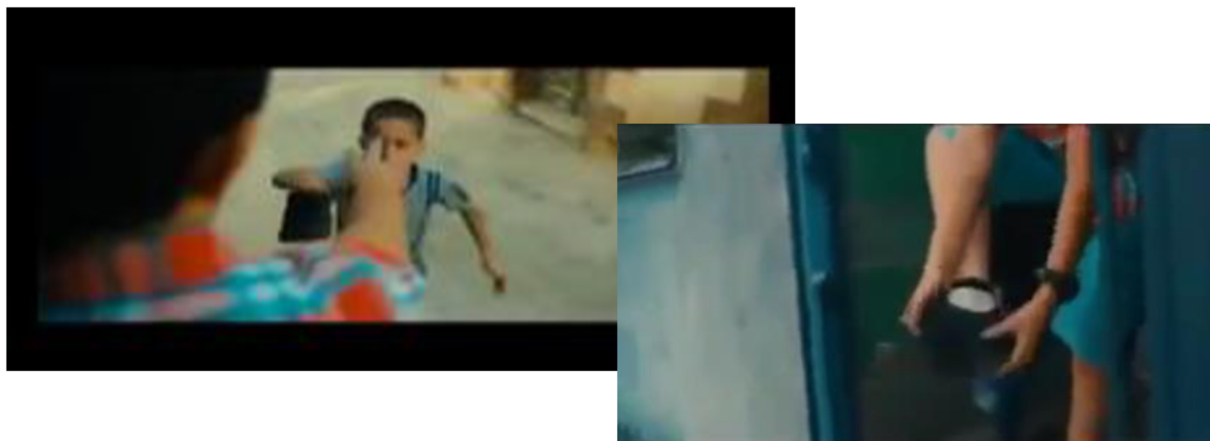
Após partilha e algum diálogo, a professora propõe a visualização de um vídeo intitulado de “O vídeo mais emocionante do mundo”¹⁴². Após visualização, a professora solicita aos alunos que comentem o vídeo, de acordo com o que acham que é retratado. Na participação dos alunos, ficou bem patente os valores que ambos os protagonistas

¹⁴⁰ Cf. Anexos, Documento 8 – Diapositivos utilizados para a revisão da Aula 3

¹⁴¹ “My Shoes”, Youtube, acedido a 25 de janeiro, 2018, <https://www.youtube.com/watch?v=CkSQ7Gtizjgcom>.

¹⁴² “O vídeo mais emocionante do mundo”, Youtube, 25 de janeiro, 2018, <https://www.youtube.com/watch?v=UaGgBEgR0jI>.

demonstram, que apesar do *ter* estar presente, o *ser* esteve sempre muito vincado e isso foi concebido nas atitudes demonstradas.



“O vídeo mais emocionante do mundo”

Após partilhas e intervenções, os alunos expuseram bem o interesse pelo demonstrado e debatido. Na sequência, a docente entrega aos alunos um documento onde consta a imagem de um quadro, intitulado “*Operação das opções*”¹⁴³. Neste quadro, de um lado constam bens materiais, estes somados e com resultado em felicidade, esta questionável e, no outro lado, valores positivos com a multiplicação a dar-se no amor, opção fundamental, com resultado em felicidade, esta sem dúvidas ou questões, sem incógnitas a decifrar.



Imagem do Quadro “Operação das opções”

A professora expõe que a imagem pretende retratar as opções que fazemos, em liberdade, na construção do projeto de vida pessoal, onde a felicidade é o objetivo a concretizar, no sentido da vida que desejamos. Após diálogo com os alunos sobre a imagem, a

¹⁴³ Cf. Anexos, Documento 9 – “Operação das opções”

professora incita os alunos a questionarem a frase: *Ter ou Ser igual a incógnita*¹⁴⁴, pede-lhes que comentem.

Em forma de resumo, os alunos facilmente expõem que *ter* faz parte da vida, muito para suprir necessidades, umas mais precisas que outras, mas que de alguma maneira transportam felicidade. Por outro lado, o *ser* é o que verdadeiramente vai fazer com que cada um se sinta feliz e viva bem com a vida que tem, também com quem de alguma forma faz parte da sua vida e contribui para a felicidade, esta alicerçada no amor. Após participação, a professora pede aos alunos que comentem a frase, em forma de síntese da aula: *Operação das opções no projeto de vida*¹⁴⁵. Após breve diálogo os alunos realizaram o solicitado.

O tempo de aula finalizou e o registo do sumário não foi realizado, assim, o mesmo acontecerá na próxima aula e por este motivo constará na planificação.

O objetivo da aula é inculcar a possibilidade constante, em liberdade, da operacionalização das escolhas que fazemos, estas retratadas no *ter* ou no *ser*, onde a operação da disjunção lógica *ou* está relacionada com a união do conjunto, este formado pelo *ter* e pelo *ser*, sendo assim, a operação das opções que fazemos, no que se relaciona ao *ter* como também ao *ser*. Estas opções fazem parte do caminho para a realização pessoal e assim *ter* ou *ser*, com a opção fundamental no amor, para *ser* e para com o *ser*, onde o resultado da união do conjunto da operação das opções seja igual a felicidade, na estrada da vida que percorremos.

¹⁴⁴ *Ibidem.*

¹⁴⁵ *Ibidem.*

Planificação de Aula

Unidade Letiva: 3 - Projeto de Vida

Aula n.º 4/6

Ano: 9º | Turma: 5

Data: 01/02/2018 – 15h10m

Tempo previsto: 45m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: Operação das opções. Ter ou Ser a projetar a felicidade.			Acolhimento		2m	Pontualidade;
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	2. Reconhecer os valores necessários à concretização de projetos de vida verdadeiramente e humanos.	<ul style="list-style-type: none"> - As várias opções de vida e a “Opção fundamental”. - O papel dos bens materiais na construção de projetos pessoais. - Riscos e limitações da procura da felicidade centrada apenas na preocupação do ter; - Uma perspetiva equilibrada para a satisfação das necessidades materiais: <ul style="list-style-type: none"> - O valor do estudo, do trabalho e do esforço; - A importância da partilha de dons e de bens. 	<ul style="list-style-type: none"> - Revisão da aula anterior e registo do sumário da aula anterior. - A professora propõe aos alunos a visualização do vídeo “My Shoes”. Após visualização a professora coloca-lhes a seguinte pergunta: Na vossa opinião quais são os dois assuntos que são retratados? Depois de um breve diálogo, a professora pergunta: Qual a mensagem que podemos retirar? - Após a partilha, a professora propõe uma segunda visualização, do vídeo intitulado “O vídeo mais emocionante do mundo”. De seguida, a professora pede aos alunos para comentarem o filme, considerando as perguntas anteriormente feitas. - Posto isto, a professora entrega aos alunos um documento com a imagem de um quadro onde consta a soma de bens materiais e a multiplicação de valores positivos, traduzidos no amor, opção fundamental. Isto, para retratar as opções que fazemos, em liberdade, na construção do projeto de vida pessoal, onde a felicidade é o objetivo. Após diálogo com os alunos sobre a imagem, incita os alunos a questionarem a frase: “Ter ou Ser igual a incógnita”, pede-lhes que comentem, após partilha, a professora pede aos alunos que escrevam, em forma de síntese da aula: <i>Operação das opções no projeto de vida.</i> - Para finalizar a aula os alunos fazem o registo do sumário, será a síntese dos conteúdos da aula. 	<ul style="list-style-type: none"> - Projetor; - Computador; - Colunas; - Caneta; - “My shoes”, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CkSQ7Gtizjqcom, duração de 3m30s. - “O vídeo mais emocionante do mundo”, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UaGgBEgR0jI, duração de 4m11s. - Documento “Operação das opções”. 	7m 9m 10m 15m 2m	<ul style="list-style-type: none"> - Capacidade de recordar os conteúdos da aula anterior; - Interesse e motivação; - Respeito pelas regras; - Atenção e respeito na participação por parte dos elementos da turma; - Participação oportuna e organizada; - Observação direta: atenção aos vídeos, capacidade de análise da mensagem dos vídeos; - Cumprimento e empenho na realização das atividades propostas;

3.3.5. Aula 5 – A parábola dos talentos e a participação ativa na construção do bem comum.

A quinta aula começa com a professora a cumprimentar os alunos e a estabelecer interação entre o acolhimento e o abordado na última aula. Esta interação foi importante devido a professora e alunos não se encontrarem há mais tempo que o normal, por motivos alheios aos mesmos. Com isto, a professora percorreu juntamente com os alunos o que tinha sido abordado na aula anterior, com o recurso a um resumo¹⁴⁶, este projetado e com alguns alunos, escolhidos aleatoriamente, a participarem com a leitura para a turma. Para finalizar a aula anterior, os alunos registam o sumário.

De seguida, a professora entrega documento onde consta a “*Parábola dos talentos*”¹⁴⁷, para que os alunos possam acompanhar a audição e visualização da mesma, em vídeo¹⁴⁸, este em português do brasil. Com isto, a professora questiona os alunos sobre se sabem o que é uma parábola e também sobre do que se trata ser o talento, que é usado no contexto da parábola. Após explicação, a professora questiona sobre o que retiram do ensinamento que a parábola pretende transmitir. Alguns alunos participam e falam sobre a atitude do senhor e dos servos, mas principalmente mencionam o medo, como atitude que marca a ação e a opção que se toma.



Vídeo “Parábola dos talentos” (Mt 25,14-29)

¹⁴⁶ Cf. Anexos, Documento 10 – Diapositivos utilizados para a revisão da Aula 4

¹⁴⁷ Cf. Anexos, Documento 11 – Parábola dos talentos (Mt 25,14-29)

¹⁴⁸ “Parábola dos talentos”, acedido a 1 de fevereiro, 2018, <https://www.lds.org/media-library/video/2014-01-001-the-parable-of-the-talents?category=bible-videos-the-life-of-jesus-christ&lang=por>.

Com isto, a professora propõe aos alunos que constituam três grupos. De seguida, pede, por grupo, que os alunos acessem através de pelo menos um telemóvel à internet e que instalem a aplicação “QR Code”. Após a organização necessária, a professora distribui uma ficha de trabalho por grupo, onde em cada uma e através de um vídeo, consta uma personalidade para descobrir o que fizeram com o(s) seu(s) talento(s). As personalidades são António Guterres¹⁴⁹, Zlatan Ibrahimovic¹⁵⁰ e Angelina Jolie¹⁵¹. Através da ficha de trabalho, os alunos são convidados a responder através da visualização e audição do vídeo que corresponde o código QR.



Angelina Jolie, discursa ao receber o prémio Jean Hersholt Humanitarian



António Guterres, na campanha para Secretário Geral das Nações Unidas

¹⁴⁹ “Exclusivo SIC: Entrevista a António Guterres”, acessido a 1 de fevereiro, 2018, <http://sicnoticias.sapo.pt/especiais/guterres-na-onu/2016-12-28-Teria-coisas-mais-faceis-para-fazer-mas-houve-um-impulso-moral-muito-forte>.

¹⁵⁰ “Reportagem TVi: 805 Million Names”, Youtube, acessido a 1 de fevereiro, 2018, <https://www.youtube.com/watch?v=RPOsSaC8W5M>.

¹⁵¹ “Angelina Jolie discursa ao receber o prémio Jean Hersholt Humanitarian”, Youtube, acessido a 1 de fevereiro, 2018, <https://www.youtube.com/watch?v=EiG8rIQCbhY>.



Zlatan Ibrahimovic tatua o nome de pessoas que sofrem de fome, reportagem, 805 Million Name

Depois da realização do proposto, a professora solicita, a um aluno por grupo, que fale resumidamente do vídeo. Assim, propõe que partilhem as perguntas e as respostas da ficha de trabalho. O grupo que ficou com a personalidade de António Guterres¹⁵² fala resumidamente da entrevista, faz a leitura das perguntas e responde às mesmas em forma de resumo; posteriormente, o grupo com a personalidade do futebolista Zlatan Ibrahimovic¹⁵³ faz o mesmo e, por fim, o grupo com a personalidade da atriz Angelina Jolie¹⁵⁴ também procede da mesma forma.

Assim, depois dos três grupos realizarem o proposto, a professora pergunta: Qual a conclusão a retirar? Com facilidade os alunos manifestam que todos fizeram e fazem alguma coisa pelos outros e que os outros estão presentes na maneira como cada personalidade vê e está na vida. O outro muda e transforma as nossas opções e mostra-nos a nossa própria vida.

Posto isto, a professora entrega a cada aluno um pequeno papel e propõe que individualmente escrevam o que consideram ser um talento próprio que naturalmente possam colocar ao serviço do outro, para o bem comum. Os alunos não demonstraram que seja fácil reconhecer um talento próprio, mas a professora usa o que alguns alunos escreveram e salienta que apesar da dificuldade que possamos sentir no momento, com certeza que todos temos algo, muitas vezes o mais simples, que possamos colocar ao dispor do outro.

¹⁵² Cf. Anexos, Documento 13 – António Guterres, QR Code, Questões

¹⁵³ Cf. Anexos, Documento 14 – Zlatan Ibrahimovic, QR Code, Questões

¹⁵⁴ Cf. Anexos, Documento 12 – Angelina Jolie, QR Code, Questões

A aula finaliza e a professora em forma de despedida diz aos alunos: todos temos talentos, os quais podem estar ao serviço da construção para o bem comum.

O registo do sumário da aula não foi realizado, assim, faz-se presente na planificação da aula seguinte.

O objetivo da aula é fazer com que os alunos reconheçam a importância e as repercussões que um comportamento tem na vida do próprio e do outro. Pretende-se também que seja compreendido que a luta pelo bem comum pode ser feita das mais diversas maneiras e que as mais simples têm todo o valor em concretizar, porque se reflete na própria pessoa enquanto individualidade singular e quando um outro está presente nas nossas ações isso faz-se marca em nós mesmos.

Planificação de Aula

Unidade Letiva: 3 - Projeto de Vida

Aula n.º 5/6

Ano: 9º | Turma: 5

Data: 08/02/2018 – 15h10m

Tempo previsto: 45m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: A parábola dos talentos e a participação ativa na construção do bem comum.			Acolhimento		2m	Pontualidade;
G. Identificar os valores evangélicos	3. Compreender a construção de projetos de vida na experiência de encontro com Deus.	- A parábola dos talentos: Mt 25, 14-29. - A participação ativa na construção do bem comum	- Revisão da aula anterior e registo do sumário da aula anterior. - De seguida, entrega em papel, da “Parábola dos talentos”, Mt 25, 14-29, para que os alunos possam acompanhar a audição e visualização da mesma. Esclarecimento e debate. - Após a visualização e audição do vídeo, a professora propõe que os alunos se dividam em 3 grupos, de seguida pede, por grupo, que os alunos acedam através de pelo menos um telemóvel à internet e que instalem a aplicação “QR Code”. Após a organização necessária, a professora distribui uma ficha de trabalho por grupo, onde em cada uma e através de um vídeo consta uma personalidade para descobrir o que fizeram com o(s) seu(s) talento(s). Através da ficha de trabalho, os alunos são convidados a responder após e através da visualização e audição do vídeo que corresponde o código QR. - Após a realização do proposto, a professora solicita, a um aluno por grupo, que fale resumidamente do vídeo, com isto, propõe que partilhem as perguntas e as respostas da ficha de trabalho. Depois dos 3 grupos realizarem o	- Projetor; - Computador; - Caneta; - Documento: “Parábola dos talentos”. - “Parábola dos talentos”, disponível em: https://www.lds.org/media-library/video/2014-01-001-the-parable-of-the-talents?category=bible-videos-the-life-of-jesus-christ&lang=por , duração de 3m. - Documento: Ficha de trabalho sobre a entrevista a António Guterres; - Entrevista a António Guterres, disponível em: http://sicnoticias.sapo.pt/especiais/guterres-na-onu/2016-12-28-Teria-coisas-mais-faceis-para-fazer-mas-houve-um-impulso-moral-muito-forte , visualização do 1m10s até a 4m35s. - Documento: Ficha de trabalho sobre a reportagem “805 Million Names” - Zlatan Ibrahimović;	6m 6m 15m 9m	- Capacidade de recordar os conteúdos da aula anterior; - Interesse e motivação; - Respeito pelas regras; - Atenção e respeito na participação por parte dos elementos da turma; - Participação oportuna e organizada; - Observação direta, com a visualização do vídeo: a atenção, capacidade de análise e de resposta às questões;

		<p>proposto, a professora pergunta: Qual a conclusão a retirar?</p> <p>- Posto isto, a professora entrega a cada aluno um pequeno papel e propõe que individualmente escrevam o que consideram ser um talento próprio que naturalmente possam colocar ao serviço do outro, para o bem comum. De seguida recolhe os mesmos, por aluno, pedindo que o pequeno papel seja colocado dentro de um saco, concluindo, a professora retorna a cada aluno solicitando que retire um pequeno papel e leia em voz alta. Com isto a professora salienta que: todos temos talentos, os quais podem estar ao serviço da construção para o bem comum.</p> <p>- Registo do sumário, será a síntese dos conteúdos da aula.</p>	<p>- "805 Million Names" - Zlatan Ibrahimović, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RPQsSaC8W5M, duração de 2m36s;</p> <p>- Documento: Ficha de trabalho sobre o discurso de Angelina Jolie;</p> <p>- Discurso de Angelina Jolie no prémio Jean Hersholt Humanitarian, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EiG8rlQCbhY, visualização do 1m07s até a 4m37s.</p>	<p>5m</p> <p>2m</p>	<p>- Observação direta, sobre a capacidade de resumir e expor os conteúdos fundamentais do vídeo e as respostas às questões;</p> <p>- Cumprimento e empenho na realização das atividades propostas;</p>
--	--	---	---	---------------------	---

3.3.6. Aula 6 – A fé como fonte de felicidade

Após acolhimento, a sexta e última aula começa com a revisão da aula anterior. Esta revisão recorreu a imagens¹⁵⁵, finalizando com uma frase, a qual pretende incentivar os alunos a questionarem-se sobre o que vão fazer com os seus talentos. Pretende-se que os alunos recordem a “*Parábola dos talentos*” e as personalidades que tinham sido analisadas na aula anterior.

Foi um início de aula mais agitada porque alguns alunos tinham faltado na aula anterior e o facto de existir personalidades que lhes chama a atenção, despertou interesse e algumas conversas quer com os colegas como com questões, as quais foram respondidas.

A professora, em forma de resumo frisa o aspeto que, todos temos algo que podemos fazer pelo outro, assim como o outro pode estar presente na nossa vida por alguma situação ou simplesmente pelo desejo, este desejo que pode estar patente na vocação, esta que pretende a possibilidade de todos vivermos bem, ou seja, a construção que está nas mãos de cada um para o bem comum.

Os alunos procedem ao registo do sumário da aula anterior e a professora dá seguimento à aula, com a questão: A fé movimenta e dá força a quem está ativo na construção do bem do outro? Assim, para introdução ao conteúdo sobre a fé, a docente propõe a visualização da entrevista, pela rádio Renascença, a Ricardo Araújo Pereira¹⁵⁶.



Entrevista a Ricardo Araújo Pereira “Sou um ateu especial”

De seguida a professora estabelece diálogo com os alunos para que reconheçam uma possível definição de fé, vista pelos olhos de um ateu. Com isto, os alunos sentiram-se interpelados e a abordagem de alguns alunos foi no âmbito da fé unida à religião, como que se

¹⁵⁵ Cf. Anexos, Documento 15 – Diapositivos utilizados na revisão da Aula 5

¹⁵⁶ “Sou um ateu especial. O que Ricardo Araújo Pereira vai dizer aos católicos”, Vídeos Sapo, acessado a 16 de fevereiro, 2018, <http://videos.sapo.pt/3T5OTjCfvQqmPtVzJFIM>.

uma não fosse possível sem a outra. Com isto, a professora aborda o tema no sentido da fé como confiança, esperança e alegria, dando assim, caminhos para o discernimento, este para vencer o medo das opções e arriscar num futuro desejado.

Para aprofundar o conceito cristão de fé, a professora propõe a audição da música “*Everything*”¹⁵⁷, da banda *LifeHouse*, onde podem ver a tradução da letra, esta em português do Brasil. Para facilitar, de seguida é entregue aos alunos, em papel, a letra da música¹⁵⁸ com a tradução, mas em português de Portugal, para que em conjunto a possam explorar. A letra da música transporta para o conceito de fé cristã, pois está implícito um alguém que é tudo, numa relação interpessoal, onde o encontro é luz; guia; lugar; paz, ou seja, coragem para optar e confiança para avançar. A fé que se traduz na confiança, mas também a esperança e a alegria, que são próprios de quem tem fé e ousa na confiança seguir o que sente ser proposto por quem é Tudo.

Fazendo presente as palavras *esperança*, *alegria* e *confiança*, para fortalecer o conceito, como proposta de vida, a professora apresenta o texto bíblico de Rm 12,9-18¹⁵⁹, entrega a cada aluno e de seguida salienta o contexto do porquê da carta escrita por S. Paulo aos Romanos. Neste sentido, diz que se trata de uma proposta de como se viver. Propõe a leitura e enfatiza alguns aspetos do texto. Assim, em forma de mensagem aos alunos, a docente diz-lhes para considerarem as atitudes propostas no texto perante si mesmos e para com o outro no projeto de vida. A professora faz presente palavras como amor para com o próximo, ser alegres na esperança, partilha, interesse pelo que é bom, viver bem uns com os outros, porque a experiência de fé manifesta-se na doação constante aos outros, sendo a fé a fonte de felicidade.

Para finalizar a aula, a professora projeta um pequeno resumo¹⁶⁰, recorda o que foi falado e por fim salienta a frase: “Sede alegres na esperança, pacientes na tribulação, perseverantes na oração.” (Rm 12,12)

Em forma de despedida, a mensagem da professora passa por transmitir que um projeto retrata a aventura da vida, esta pensada e ponderada, sempre com confiança, esperança, alegria, porque a vida é o melhor que fazemos dela. Como recordação distribui uma pequena lembrança, esta que pretende retratar um lugar de apontamentos, onde tem a possibilidade de colocar e de se escrever, objetivos, pensamentos, desejos, enfim o que se projeta, para facilmente recordar, reestruturar, avaliar.

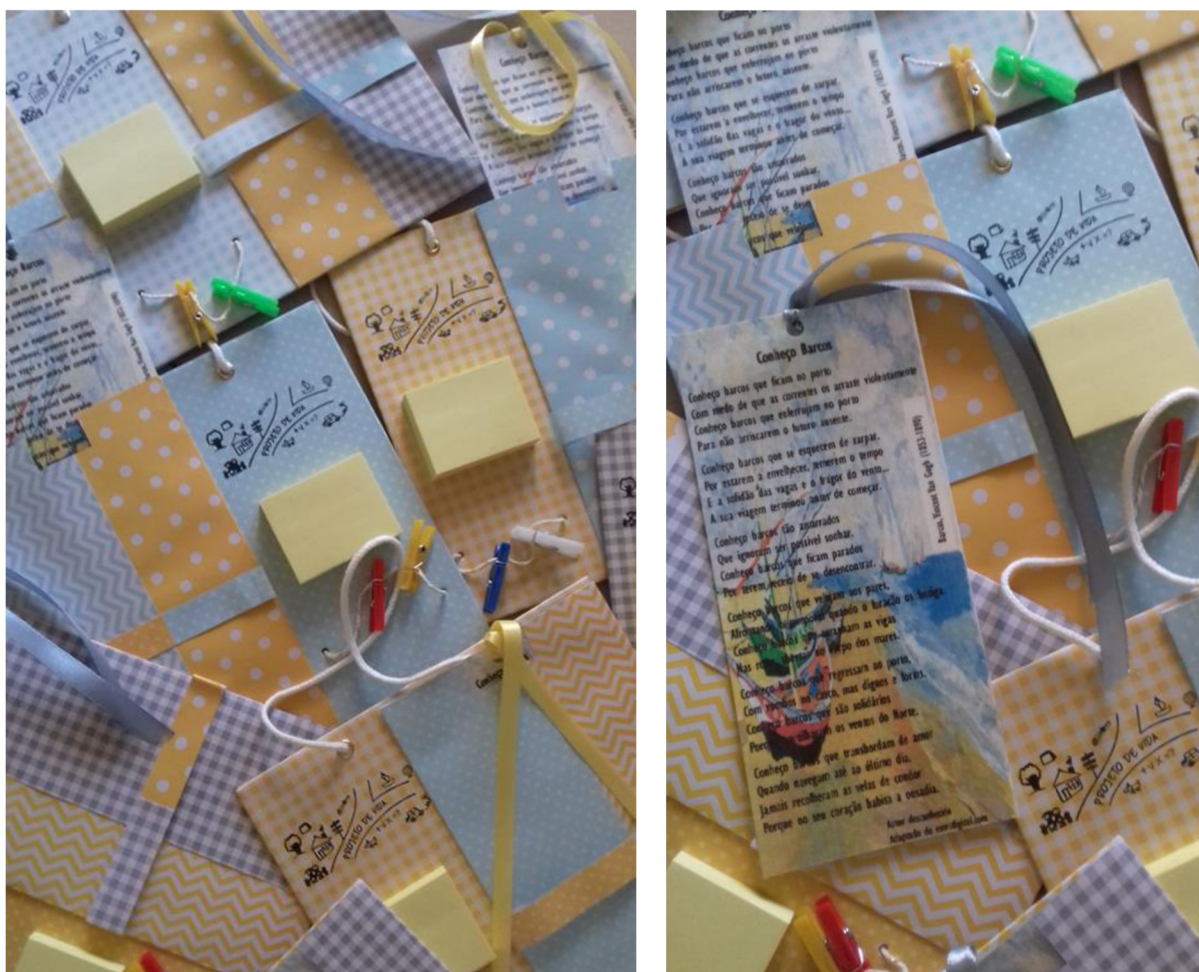
¹⁵⁷ “Everything”, *LifeHouse*, Youtube, acessado a 16 de fevereiro, 2018, <https://www.youtube.com/watch?v=YZncyjcr27o>.

¹⁵⁸ Cf. Anexos, Documento 16 – Letra da música “Everything” e tradução

¹⁵⁹ Cf. Anexos, Documento 17 – O amor faz o bem (Rm 12,9-18)

¹⁶⁰ Cf. Anexos, Documento 18 – Diapositivos utilizados para a conclusão da Aula 6

Com isto, a professora projeta o poema “Conheço barcos”¹⁶¹, poema também entregue aos alunos, que pretende alertar para a atitude e opções de escolha que tomamos para com o projeto de vida que delineamos.



Lembranças da professora estagiária aos alunos.
Um lugar de apontamentos e o marcador de livros com o poema “Conheço barcos”.

Para finalizar a aula os alunos fazem o registo do sumário, que pretende retratar, em síntese, os conteúdos da aula.

O objetivo da aula é transportar os alunos para a visão do conceito de fé, através de uma linguagem simples e com o recurso a palavras que possam conceber a amplitude do conceito. No intuito de chegar às atitudes e opções a tomar perante o projeto de vida que se quer para a pessoa que desejamos *ser*, ou seja, como o ter fé influência a nossa vida e assim a nossa felicidade.

¹⁶¹ Cf. Anexos, Documento 19 – Diapositivo usado para mostrar o poema “Conheço barcos”, lembrança da professora estagiária aos alunos

Planificação de Aula

Unidade Letiva: 3 - Projeto de Vida
Aula n.º 6/6

Ano: 9º | Turma: 5
Data: 22/02/2018 – 15h10m
Tempo previsto: 45m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: A fé como fonte de felicidade.			Acolhimento		2m	Pontualidade;
<p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p> <p>C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas</p>	<p>4. Reconhecer a Fé como elemento constitutivo da experiência de felicidade.</p>	<p>- A fé como fonte de felicidade.</p> <p>- A esperança, a alegria e a confiança na realização própria e dos outros: Rm 12, 9-18.</p>	<p>- Revisão da aula anterior e registo do sumário da aula anterior.</p> <p>- Para introdução ao tema, a professora propõe a visualização da entrevista, pela rádio Renascença, a Ricardo Araújo Pereira. De seguida a professora estabelece diálogo com os alunos para que reconheçam a possível definição de fé, vista pelos olhos de um ateu.</p> <p>- Para aprofundar o conceito cristão de fé, a professora propõe a audição da música “Everything”, da banda <i>LifeHouse</i>.</p> <p>- De seguida é entregue aos alunos, em papel, a letra da música com a tradução, para que se possam explorar, em português de Portugal. Diálogo, debate e esclarecimentos.</p> <p>- Para fortalecer o conceito, e em forma de mensagem, a professora apresenta o texto bíblico, Rm 12, 9-18. Propõe a leitura e enfatiza alguns aspetos do texto.</p> <p>- Para finalizar a aula, a professora recorda o que foi falado ao longo das aulas, apresenta resumo da aula e entrega o poema “Conheço Barcos”, juntamente com uma pequena lembrança.</p> <p>- Para finalizar a aula os alunos fazem o registo do sumário, será a síntese dos conteúdos da aula.</p>	<p>- Projetor;</p> <p>- Computador;</p> <p>- Caneta;</p> <p>- Entrevista a Ricardo Araújo Pereira: “Sou um ateu especial. O que Ricardo Araújo Pereira vai dizer aos católicos”, disponível em: http://videos.sapo.pt/3T50TjCfvQqmPtVzJFIM, com duração de 4m.</p> <p>- “Everything”, LifeHouse, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YZncyjcr27o, duração de 6m50s.</p> <p>- Documento: Letra e a tradução da letra da música.</p> <p>- Documento: <i>O amor faz o bem</i>, Rm 12, 9-18.</p> <p>- Resumo da aula, para projetar em PowerPoint.</p>	<p>6m</p> <p>8m</p> <p>7m</p> <p>8m</p> <p>7m</p> <p>5m</p> <p>2m</p>	<p>- Capacidade de recordar os conteúdos da aula anterior;</p> <p>- Interesse e motivação;</p> <p>- Respeito pelas regras;</p> <p>- Atenção e respeito na participação por parte dos elementos da turma;</p> <p>- Participação oportuna e organizada;</p> <p>- Observação direta, com a visualização do vídeo e da música: a atenção e a capacidade de análise;</p> <p>- Cumprimento e empenho na realização das atividades propostas;</p>

3.4. Avaliação da lecionação

Primeiramente é importante mencionar que a prática letiva contou com uma aula prévia, que foi favorável para a percepção do contexto da turma, ao nível da motivação, para falar de e como pretendem pensar e delinear, em projeto, a própria vida. Neste primeiro encontro, foi fulcral perceber como os alunos verbalizam quando pensam sobre o contexto profissional e pessoal. Com isto, percebi que a realidade dos alunos com os quais ia trabalhar situava-se na grande incerteza sobre o que pretendem e que as perspetivas sobre o abordado não estavam claras. Assim, a realização pessoal era algo indeciso quer no sentido do que querem para a sua vida, como no sentido no que querem *ser* como pessoas na própria vida.

No decurso da lecionação, aula a aula, procurei refletir sobre a minha prática, no sentido de melhorar as estratégias, recursos e atividades perante a turma e com vista ao aperfeiçoamento do processo ensino/aprendizagem. Sempre tive como intuito utilizar estratégias diversificadas na perspetiva de que aula a aula os alunos construíssem, através da documentação entregue e atividades propostas, uma base de informação que os levasse a interpelar sobre como começar ou continuar a projetar o próprio projeto de vida. Com a intenção de envolver os alunos e de os motivar, todos os recursos têm o intuito de fazer acontecer a intervenção dos alunos, com a participação oral; respostas escritas, estas partilhadas ou não; sínteses de aula; comentários de frases; trabalhos de grupo; participação ativa em atividades propostas. Procurei introduzir recursos variados, como vídeos; canções; imagens; textos; fichas de trabalho; objetos, materiais que fossem ao encontro do gosto dos alunos, que se inserissem nos seus conhecimentos, mas que também os alertasse para algo mais, de forma a fazê-los refletir.

Assim, na primeira aula, não houve necessidade de começar com apresentações, professora estagiária e alunos, porque já tinha estado com a turma anteriormente. Esta primeira aula começou com o assunto sobre os desejos da passagem de ano, visto ser a primeira aula após a vivência da passagem de ano. Foi algo que os motivou porque também conheceram outras realidades e facilmente conseguiram perceber o tema. Com isto, e também com a reflexão feita entre professora e alunos, esta exposta no quadro e posteriormente com o documento entregue, os alunos facilmente desvendaram a diferença entre projeto e projetos. Mas como em qualquer projeto está implícito a incerteza e imprevisibilidade da vida, com tudo o que pode condicionar um projeto, o que leva a novo projeto ou a reestruturar o projeto, com o recurso à visualização do discurso de Steve Jobs, foi possível demonstrar aos alunos que o importante é não desistir do que queremos e gostamos, sempre com o que somos

presente. Neste sentido a mensagem final que a professora deixou aos alunos, de acordo com a mensagem do próprio Steve Jobs, remata este pensamento e esta aprendizagem, da imprevisibilidade da vida, da incerteza do projeto que leva a outro projeto ou à reestruturação do mesmo. Esta mensagem foi fundamental para levar os alunos a uma continuidade, esta baseada na força, caminho a fazer-se, querer com humildade e perseverança, aspetos a considerar para a construção de um projeto de vida. Os alunos foram convidados a fazer a síntese e, depois disto, o tempo de aula findou e não foi possível registar o sumário da aula, por este motivo, presente na aula seguinte.

A síntese foi uma estratégia importante para aferir se os alunos tinham atingido os objetivos traçados para esta primeira aula e se tinham adquirido os conteúdos. Neste sentido, considero que a aula foi muito boa, quer ao nível de recursos utilizados, que foram adequados perante os objetivos, como as estratégias usadas. Os objetivos foram atingidos porque se verificou sempre o interesse por parte dos alunos e também porque se deu primazia à participação dos alunos e o debate crítico também foi bem conseguido. No que se refere à planificação esta não foi plenamente cumprida porque não foi realizado o registo do sumário da aula.

A segunda aula contou com a revisão da aula anterior para fazer presente o abordado e com o respetivo registo do sumário. Para introduzir o tema da vocação, foi usado o recurso de um vídeo que explica o assunto, e que proporcionou o debate sobre vocação. Nesta discussão, ficaram bem patentes as dúvidas e incertezas dos jovens, como lhes é característico. Como já tinha o conhecimento das dificuldades dos alunos, foi fulcral questioná-los com perguntas que os fizesse refletir, uma vez que as respostas serviram de alavanca para um primeiro passo na construção de um projeto de vida, onde também o outro está presente. Em seguida, os alunos responderam ao “*Teste do Repolho*” que aceitaram fazer com grande empenho e gosto, respondendo dentro do que lhes foi possível, sendo visível mais uma vez a incerteza do que querem, desejam, sonham, projetam. O tempo de aula acabou, os objetivos da aula foram conseguidos, os recursos e estratégias revelaram-se muito bons para concretizar e expor os conteúdos. No que se refere à planificação, esta não foi cumprida devido ao registo do sumário não ter sido realizado, pelo que ficou para a próxima aula.

A terceira aula começou com a revisão da aula anterior e procedeu-se ao registo do sumário em falta. A aula começou com o recurso a uma música, a qual foi escolhida primeiramente para fazer ponte do que já tinha sido falado e com a pretensão de introduzir o tema da felicidade. Isto porque a letra da música fala de escolhas, do que somos, do que pretendemos fazer e o sentido da vida que só existe se for o da felicidade. Usando a letra da música, a mensagem permitia transmitir o conceito de felicidade através de atitudes, escolhas,

dificuldades, situações incontroláveis, ou seja, a estrada da vida para se ser feliz tem de se planejar, avaliar e agir. Para melhor demonstrar a felicidade, recorreu-se a um objeto, o balão, para refletir com os alunos sobre o conceito de felicidade. A aula foi muito positiva, muito devido aos recursos didáticos usados porque, por um lado, a música proporcionou um momento de escuta e reflexão, por outro, a utilização de um objeto não esperado para se refletir e debater um tema complexo e até abstrato, converteu-se num excelente recurso, o que proporcionou uma aula bem conseguida.

Na quarta aula, iniciei com a revisão da aula anterior e seguidamente os alunos procederam ao registo do sumário de forma a sintetizar o abordado. Esta aula, contou com o recurso de vídeos para retratar o objetivo da aula. Estes vídeos foram o ponto de partida para a reflexão sobre *ter* e sobre *ser*, opções que fazemos constantemente no decurso da vida, sempre na procura da felicidade, esta que mais uma vez foi salientada e que não se consegue alcançar sozinho, mas sim quando valoramos o outro. A felicidade é estável quando a opção fundamental acontece, no amor, este refletido pelo *ser* que somos e oferecemos ao outro. Esta aula carregada de beleza, através de atitudes visualizadas, captou os alunos pelos recursos usados, mas também porque no decurso da aula debateram assuntos do seu interesse, o que os motivou. O objetivo da aula foi plenamente conseguido e a motivação dos alunos foi claramente visível. A planificação manifestou-se bem delineada e não foi cumprida no aspeto do registo do sumário.

A quinta aula, após revisão da aula anterior e registo do sumário, manifestou-se através de um ensinamento de uma parábola, narrativa muito usada por Jesus, a qual foi bem aceite pelos alunos presentes na aula. Esta aula contou com uma particularidade: cerca de um terço dos alunos da turma não estiveram presentes. Após compreendida e debatida a parábola, revelou-se o conteúdo fundamental da aula, a responsabilidade que não se pode esconder no medo. Com isto, deu-se início à atividade que muito interessou os alunos, através da instalação nos telemóveis da aplicação *QR Code*, para a visualização e audição de vídeos. Assim, os alunos trabalharam em grupo e através da visualização de vídeos que retratam personalidades que na sociedade desempenham ou realizam algo pelo outro, realizaram uma ficha de trabalho, com respostas a perguntas, que facilitou a perceção da importância de cada um na construção de um mundo mais inclusivo e fraterno. Assim, todos perceberam que temos responsabilidade perante o outro e perante o mundo. Os recursos utilizados e as estratégias usadas foram cruciais para atingir o objetivo da aula, porque com diversos exemplos, os alunos refletiram sobre a responsabilidade que têm perante o outro, principalmente os mais desamparados. Avalio esta aula com muito bom, devido aos recursos utilizados, pois foi visível a inquietude dos alunos, através do visualizado e do pensamento

que foi chamado a surgir, para eles próprios se colocarem e questionarem perante o outro, o que podem fazer, na sua vida, no decurso do projeto de vida pessoal, em favor da felicidade dos outros e que com certeza lhes dará a eles também muita felicidade. Por fim, saliento a atividade realizada no fim da aula, o exercício proposto, este sobre o que cada um pode colocar ao serviço do outro para o bem comum, que demonstrou a dificuldade dos alunos em responder, mas que ao mesmo tempo houve a observação coletiva sobre o questionamento dos próprios talentos. A planificação manifestou-se bem delineada, foi patente a organização e execução da mesma, não foi plenamente cumprida porque não foi conseguido o registo do sumário.

A sexta aula, e última da unidade lectiva, começou com o resumo da aula anterior e também nesta aula aconteceu o registo do sumário não realizado a tempo, conforme planificado. A aula contou com a presença de todos os alunos da turma, o que fez suscitar agitação devido ao interesse pela aula anterior, muito por causa dos recursos utilizados e do que foi debatido e como foi trabalhado.

Nesta última aula apresentou-se o conceito de fé, tema singular na medida em que nem todos os alunos reconhecem a confiança no transcendente como uma característica antropológica, inerente ao ser humano. Por este motivo, avalio esta aula logo na sua preparação de difícil, e que com facilidade poder-se-ia traduzir em fracasso. Houve grande atenção aos recursos utilizados e também à mensagem final a transmitir. Com isto presente, procurei que o conceito de fé fosse passado de forma simples e de fácil discernimento. De acordo com os conteúdos presentes na unidade letiva procurei usar estratégias e recursos diversificados. Com o intuito de transmitir o conceito de fé mas também fazer presente o que é próprio de quem tem fé, procurei transmitir que as opções e o sentido que temos na vida é alicerçado em valores positivos e conceitos que nos dão rumo e ajudam a ser.

Assim, primeiramente, apresentei uma figura pública, que reconhece na fé uma ação benfazeja e, depois, uma música que expressa o conceito, onde a mensagem foi explorada com perguntas dirigidas e objetivas. Esta última gerou muitas questões, muito devido à interiorização, por parte de um grupo considerável da turma, de que a fé está obrigatoriamente presente numa religião. Com isto, e na tentativa de demonstrar e transmitir a mensagem desejada, o recurso seguinte foi o texto bíblico de S. Paulo aos Romanos, *O amor faz o bem*, o qual foi veiculado na perspetiva das atitudes, escolhas, do que somos e queremos *ser* como pessoas, na vida e para com os outros, principalmente que a *confiança*, a *esperança* e a *alegria* são possíveis de acordo com o projeto de vida que construímos na estrada da vida que ganha sentido se for para ser feliz.

Por fim, procedeu-se à realização do registo do sumário da aula e posteriormente projectou-se o poema que foi a escolha para entregar como recordação aos alunos. A despedida foi feita com uma oferta, esta que se traduz num lugar de registo de planos, tarefas, pensamentos, de suporte para documentos que descrevem projetos, estratégias, sonhos a concretizar. Neste mesmo lugar de registos, estava o poema, que foi projetado para os alunos lerem, enquanto a oferta era distribuída individualmente.

A avaliação que faço sobre a leccionação desta aula é de satisfatória, muito devido aos constrangimentos sentidos, estes refletidos nas abordagens perante o apresentado e o sentimento de impotência sentido e interiorizado devido a ser a última aula e muito haver a explorar. Apesar de ter cumprido a planificação, muito ficou por dizer, debater, esclarecer, o que resultou, na minha perspetiva, na perda para os alunos. Apesar disto, considero que esta aula podia ter sido planificada das mais diversas formas, mas que todas elas resultariam sempre num possível fracasso, muito devido a se tratar da última aula e por isso não ser possível adicionar ou proceder a algum esclarecimento. Contudo, considero que os recursos usados foram ao encontro do que estava patente como objetivo e que fazem sentido entre eles, fazendo suscitar interesse e inquietude nos alunos, para a participação, debate e questões.

Em contexto de balanço final da leccionação desta Unidade Letiva, as atividades, recursos e estratégias foram adequados quer ao contexto, como também à idade e perfil dos alunos e, principalmente, à temática. Acrescentar que sempre houve um fio condutor desde a primeira até à última aula, tendo-se recorrido sempre à revisão dos conteúdos e a algum esclarecimento necessário e oportuno. A participação dos alunos no processo de ensino/aprendizagem foi uma constante, uma vez que é o aluno o centro da leccionação. Esta participação foi visível em todas as aulas, através das várias atividades. Os objetivos foram atingidos e a intervenção foi bem-sucedida, porque foi conseguido que o aluno pensasse em si, apelando ao conhecimento de si próprio; mas também pensasse no outro; pensasse no mundo que o rodeia e na sua responsabilidade, quer na posição perante ações e escolhas como também perante o outro como parte integrante da felicidade.

CONCLUSÃO

A imagem do quadro de giz, que consta no Manual do Aluno, com o título “*Operação das opções*” faz ressaltar à vista, as operações matemáticas: por um lado da soma de objetos, *ter* em quantidade, possuir, onde o resultado é igual a felicidade com um ponto de interrogação; mas, ao lado, a operação matemática é de multiplicar pelo amor, a um conjunto de valores que impelem ao *ser* da pessoa que vive a vida orientada para o bem, com o outro a fazer-se presente desses mesmos valores. O resultado desta multiplicação é igual a felicidade, concreta, sem dúvidas retratadas em ponto de interrogação. Porque *o amor faz o bem*, sendo a felicidade resultado certo. Foram as operações das opções que suscitaram o percurso de investigação bibliográfica para alicerçar o objetivo a atingir, as muitas leituras e pesquisas para construir este projeto, de abordar os conceitos e conteúdos, para a compreensão da temática “O Projeto de Vida”.

Um conto do Oriente, intitulado *De Passagem*, conta que um certo dia, um viajante chegou a uma humilde cabana, onde se dirigiu pedindo água e pousada. Quando chegou, foi recebido por um monge que lhe ofereceu acolhimento. Ao reparar na simplicidade da casa e, sobretudo, na ausência de mobília, curioso indagou: onde estão os teus móveis? O monge devolveu a pergunta – onde estão os teus? O viajante respondeu: estou aqui só de passagem. O monge, respondeu: eu também...

Com este conto, a conclusão que faço do tema trabalhado é que o *ter* faz o caminho do viajante, que na vida procura, conseguir *ter*, a soma de objetos, encontrar meios para a conquista da posse. Mas, também há outro caminho, o qual se opta com amor, fortalecido nos valores, que em liberdade, se decide enveredar. Aqui o projeto de vida é *ser*, pessoa a qual se identifica e é reconhecida pelo seu *ser*, também para o outro. Ao *ser*, é *ser* que se aproxima de Deus e que ao *ser* a meta a atingir é certa.

Este Relatório da PES representa a chegada a uma meta de apenas uma etapa percorrida, daqui para a frente muitas metas a chegar, de muitas etapas a percorrer. Tal como, muito da educação é feita por etapas com passos dados num percurso cheio de aventura; muito a fazer, a melhorar, alterações a considerar e estratégias a reinventar. O professor ao longo da sua experiência modifica a sua forma de lecionar, a sua planificação das aulas, considerando muitos motivos; seja pelas condições materiais, seja pelos alunos que se apresentam, seja pela cultura, tradições que existem onde está inserido, seja pelas novas ideias dos jovens, da tecnologia, do momento, seja porque tem consciência que a comunidade científica não para e que com certeza mais há a saber. Ser professor é percorrer etapas sempre na procura da meta, no sentido que um trabalho pesquisado, planificado, que nunca está

perfeito, perfeito a todos os alunos, a todas as circunstâncias, perfeito de acordo com o que é atual, porque o atual já foi.

A PES foi uma etapa, feita por passos no sentido de concretizar novas ideias, com esforço, empenho para alcançar, um pouco mais aula após aula, as finalidades, metas, objetivos da disciplina de EMRC e dos conteúdos da Unidade Letiva “O Projeto de Vida”. No que respeita à disciplina de EMRC, destaca-se o seu importante papel como elemento orientador, na construção da identidade dos alunos, adolescentes, que procuram um sentido para a vida. Neste seguimento, a Unidade Letiva em específico, visa que os alunos comecem a dar relevância de se pensar no projeto de vida pessoal, onde também o outro está presente.

Para além do tema lecionado, é importante mencionar que o Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, demonstra que é de e para uma disciplina inclusiva, onde os valores orientados para o bem são constantes, abordando várias temáticas que envolvem os alunos e tudo o que os rodeia, para os preparar de modo a fazer o bem, com sentido, nas opções que, em liberdade, consideram para si mesmo e para os outros.

Perante estas considerações, o professor é chamado a usar estratégias que cativem os alunos e os envolva, seja através de discussões, reflexões, trabalhos, audiovisuais; com criatividade e empatia. Esta consideração, mesmo que pareça fácil à primeira análise, na prática, nem sempre é tão linear; por muito que o professor estagiário seja criativo, procure ir ao encontro do que os alunos gostam e que seja simpático, torna-se difícil criar laços em tão pouco tempo, fazendo com que os alunos não expressem os seus pensamentos, opiniões, ou seja, não partilhem o projeto de vida que pretendem construir.

Com isto, as dificuldades sentidas recaem na complexidade do tema, porque um projeto de vida engloba todos aspetos da vida, todas as dimensões do ser humano. Presente a idade e a fase da vida dos alunos, o desafio passa por apresentar atividades, estratégias e recursos motivadores e concordantes com as suas necessidades e com os seus interesses, de forma adequada, porque por parte dos alunos não é aceitável o que possa ser considerado infantil, mas também, existe o risco de ser demasiado intelectualizado. Neste sentido, ao olhar para o que foi utilizado, considero que um ou outro recurso talvez não tenha ido ao encontro dos gostos dos alunos, isto porque ao utilizar atividades com recurso à atualidade, nomeadamente músicas, com novas leituras, ou reflexões, pode ser um obstáculo à adesão por parte dos alunos, devido a não se identificarem com a banda ou o género musical. Mas no geral, considero, avaliando a leção das várias aulas, que os objetivos foram alcançados.

Para finalizar, saliento o espírito de cooperação entre todos os intervenientes nesta etapa percorrida, da coordenadora científica, da orientadora cooperante e de todos os meus

colegas de estágio, foram múltiplas as aprendizagens. Toda a vivência deste percurso fez com que os meus passos estejam agora mais dirigidos para uma prática letiva orientada para que crianças, adolescente, jovens, sejam dotados de chaves de referência e de leitura para a direção do bem que dá sentido à vida.

A vida é uma viagem; importa é escolhermos bem o que levamos na bagagem.

BIBLIOGRAFIA

Sagrada escritura

Bíblia Sagrada. *Nova Bíblia dos Capuchinhos*. Lisboa/Fátima: Gráfica de Coimbra, 1998.

Magistério da Igreja

Papa João Paulo II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Europa*, 28 de junho de 2003. http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20030628_ecclesia-in-europa.html, consultado em 4 de maio de 2018.

Conferência Episcopal Portuguesa

Conferência Episcopal Portuguesa. Carta Pastoral sobre a Educação: «*Direito e Dever – Missão Nobre ao Serviço de Todos*». Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2002.

Conferência Episcopal Portuguesa, “Educação Moral e Religiosa Católica – um valioso contributo para a formação da personalidade.” <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>, consultado em 1 de março de 2018.

Legislação

Decreto Lei nº3/2008 de 7 de janeiro, Legislação, disponível em: <http://www.dge.mec.pt/legislacao-2>, consultado em 16 de março de 2018.

Enciclopédias e Dicionários

Freitas, Manuel da Costa. “Projeto”. Em *Logos - Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Vol. 4, 453. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 2000.

Morujão, Alexandre Fradique. “Ter”. Em *Logos – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Vol. 5. 122. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 2001.

Enes, J. “Ser”. Em *Logos - Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Vol. 4, 1045. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 2000.

Bibliografia geral

Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches. *Projeto Educativo 2013-2017*. http://www.aefranciscosanches.pt/2016_147_projeto_educativo_2013-17.pdf, consultado em 15 de março de 2018.

Almeida, José Miguel Ramos. *Adolescência e Maternidade*. Lisboa: Temas Actuais, 1987.

Becker, Ana Paula, Maestri, Tania Paza e Bobato, Sueli Terezinha. “A vivência da religiosidade como processo subjetivo do desenvolvimento juvenil”. Portal dos Psicólogos (2014): 1-12. <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0751.pdf>, consultado em 3 de janeiro de 2018.

Boff, Leonardo. *Saber Cuidar: Ética do humano - compaixão pela terra*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999. <http://www.profdoni.pro.br/home/images/sampled/2015/livros/sabercuidar.pdf>, consultado em 4 de maio de 2018.

Carvalho, Cristina Sá, coord. *Quero ser! Manual do Aluno – EMRC – 9º ano do Ensino Básico*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015.

Claes, Michel. *Os problemas da adolescência*. Lisboa: Verbo, 1985.

Comissão Episcopal da Educação Cristã. “Nota Pastoral sobre a EMRC: EMRC, contributo para um novo humanismo”, Pastoral Catequética 2 (2005): 9-10.

Coreth, Emerich. *O que é o Homem? Elementos para uma antropologia filosófica*. Lisboa: Verbo, 1988.

Coutinho, Jorge. *Caminhos da razão no horizonte de Deus. Sobre as razões de crer*. Coimbra: Tenacitas, 2010.

Couto, António. “De graça recebestes, de graça dai”, *DIDASKALIA – Revista da Faculdade de Teologia/Lisboa*, XXXVII, 1, (2007): 93-105.

Cunha, Pedro d’Orey da. “A formação moral no ensino público, (evolução de uma ideia)”, *Brotéria – Revista de Cultura e informação* 138 (1994): 59-79.

Damásio, António. *A estranha ordem das coisas. A vida, os sentimentos e as culturas humanas*. Lisboa: Temas e Debates, 2017.

Dufourmantelle, Anne e Derrida, Jacques. *Da Hospitalidade*. Viseu: Palimage, 2003.

Duque, Eduardo. *Os jovens e a religião na sociedade atual. Comportamentos, Crenças, Atitudes e Valores no Distrito de Braga*. Braga: Council of Europe, Secretaria de Estado da Juventude, 2007.

<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/15077/1/Os%20Jovens%20e%20a%20Religi%C3%A3o%20na%20sociedade%20atual.pdf>, consultado em 3 de maio de 2018.

Duque, João. “O acesso a Jesus num contexto de disseminação do crer”, *DIDASKALIA – Revista da Faculdade de Teologia/Lisboa*, XXXVI, 2, (2006): 151-163.

Duque, João. “Religião na educação”, *THEOLOGICA*, 2ª Série, 37, 1 (2002): 63-75.

Duque, João. “Do sentimento de si ao sentimento do Outro”, *THEOLOGICA*, 2ª série, 46,1 (2011): 15-29.

Escola, Joaquim. *Gabriel Marcel. Comunicação e Educação*. Porto: Edições Afrontamento, 2011.

Freitas, Domingos de. “A experiência na educação religiosa”, *Brotéria – Revista de Cultura* 151 (2000): 29-36.

Fromm, Erich. *Ter ou Ser?* Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

Gomes, Marco. “A opção fundamental”. *Communio - Revista Internacional Católica* 1 (1997): 70-83.

Heidegger, Martin. *Que é uma coisa?* Lisboa: Edições 70, 1987.

João, Duque. “Vocação – uma voz que vem de longe...”, *THEOLOGICA*, 2ª Série, 40, 2 (2005): 251-264.

Levinas, Emmanuel. *Ética e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1982.

Levinas, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980.

Libânio, J. B. *Pecado e Opção fundamental*. Petrópolis: Vozes, 1976.

Moran, José Manuel. “Vídeos são instrumentos de comunicação e de produção”. Portal do Professor do MEC (2009). a 06.03.2009, por Renata Chamarelli e Fátima Schenini. <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/noticias.html?idEdicao=16&idCategoria=8>, consultado em 1 de março de 2018.

O.F.M., Valfredo Tepe. *O sentido da vida. Ascese Cristã e Psicologia Dinâmica*. Salvador/Bahia: Mensageiro da fé, 1961.

Real, Miguel. *Nova Teoria da Felicidade*. Alfragide: Dom Quixote, 2013.

Roazzi, Antonio e Santana, Suely M. “Os adolescentes e seus projetos de vida”, *Revista Portuguesa de Pedagogia* 2 (1995): 61-79

Rojas, Enrique. *Uma Teoria da Felicidade*. Coimbra: Tenacitas, 2004.

S. J., Inocência Pinho. *O Homem Pessoa e Vida. Reflexões humanas e cristãs*. Braga: Editorial A. O., 1992.

Savater, Fernando. *Sobre Viver*. Lisboa: Teorema, 1999.

Schopenhauer, Arthur. *A arte de viver*. Porto: Rés-Editora, 2003.

Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014.

Sesboué, Bernard. *Pensar e viver a Fé no Terceiro Milénio: Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999.

Silva, Albertino. “A educação religiosa escolar, debates no Portugal democrático”. *Communio – Revista Internacional Católica* 4 (2006): 455-464.

Varanda, Isabel. “Iliteracia emocional e perda do património oral”, *Memória*, 10, (2003): 57-67.

Varanda, Isabel. “Iliteracia emocional no Ocidente”, *Memória*, 10, (2003): 11-20.

Sitiografia

http://www.snpcultura.org/gabriel_marcel_existencia_como_misterio.html, consultado em 20 de abril de 2018.

https://www.ebiografia.com/erich_fromm/, consultado em 20 de abril de 2018.

https://www.ebiografia.com/georg_simmel/ consultado em 20 de abril de 2018.

https://www.ebiografia.com/martin_heidegger/ consultado em 20 de abril de 2018.

<https://www.ebiografia.com/heraclito/>, consultado em 20 de abril de 2018.

<https://www.ebiografia.com/hegel/>, consultado em 20 de abril de 2018.

<http://biografias.netsaber.com.br/biografia-1935/biografia-de-johannes-eckhart--o-mestre-eckhart>, consultado em 20 de abril de 2018.

https://www.ebiografia.com/tomas_de_aquino/, consultado em 20 de abril de 2018.

<http://www.ihu.unisinos.br/170-noticias/noticias-2014/527799-morre-aos-81-anos-o-padre-joao-batista-libanio>, consultado em 23 de abril de 2018.

https://www.ebiografia.com/leonardo_boff/, consultado em 4 de maio de 2018.

<https://educacao.uol.com.br/biografias/jacques-derrida.htm>, consultado em 4 de maio de 2018.

https://www.ebiografia.com/arthur_schopenhauer/, consultado em 16 de maio de 2018.

https://www.ebiografia.com/jean_piaget/, consultado em 16 maio de 2018.

ANEXOS

Tradições **DE PASSAGEM DE** Ano

Em **Portugal** a tradição mais comum é celebrar as 12 badaladas, comendo 12 passas ao mesmo tempo que se pedem 12 desejos, para os próximos 12 meses.

Entre as várias tradições nacionais, há umas mais comuns como:

- Escolher a cor da roupa interior, de acordo com os desejos para o próximo ano;
- Utilizar uma peça de roupa nova;
- Saltar de uma cadeira com dinheiro da mão, no bolso ou no sapato;
- Fazer barulho com tampas de panelas, buzinas ou apitos, para afastar o mau olhado;
- Saltar ou entrar num local com o pé direito;
- Brindar com espumante;
- O fogo de artifício;
- Beijar o seu companheiro;
- Dar um mergulho no mar à noite ou no dia seguinte;
- Cantar as Janeiras; entre outras.

Espanha: Os espanhóis, tal como nós, têm a tradição de celebrar as 12 badaladas. Na sua maioria, optam por uvas e não passas. Na capital, Madrid, a meia noite é passada na Puerta Del Sol e só depois vão festejar para as discotecas e bares.

Itália: Os italianos têm como tradição escrever os seus desejos num papel e atirar para a lareira na mudança do ano, esperando que estes se realizem. Para simbolizar a renovação e o recomeço de um novo ano, têm também a tradição de deitar fora roupas, peças e objetos que já não precisam nem têm utilidade. Em relação à cor da lingerie, a tradição em Itália é utilizar-se o vermelho.

Brasil: No Brasil a Passagem de Ano é por norma celebrada na praia, até porque é verão e o tempo está quente. O destino mais conhecido é Rio de Janeiro e a praia de Copacabana, que se enche de milhares de pessoas que assistem aos espetáculos, concertos e o famoso fogo de artifício. Um dos rituais obrigatórios em nome de Yemanjá, é vestir roupa branca e atirar flores ao mar depois de saltar 7 ondas.

Reino Unido: Se o seu destino for Londres, irá assistir a um dos Réveillons mais famosos do mundo, com fogo de artifício nas margens do Rio Tamisa ao som das badaladas do Big Ben.

Irlanda: A tradição na Irlanda é as raparigas solteiras dormirem com azevinho debaixo da almofada, na esperança de encontrar um novo amor no próximo ano. Outra das tradições mais célebres é o mergulho nas águas geladas do Atlântico na manhã de dia 1 de janeiro. Um ritual cumprido apenas pelos mais corajosos.

França: Em França, a comemoração mais conhecida é em Paris, na Avenida Champs-Élysées com um grande fogo de artifício e a brincar com flutes de champagne.

Estados Unidos da América: A principal tradição é o Beijo da meia noite. Em Nova Iorque, a zona mais conhecida é Times Square, onde a contagem decrescente é celebrada com a descida da célebre “Eve Ball” que explode assim que se entra no novo ano. O Réveillon é sempre festejado com grande euforia e animação.

Filipinas: Um dos rituais mais curiosos é o das Filipinas, onde têm por hábito utilizar uma peça de roupa às bolas. Os filipinos creem que pela sua forma se assemelha à forma das moedas, terão um ano mais próspero e financeiramente mais rico. A peça deve ainda ter bolsos para guardar algumas moedas.

México: Os mexicanos, como símbolo de renovação, tem o ritual de lavar a casa, a roupa e os bens.

BOM Ano



Projeto(s)

A palavra projeto deriva do latim e significa «lançar para a frente», sugerindo movimento, ação, uma trajetória que se visualiza no tempo e no espaço, com um ponto de partida e outro de chegada.



Envolve também a construção de algo novo e a transformação da realidade presente, sugerindo a ideia de futuro.

Um Projeto

É um processo que nos permite aplicar ideias na transformação da realidade, através de estratégias e ações concretas;

Tem como objetivo alterar a realidade pessoal ou social;

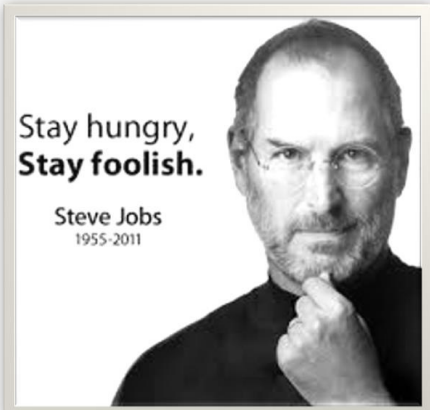
Concretiza-se num determinado contexto social, espacial e temporal;

Permite que as pessoas cresçam experimentando;

Resulta de uma atividade pessoal ou coletiva que obedece a um plano previamente estabelecido;

Inclui um processo avaliativo centrado na relação entre as ideias, as ações e o produto final.

Discurso de Steve Jobs na Universidade de Stanford, 12 de junho de 2005



**Stay hungry,
Stay foolish.**

Steve Jobs
1955-2011

Mantenha-se faminto por coisas novas, mantenha-se certo de sua ignorância. Continue ávido por aprender, continue ingênuo e humilde para procurar. Tenha fome de vida, sede de descobrir.

Documento 4 – Diapositivo utilizado para a revisão da Aula 2 e diapositivo com o sumário da Aula 2.



Lição 2

11 de janeiro de 2018


Sumário:


Projeto de vida e vocação.


Estas e muitas outras questões são já um primeiro passo na definição de um projeto de vida. É importante conhecermos a nós próprios para melhor traçar um projeto adequado à nossa situação concreta. Encontrar as respostas para estas perguntas é um momento essencial na definição das linhas principais do próprio projeto de vida. Mas essas respostas remetem para uma multiplicidade de projetos de vida alternativos. Impõe-se, portanto, um conjunto de escolhas.


Responde às questões enunciadas. Usa o espaço da fotomontagem com o título “Eu, Projeto”.


EU, PROJETO


 Quem sou? _____


_____  O que me faz sentir feliz?

 O que falta fazer para que a
minha existência seja perfeita? _____

_____  QUAL O MEU LUGAR
NA SOCIEDADE?

_____  Que marca pessoal quero
deixar no mundo e nos outros?

 Que caminho
quero percorrer? _____

_____  Será que estou satisfeito com a minha vida?

Lição nº _____

11/01/2018

Sumário:

A Estrada



Na estrada para ser feliz nunca quis mal a ninguém
Nesta vida já me chegam bem os espinhos que ela tem
Mas lá calha ser ingrato e infantil
Por ter a cabeça a cem e o coração a mil
Não escolhemos quem nascemos, mas escolhemos quem crescemos
E no muito que nós somos há tanto que nós não vemos
Percebemos só quando não estamos sós
Que o que nós nunca nos vemos os outros vêm em nós.

Egoístas altruístas, obsessivos compulsivos
lários necessários desta coisa de estar vivos
E quebramos e choramos e afinal
encontramos tanta gente que é exatamente igual
Mas nem sempre isso nos chega para acalmar as tempestades
E a dureza da amargura é a mais dura das verdades
É esquisito, mas funciona bem assim
Precisar que tu me ajudes a dar-te o melhor de mim

Precisar que tu me ajudes a dar-te o melhor de mim.

Na estrada para ser feliz eu confundo a direção
E acelero em marcha-atrás até alguém me pôr a mão
Tem havido sempre essa força maior
Mas se algum dia ela falha, vai-se o carro e o condutor
Ainda assim não desisti de ir lançando o carro à estrada
Sonhei demais com a viagem para que ela não dê em nada

Se chegarem novas de que me perdi
Levo tanta coisa boa do pouco que percorri.

Não é certo que o meu corpo faça aquilo que eu digo
Nuns dias tenho coragem e nos outros não consigo
Se nos está nos genes deve ser genial
Um retoque bioquímico ao plano original
Tenho sorte nas pessoas que a vida me vai escolhendo
E se tenho algum problema é só porque não aprendo
Que a ninguém é entregue tudo o que quis
É tudo arrancado a ferros na estrada para ser feliz
Mas isto só faz sentido na estrada para ser feliz.



*E no teu balão!
Qual a palavra que
diz a tua felicidade
como projeto?*



A Estrada



Mas isto só faz sentido na estrada para ser feliz.

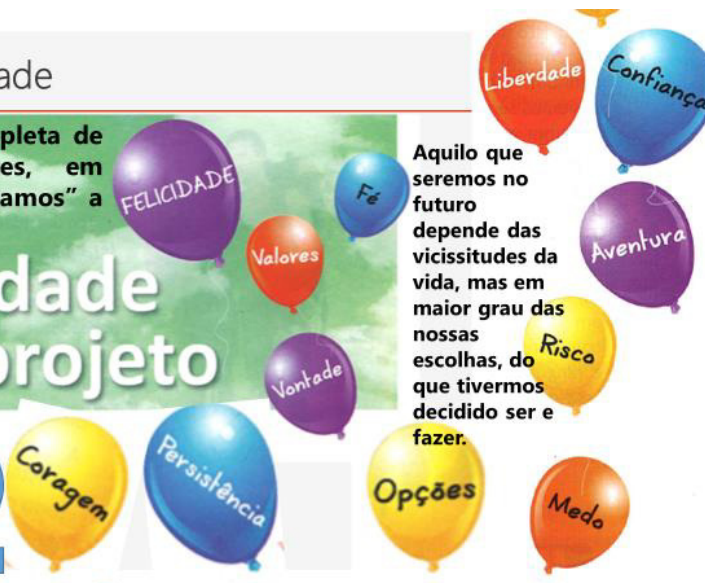
Balão e a Felicidade

A nossa vida está repleta de decisões importantes, em cada uma delas "jogamos" a nossa felicidade.

A felicidade como projeto

E o teu balão!
Qual a palavra que diz a tua felicidade como projeto?

Aquilo que seremos no futuro depende das vicissitudes da vida, mas em maior grau das nossas escolhas, do que tivermos decidido ser e fazer.



Sumário:

A felicidade como projeto.



Ter ou Ser igual a incógnita

Operação das opções no projeto de vida _____

Lição nº _____

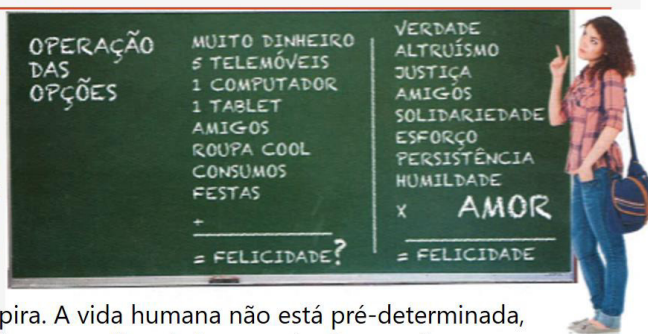
01/02/2018

Sumário:

Opções de vida e “opção fundamental”

Os valores adotados constituem uma opção fundamental, essa opção condiciona todas as escolhas, decisões e comportamentos, uma vez que define os princípios pelos quais cada pessoa se deixa orientar e o ideal de

realização pessoal a que aspira. A vida humana não está pré-determinada, somos nós que a construímos em liberdade, através das opções que tomamos dentro das circunstâncias em que vivemos, somos responsáveis pela vida que escolhemos viver. E ser responsáveis implica assumir as consequências das opções tomadas e saber responder por elas perante nós mesmos e perante os outros.



Opções de vida e “opção fundamental”

Através das nossas ações construímos ou impedimos a felicidade das pessoas com quem lidamos, da mesma forma que elas o fazem em relação a nós, através do modo como se relacionam connosco.

Temos nas nossas mãos, em cada dia, a responsabilidade de tornar a vida de alguém mais feliz.

Participar na construção da sociedade



Sumário:

Operação das opções.

Ter ou Ser a projetar a felicidade.

Parábola dos talentos

¹⁴ O Reino do Céu será também como um homem que, ao partir para fora, chamou os servos e confiou-lhes os seus bens. ¹⁵ A um deu cinco talentos, a outro dois e a outro um, a cada qual conforme a sua capacidade; e depois partiu. ¹⁶ Aquele que recebeu cinco talentos negociou com eles e ganhou outros cinco. ¹⁷ Da mesma forma, aquele que recebeu dois ganhou outros dois. ¹⁸ Mas aquele que apenas recebeu um foi fazer um buraco na terra e escondeu o dinheiro do seu senhor. ¹⁹ Passado muito tempo, voltou o senhor daqueles servos e pediu-lhes contas. ²⁰ Aquele que tinha recebido cinco talentos aproximou-se e entregou-lhe outros cinco, dizendo: 'Senhor, confiaste-me cinco talentos; aqui estão outros cinco que eu ganhei.' ²¹ O senhor disse-lhe: 'Muito bem, servo bom e fiel, foste fiel em coisas de pouca monta, muito te confiarei. Entra no gozo do teu senhor.' ²² Veio, em seguida, o que tinha recebido dois talentos: 'Senhor, disse ele, confiaste-me dois talentos; aqui estão outros dois que eu ganhei.' ²³ O senhor disse-lhe: 'Muito bem, servo bom e fiel, foste fiel em coisas de pouca monta, muito te confiarei. Entra no gozo do teu senhor.' ²⁴ Veio, finalmente, o que tinha recebido um só talento: 'Senhor, disse ele, sempre te conheci como homem duro, que ceifas onde não semeaste e recolhes onde não espalhaste. ²⁵ Por isso, com medo, fui esconder o teu talento na terra. Aqui está o que te pertence.' ²⁶ O senhor respondeu-lhe: 'Servo mau e preguiçoso! Sabias que eu ceifo onde não semeei e recolho onde não espalhei. ²⁷ Pois bem, devias ter levado o meu dinheiro aos banqueiros e, no meu regresso, teria levantado o meu dinheiro com juros.' ²⁸ Tirai-lhe, pois, o talento, e dai-o ao que tem dez talentos. ²⁹ Porque ao que tem será dado e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.

Mt 25,14-29



Saber



Talento é um peso ou uma moeda. Como moeda, equivalia a 6.000 denários. Um denário era o valor pago por um dia de trabalho.

Lição nº _____

08/02/2018

Sumário:



Ouve e visualiza o proposto, acede no QR Code.

Visualiza de: 1m07s até 4m37s

Depois, responde às perguntas abaixo.



Angelina Jolie discursa ao receber o prémio Jean Hersholt Humanitarian

Angelina Jolie é desde 2012 a enviada especial do Alto Comissariado das Nações Unidas para os refugiados, já tendo participado em mais de 40 missões no mundo.

- 1. Angelina Jolie fala da sua mãe, qual o maior ensinamento que retira e expõe perante a plateia?**

- 2. O que compreendeu Angelina Jolie quando começou a viajar?**

- 3. No encontro com os sobreviventes de guerras, de fome e de violações, Angelina Jolie compreendeu o que é a vida daquelas pessoas e a sorte dela própria porque?**

Com isto, declara o quanto ela tinha sido protegida.

- 4. “Mas farei o que a minha mãe me pediu, e vou fazer o melhor que puder nesta vida. Para ajudar.” Qual o significado, que em grupo atribuem, para a frase de Angelina Jolie?**



Ouve e visualiza o proposto, acede no QR Code.

Visualiza o excerto da entrevista: 1m10s até 4m35s

Depois, responde às perguntas abaixo.



Exclusivo SIC: Entrevista a António Guterres

1. **O que é expressado, por António Guterres, em relação ao que o motiva pessoalmente, em relação à sua vida, para se lançar na campanha para Secretário Geral das Nações Unidas?**

2. **O que fez desencadear o seu interesse para a intervenção política?**

3. **Como caracteriza a sua mudança profissional e o seu percurso humanitário?**

4. **Qual o significado, que em grupo atribuem, para que António Guterres compare a sua vida com a “Parábola dos talentos”?**



Ouve e visualiza o proposto, acede no QR Code.

Depois, responde às perguntas abaixo.



Reportagem TVi: 805 Million Names - Zlatan Ibrahimovic

1. **Através do seu talento como jogador de futebol, tira a camisola para festejar um golo e mesmo sujeito a castigo revelou ao mundo o que o mundo ainda não conhecia... O que revelou Zlatan?**

2. **Qual a intenção de Ibrahimovic ao tatuar o nome de pessoas, identificadas como pessoas a sofrer de fome?**

3. **Como alerta a quem sofre por causa da guerra, com desastres naturais e pobreza extrema, o que pede Zlatan aos seus apoiantes de todo o mundo?**

4. **“Sempre que ouvir o meu nome, você vai pensar nos nomes deles. E quando estiver a ver-me, você vai vê-los”, o que pretende o jogador com a sua atitude e as suas palavras?**

Valorizar os talentos



Lição

8 de fevereiro de 2018

Sumário:

A parábola dos talentos e a participação ativa na construção do bem comum.

Everything

Find me here
And speak to me
I want to feel you
I need to hear you
You are the light
That's leading me
To the place
Where I find peace
Again

You are the strength
That keeps me walking
You are the hope
That keeps me trusting
You are the life to my soul
You are my purpose...You're everything

And how can I stand here with you
And not be moved by you?
Would you tell me how could it be any better than this?

You calm the storms
And you give me rest
You hold me in your hands
You won't let me fall
You steal my heart and you take my breath away
Would you take me in?
Take me deeper, now?

And how can I stand here with you
And not be moved by you?
Would you tell me how could it be any better than this?

And how can I stand here with you
And not be moved by you

'Cause you're all that I want
You're all I need
You're everything, everything

You're all I want
You're all I need
You're everything, everything
You're all I want
You're all I need
You're everything, everything
You're all I want
You're all I need
Everything, everything

And how can I stand here with you
And not be moved by you?
Would you tell me how could it be any better than this (Bis)

And how can I stand here with you
And not be moved by you
Would you tell me how could it be any better than this
Would you tell me how could it be any better than this

Tudo

Encontro-me aqui
Fala comigo
Eu quero sentir-Te
Eu preciso de ouvir-Te
Tu És a luz
Que me está a guiar
Para o lugar
Onde eu encontro paz
Outra vez

Tu És a força,
que me mantém a caminhar.
Tu És a esperança,
que me mantém a confiar.
Tu És a vida para a minha alma.
Tu És o meu sentido...Tu És tudo.

E como posso permanecer aqui Contigo
e não ser movido por Ti?
És capaz de me dizer como é que seria possível ser
melhor do que isto?

Tu acalmas as tempestades,
E dás-me descanso.
Tu seguras-me nas Tuas mãos,
Não me vais deixar cair.
Tu roubas-te o meu coração, e tiras-me o folego.
Tu recebes-me?
Levas-me para o mais profundo, agora?

E como posso eu permanecer aqui Contigo
e não ser movido por Ti?
És capaz de me dizer como é que seria possível ser
ainda melhor do que isto?

E como posso eu permanecer aqui Contigo e não ser
movido por Ti?

Porque Tu És tudo o que eu quero,
Tu És tudo o que preciso
Tu És tudo, tudo

Tu És o que eu quero,
Tu És tudo o que preciso
Tu És tudo, tudo (3X)

E como é que eu posso permanecer aqui Contigo
e não ser movido por Ti?
És capaz de me dizer como é que seria possível ser
ainda melhor do que isto? (Bis)

E como é que eu posso permanecer aqui Contigo
e não ser movido por Ti?
És capaz de me dizer como é que seria possível ser
ainda melhor do que isto?
És capaz de me dizer como é que seria possível ser
ainda melhor do que isto?

A **esperança**, a **alegria** e a **confiança** são próprias de quem tem fé. Na fé encontra-se a paz necessária para o discernimento, para vencer o medo das opções e arriscar num futuro desejado. A aventura é própria de quem é jovem, mas ninguém pode aventurar-se na escuridão sem saber para onde caminha. Definir um projeto de vida implica, por isso, ver com clareza quem somos e para onde queremos caminhar. É necessária a coragem para optar e a confiança para avançar. Escutar os apelos de S. Paulo poderá ser um bom principio para seguir em frente com o projeto de vida. **Ousa confiar!**

O amor faz o bem

⁹Que o vosso amor seja sincero. Detestai o mal e apegai-vos ao bem. ¹⁰Sede afetuosos uns para com os outros no amor fraterno; adiantai-vos uns aos outros na estima mútua. ¹¹Não sejais preguiçosos na vossa dedicação; deixai-vos inflamar pelo Espírito; entregai-vos ao serviço do Senhor. ¹²Sede alegres na esperança, pacientes na tribulação, perseverantes na oração. ¹³Partilhai com os santos que passam necessidade; aproveitai todas as ocasiões para serdes hospitaleiros. ¹⁴Bendizeis os que vos perseguem; bendizei, não amaldiçoeis. ¹⁵Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram. ¹⁶Preocupai-vos em andar de acordo uns com os outros; não vos preocupeis com as grandezas, mas entregai-vos ao que é humilde; não vos julgueis sábios por vós próprios. ¹⁷Não pagueis a ninguém o mal com o mal; interessai-vos pelo que é bom diante de todos os homens. ¹⁸Tanto quanto for possível e de vós dependa, vivei em paz com todos os homens

Rm 12,9-18

Lição nº _____

22/02/2018

Sumário:

A fé como fonte de felicidade

A fé não depende apenas da nossa vontade, mas é um dom de Deus que se faz presente na vida de cada pessoa. No entanto, depende da nossa vontade acolhê-la no espaço mais profundo da nossa consciência onde Deus caminha connosco.

A experiência de fé cristã manifesta-se na relação pessoal e comunitária com Jesus Cristo, acolhendo-o e aceitando a sua presença na própria vida. Amar à maneira de Jesus é fazer uma opção preferencial pelo outro, em doação gratuita. Ter **fé é abraçar o amor de Deus e transformá-lo em doação** constante aos outros que connosco partilham a vida. Neste sentido, **os crente encontram na fé a fonte de felicidade.**

A esperança, a alegria e a confiança são próprias de quem tem fé. É necessária a coragem para optar e a confiança para avançar.

“Sede alegres na esperança, pacientes na tribulação, perseverantes na oração.” Rm 12,12

Lição

22 de fevereiro de 2018

Sumário:

A fé como fonte de felicidade.

Documento 19 – Diapositivo usado para mostrar o poema “Conheço barcos”, lembrança da professora estagiária aos alunos

Conheço barcos

Autor desconhecido



Conheço barcos que ficam no porto
Com medo de que as correntes os arraste violentamente
Conheço barcos que enferrujam no porto
Para não arriscarem o futuro ausente.

Conheço barcos que se esquecem de zarpar.
Por estarem a envelhecer, temerem o tempo
E a solidão das vagas e o fragor do vento...
A sua viagem terminou antes de começar.

Conheço barcos tão amarrados
Que ignoram ser possível sonhar.
Conheço barcos que ficam parados
Por terem receio de se desencontrar.

Conheço barcos que velejam aos pares,
Afrontando o temporal quando o furacão os fustiga.
Conheço barcos que arranham as vigas
Nas rotas abertas no corpo dos mares.

Conheço barcos que regressam ao porto,
Com rombos no casco, mas dignos e fortes.
Conheço barcos que são solidários
Porque partilharam os ventos do Norte.

Conheço barcos que transbordam de amor
Quando navegam até ao último dia.
Jamais recolheram as velas de condor
Porque no seu coração habita a ousadia.